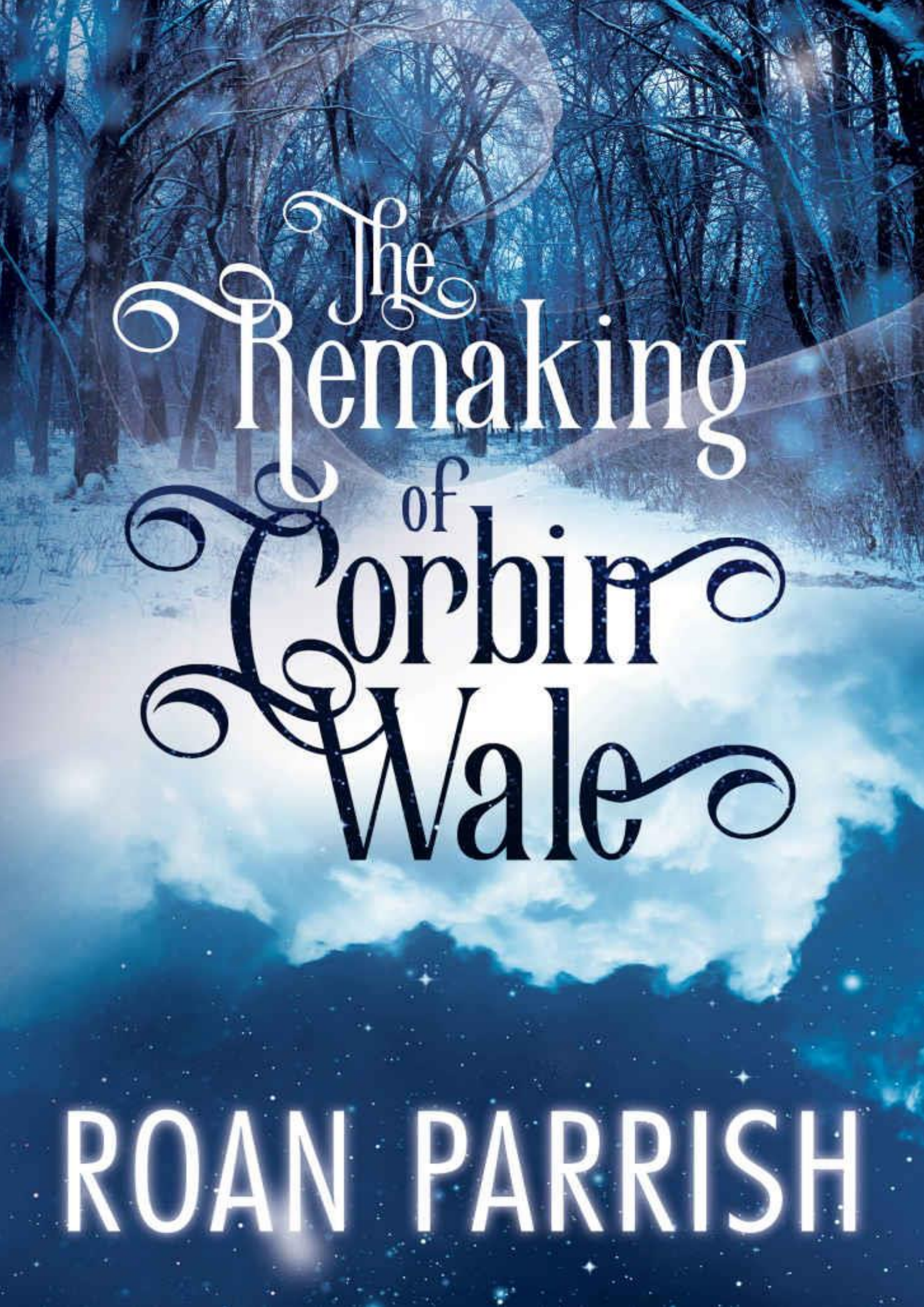
The Remaking of Corbin Wale
ROAN PARRISH

AVISOS

A presente tradução foi efetuada de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando posteriormente a aquisição.

O grupo não tem o objetivo de obter lucros, seja direta ou indiretamente.

Selecionamos livros que estão sem previsão de publicação no Brasil, assim, afim de preservar direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo poderá retirar sem aviso prévio e suspender o acesso aos livros que serão lançados por editoras.

Prezem pelo grupo, não distribuam livros feitos por nós em blogs, páginas do facebook e grupos abertos.

Nunca falem sobre livros que foram feitos por nós para autores(as), digam que leram no idioma original.

Prestigiem sempre que puderem os autores comprando seus livros, afinal eles dependem disso não é mesmo?

SALEM WITCHES

TRADUÇÕES



Dezembro, 2020

Sinopse

O amor é a verdadeira magia...

No mês passado, toda a vida de Alex Barrow implodiu - parceiro, casa, trabalho, tudo perdido em 48 horas. Mas às vezes, quando tudo desmorona, coisas melhores parecem quase mágica. Agora, ele está de volta à sua cidade natal em Michigan, finalmente abrindo a padaria com a qual sempre sonhou. Mas o prazer do dia da estreia não é nada comparado ao homem lindo e solitário que enfeitiça Alex antes mesmo de ele fazer o pedido.

Corbin Wale é um estranho. Pelo menos, foi isso que ele ouviu durante toda a vida. Ele sabe que muitas vezes está em um mundo de fantasia, mas as coisas que sente são muito reais. E essa é a razão pela qual ele nunca, jamais pode estar com Alex Barrow. Mesmo que Alex seja tudo o que ele sempre fantasiou. Mesmo que talvez, apenas talvez, Corbin seja a fantasia de Alex também.

Quando Corbin começa a trabalhar na padaria, ele e Alex não podem mais negar sua conexão. Enquanto a temporada de férias faz sua mágica, Alex anseia pelo homem que parece fora de alcance. Mas para estar com Alex, Corbin terá que desafiar cada verdade que ele já conheceu. Se o risco das férias valer a pena, dois homens de mundos diferentes obterão o amor que sempre desejaram.

Parte Um: Terra



Alex

Capitulo 1

Alex Barrow gostava de dar vida às coisas.

Um mês atrás, ele tinha amigos, um amante e um emprego de prestígio em Nova York. Uma semana depois disso, ele se viu de volta à sua cidade natal em Michigan, onde não passara mais de uma semana desde que partira, doze anos antes. Ele não tinha nada em seu nome, exceto - agora - a padaria onde ele estava. E, no entanto, sozinho na escuridão da madrugada do dia da inauguração, Alex se sentia mais leve do que em anos. Ele respirou fundo o ar com cheiro de folha e se sentiu sorrir. Sim, Alex gostava de dar vida às coisas, e ele trouxe a padaria dos destroços de sua vida em Nova York.

Tudo começou com o golpe duplo de Timo rompendo com ele, e Rustica, o restaurante no West Village onde Alex trabalhava como chef confeiteiro por quatro anos, sendo comprado por um conglomerado corporativo. Sem um namorado e um emprego em 48 horas, Alex não tinha certeza de qual fora o maior golpe. E isso, seu melhor amigo Gareth apontou com uma piscadela de conhecimento, deveria dizer a ele algo importante sobre ambos.

Timo era um radiologista dono do apartamento em que moravam. Ele era maduro, sensato, bonito e inteligente. Ele tinha um plano de três anos, um plano de cinco anos e um plano de dez anos, todos os quais, ele explicou pacientemente durante a conversa que se transformou em um rompimento altamente civilizado, incluía Alex. O fato de Alex não saber que estava incluído nesses planos tinha sido um problema. O fato de ele ter tido muito pouco

interesse neles, uma vez que foi informado, tinha sido um problema mais revelador.

Como Alex tinha deitado no sofá naquela noite - porque Timo era muito maduro e medido para sugerir que ele fosse embora repentinamente, mas Alex achou muito estranho compartilhar a cama com o homem que tinha sido seu parceiro e de repente não era - ele percebeu que ele sentia... não tanto quanto ele esperava. Certamente menos do que ele imaginava que deveria se sentir depois de estar com alguém por três anos, morar com ele por dois, conhecer sua família, compartilhar sua cama e saber como ele era e o que o fazia chorar.

E ele pensou que talvez Timo sentisse menos do que esperava também.

Perder Timo certamente foi um inconveniente, pois deixou Alex sem um lugar para morar. Entrar em Rustica na noite seguinte para o anúncio de sua venda, por outro lado, tinha sido devastador. Descobrir na tarde seguinte que poderia manter o emprego se simplesmente produzisse o cardápio que a equipe corporativa projetou, mas não teria mais a liberdade de desenvolver suas próprias receitas, foi devastador. Sem apartamento, ele certamente precisava do salário. Mas ele não queria ser uma máquina, produzindo os mesmos pastéis semana após semana, ano após ano. Foi por isso que ele deixou seus dois primeiros empregos em padarias tradicionais. Sem controle criativo e sem poder sobre o menu, ele estava entediado como uma pasta.

Ele deixou Rustica e caminhou por Lower Manhattan por horas, fazendo listas de prós e contras em sua cabeça. Quando seu telefone vibrou com uma ligação de sua mãe, Alex quase o ignorou, não querendo admitir o fracasso em duas frentes para a mulher que só queria vê-lo feliz. Mas ele respondeu de qualquer maneira, e a ouviu falar sobre o tempo, o último jogo de futebol que atrapalhou o tráfego até a casa dela, uma nova loja que tinha sido aberta do

outro lado da rua de Helen & Jerry's Java. Enquanto ouvia, ele se acalmou pensando no outono de Ann Arbor.

Sobre como os dias eram quentes, mas as noites esfriavam assim que o calor do sol se dissipava. O caminho para o centro cheirava a café e cones de waffle, folhas e musgo virando. A maneira como a música de luta do U of M tocava buzinas de carros, janelas de casas e toques de celular durante a temporada de futebol e ficava presa na sua cabeça mesmo se você não fosse fã de futebol.

Quando sua mãe disse a ele que, ultimamente, a artrite em suas mãos tinha piorado tanto que ela não conseguia mais fazer os drinks de café no Helen & Jerry's Java - o café que ela e seu pai abriram seu último ano no ensino médio, e que sua mãe corria sozinha desde que seu pai morrera dez anos atrás - e que ela desejava poder tirar férias, dirigir para o norte com seu novo namorado (seu termo), a cabeça de Alex tinha ficado confusa. E então ficou muito, muito claro.

—Mãe, — ele disse suavemente. —Acho que estou voltando para casa.

E agora aqui estava ele. Ele despachou seus pertences, surpreso, mas não chateado ao descobrir que não possuía muito que se importasse o suficiente para segurar. Ele avisou Rustica e reservou um voo. Quando pousou em Detroit, não parecia que estava se movendo, era como uma visita, como fizera dezenas de vezes antes.

Ele tinha uma pequena mochila de lona e seu laptop, como se estivesse chegando para um longo fim de semana, como sempre fazia. O táxi o deixou na garagem de sua mãe, como sempre acontecia, e sua mãe tinha ido ao seu encontro, como sempre fazia. Ela disse a ele que ele parecia tão bonito, assim como ela sempre estava, e ele viu o momento em que seus olhos umedeceram,

pensando em como ela desejava que seu pai estivesse aqui, assim como ele sempre fazia.

Era igual, só que tudo era diferente.

Porque desta vez, quando a mãe dele o acomodou na mesa da cozinha com uma xícara de café e uma xícara de descafeinado para ela, ela não disse: "Então, me conte tudo", como sempre fazia. Desta vez, ela disse: —Então, aqui está o plano.

Agora, depois de semanas de trabalho, a padaria que existia em sua cabeça por anos, mudando gradualmente os conceitos de menu, combinações de cores e layouts, finalmente era uma realidade. Helen & Jerry agora era E Filho. Gareth achou que era um nome ridículo; A mãe de Alex chorou.

Alex poderia dizer agora - munido de conhecimento da indústria de restaurantes e treinamento profissional em panificação - que Helen & Jerry's Java não tinha sido uma boa cafeteria. O layout era ruim, o café medíocre e os doces... bem, quanto menos se falar sobre eles, melhor. Alex o havia transformado completamente. Os funcionários de sua mãe aproveitaram a chance de registrar horas extras pintando, limpando, reorganizando e executando tarefas intermináveis. Foi pura sorte Mira, uma das baristas que trabalhava lá por alguns anos, ter anunciado que trabalhou na construção para seu pai durante todo o ensino médio. Alex a pagou para construir o balcão e adicionar um banco ao longo do perímetro do café.

Enquanto eles trabalhavam atrás das janelas com fita de papel, Alex passava seu tempo procurando ingredientes, preparando entregas e projetando seu menu.

As melhores padarias tinham uma visão coesa. Você não queria um balcão vendendo muffins de farelo ao lado de tortas de limão ao lado de baklava ao lado de polvorones. O menu precisava ter variedade, mas não

parecer caótico - oferecer surpresas, mas não opressor. Para cada receita que ele adicionava ao menu mental em sua mente, Alex havia mudado outra. Quando ele percebeu que precisava de um esmalte de limão neste ou pimenta de Caiena naquele, deu vida a outra avenida de sabores.

Ele se sentiu como uma criança, sentado de pernas cruzadas na pesada mesa de preparação de aço, rabiscando as receitas dos seus sonhos em notas adesivas que ele reorganizava repetidamente no metal frio. Ele tinha tantas coisas que queria experimentar, tantas ideias que acabou enfiando todas as notas de volta em uma pilha, colocou-as na estante e disse a si mesmo: *dez e cinco. Dez itens básicos e cinco especiais. Comece aí e você pode adicionar mais depois.*

Alex sempre teve um pouco de dificuldade em controlá-lo.

E Filho estava reabrindo em uma segunda-feira fria e fresca que cheirava a chuva que não caía. Alex estava lá desde as 3h30 daquela manhã, assando bolos, e quando seus funcionários apareceram às 6h30, ele sorriu com os sons de surpresa que eles fizeram enquanto olhavam ao redor da padaria pronta.

—É incrível! — Mira falou quando Alex saiu da cozinha. Sean, o outro barista que trabalhava para sua mãe, concordou.

—Graças a vocês. — Ele disse, e sorriu para Mira. Mas ele estava realmente satisfeito com o resultado.

As paredes da área de estar eram verdes e atrás do balcão uma quente terracota. Desenhos a caneta e tinta pendurados em molduras de madeira não tratada. A bagunça de pequenas mesas e cadeiras em excesso havia desaparecido. Em seu lugar havia várias mesas de quatro e seis tampos e um longo banco acolchoado com mesas ao redor do perímetro do café sob as janelas.

Havia plantas nos cantos, suculentas em vasos em pequenas prateleiras de madeira nas paredes e plantas aéreas penduradas no teto de estanho prensado. Todo o efeito era calmo, quente e pacífico.

A mordida terrosa do café, o cheiro reconfortante de pão recém-assado e o estalo do açúcar fizeram o estômago de Alex roncar, e ele levou um muffin de streusel de canela para a cozinha. Ele tirou uma foto de si mesmo dando uma mordida enorme e enviou para Gareth.

Alex conheceu Gareth no primeiro dia de aula de culinária, e eles rapidamente se tornaram amigos e depois companheiros de quarto. Por dez anos, Gareth foi a única constante em uma vida agitada e caótica. Alex sentiu a dor de distância que não sentia desde o primeiro ano após a morte de seu pai, quando acordava algumas manhãs e se lembrava de novo de que havia partido. Tinha sido Gareth que ele ligou de Ann Arbor quando sua mãe se sentou com ele um mês antes e disse que ela havia cedido o café para ele. Gareth que disse que ele seria um idiota se não transformasse o café em uma padaria própria.

Feliz dia de inauguração! Gareth escreveu de volta em resposta à foto do muffin. *Tente não comer TODO o estoque.* Então, um segundo depois, *estou orgulhoso de você.*

A sensação de calor no estômago de Alex persistiu enquanto ele deslizava uma bandeja de croissants para fora do forno e acrescentava notas ao fichário de receitas.

Quando destrancaram a porta às sete, a mãe de Alex foi a primeira a passar. Ele não tinha deixado sua mãe ver a padaria, e seu queixo caiu quando ela olhou ao redor. Ela balançou a cabeça para ele, e ele viu a umidade em seus olhos quando ela o puxou para um abraço forte.

—Ainda acho que deveria ter sido '& Son', com um E comercial. — Disse ela, fungando.

—Mãe, eu te disse, é mais difícil de pesquisar e difícil de colocar o URL de um site. As pessoas não sabem como é chamado, então elas dirão, 'É chamado & filho, mas com aquele e-sinal'. Além disso, *E* é bom para listagens em ordem alfabética, ou...

—Ok, ok, você sabe o que está fazendo e eu deveria parar, estou ouvindo. — Ela concedeu, caminhando até o balcão para cumprimentar Mira e Sean.

Um homem se arrastou atrás dela e estava educadamente parado ao lado. Alex se virou para ele e estendeu a mão. —Você deve ser Lou Wright. Eu sou Alex. Prazer em conhecê-lo.

Lou sorriu para ele enquanto eles tremiam. Ele tinha olhos castanhos travessos, pele marrom escura, uma careca, um sorriso caloroso e maneiras fáceis. Alex percebeu imediatamente por que sua mãe gostava dele.

Alex levou café e croissants para sua mãe e Lou e estava prestes a se retirar para a cozinha quando alguém se aproximou do balcão. Alguém de quem Alex não conseguia desviar o olhar.

O homem era alguns centímetros mais baixo do que o metro e oitenta de Alex e era magro - quase esguio. Ele tinha um emaranhado de cabelo escuro que caia ao redor de seu rosto e olhos quase tão escuros. Sua pele era dourada clara e havia sardas em seu nariz delicado. Ele olhou para Alex, os olhos meio escondidos atrás daquele véu de cabelo, com a cabeça inclinada como um pássaro.

—Café por favor.

Ele era o homem mais bonito que Alex já tinha visto. De aparência estranha, um pouco desajeitada e meio selvagem, os animais que viviam lado a lado com as pessoas, mas nunca entravam como animais de estimação. Seu

rosto e a postura de seus ombros faziam Alex querer caminhar pela floresta enquanto as folhas caíam, correr pelos campos para derrubá-lo na grama aquecida pelo sol, levar flores aos lábios para ver quais eram mais macias. Bonito.

—Oi —, disse Alex. —Olá. Bom Dia. Bem-vindo ao E Filho. Acabei de abrir.

O homem inclinou a cabeça na outra direção e acenou com a cabeça. — Café. — Disse ele calmamente. Seu tom dizia que era um pedido, embora sua voz não se elevasse no final para entoar a pergunta.

—Claro. — *Controle-se, Alex.* —Claro, médio ou escuro?

Ele encolheu os ombros. —Escuro. — Sua voz era baixa e suave, e havia algo tão familiar nele de repente que Alex estreitou os olhos contra o choque de déjà vu. Mas era assim que voltava para Ann Arbor. Sempre a sensação de familiaridade emparelhada com aquela descontinuidade chocante.

Sob o escrutínio de Alex, o homem baixou um pouco o queixo e o olhou feio.

—Já está indo —, disse Alex. —Posso pegar algo para você comer?

O homem balançou a cabeça, mas o brilho se foi e, quando ele entregou o dinheiro, foi substituído por um olhar distante que fez Alex sentir que não era mais visto. Ele roçou a palma da mão do homem com a ponta dos dedos enquanto pegava as notas, e seus olhos se encontraram por um momento. Então o homem se afastou.

Ele não colocou nada no café, apenas aninhou a caneca enquanto se dirigia para a mesa do canto e se acomodava no banco, os joelhos afiados através do jeans desbotado. Ele tirou um caderno preto de sua mochila de lona esfarrapada e imediatamente se curvou tão perto dele que as pontas de seu cabelo roçaram o papel.

Ele parecia completamente absorto no que quer que estivesse no livro, e depois de um tempo Alex voltou para a cozinha, deixando a frente para Mira e Sean.

Quando Alex trouxe baguetes para o balcão na hora do almoço, o homem ainda estava lá. Ele ainda estava curvado sobre o livro, mas agora estava desenhando, suas linhas fluidas, rápidas e estudadas.

—Você conhece aquele cara? — Alex perguntou a Mira.

—Corbin Wale, — ela disse suavemente. —Ele vem há anos, de acordo com Helen - er, sua mãe. Desde antes de começar a trabalhar aqui. Às vezes ele está aqui todos os dias durante duas semanas, às vezes uma vez por semana, às vezes ele não aparece por um mês. Ele sempre senta e desenha. Helen sempre o deixava. — Ela mordeu o lábio. —Está tudo bem? Ou você quer que eu faça...

—Não, está bem. Eu só estava curioso. Obrigado. — Mira parecia aliviada.

Alex cortou um pedaço de baguete quente pela metade, espalhou generosamente um lado com manteiga salgada e despejou geleia de ameixa em uma tigela. Ele colocou tudo em um prato e levou para a mesa no canto. Corbin não ergueu os olhos. Ele não pareceu notar Alex.

—Corbin? — Ele disse suavemente.

Corbin estremeceu, seu cotovelo quase derrubando a xícara de café vazia da mesa. Os olhos que encontraram os de Alex eram arregalados e selvagens.

—Desculpe —, disse Alex. Ele manteve sua voz suave e sorriu. —Eu pensei que talvez você gostaria de um lanche. — Ele colocou o prato na mesa e deu um passo para trás, já que Corbin parecia ameaçado por sua aproximação.

—Eu não... Eu não pedi isso. — Corbin piscou rapidamente como se estivesse saindo de um sonho, confuso sobre o que era real e o que não era.

—Não, eu só pensei que você poderia gostar. — Para a boca escancarada e os cílios trêmulos, ele acrescentou: —Já que acabei de reabrir, queria dar as boas-vindas aos clientes. Você costumava entrar quando esta era a casa da minha mãe, certo?

—Sua mãe. Helen é sua mãe.

—Sim. Ela me pediu para assumir o lugar. Tem dado muito trabalho para ela ultimamente. Ela fica cansada.

—Cansada. — Corbin ecoou, e seus ombros caíram um pouco, como se a palavra tivesse se instalado em seu corpo.

—Eu sou Alex. É Corbin, certo? Isso é o que Mira disse. — Ele acenou com a cabeça para sua funcionária e ela sorriu.

Corbin deu um aceno gaguejante. Seus olhos passaram da comida na mesa para o rosto de Alex. —Você não quer que eu vá embora. — Alex percebeu que ele dizia todas as suas perguntas como afirmações.

—Não. Eu estou feliz por você estar aqui. — Foi uma resposta fácil - uma resposta que qualquer novo empresário daria a um cliente -, mas Alex sentiu a verdade disso até os pés. —Por favor sinta-se em casa.

Alex tentou ter um vislumbre do que Corbin estava trabalhando, mas o caderno estava coberto pelos braços de Corbin, intencionalmente ou não. Tudo o que era visível eram algumas linhas pretas pontiagudas e uma curva índigo formando um arco sob o pulso de ossos finos de Corbin.

—Bem, vou deixar você com isso. — Disse Alex, e voltou para a cozinha. Ao pegar a farinha e a manteiga para fazer a crosta da torta, ele percebeu o que sentiu foi uma vaga sensação de decepção. Decepção por não ter visto o conteúdo do caderno. Decepção por Corbin não ter pedido a ele para

se sentar e se juntar a ele. Decepção que Corbin parecia se aproximar de si mesmo com cada centímetro que Alex se movia para perto.

E quando ele trouxe duas tortas no final da tarde, desapontamento ao encontrar a mesa no canto vazia, sem nenhum sinal de Corbin ter estado lá.

Capitulo 2

Alex tinha um problema.

Alex tinha um problema e era escrito *CORBIN WAL*.

O problema era que todas as manhãs Alex trabalhava com a respiração suspensa, encontrando desculpas para sair da cozinha e ver se Corbin estava lá. O problema era que quando Corbin estava lá, os olhos de Alex pareciam magnetizados para ele - para a inclinação de sua cabeça em seu pescoço gracioso. Para a maneira como seus dedos finos e roídos pelas unhas manejavam uma caneta como um bisturi, implacável e exigente. Para o cabelo que muitas vezes obscurecia seu rosto. Para os olhos que olhavam resolutamente para baixo, completamente absortos em seu trabalho, ou fixos, sonhadoramente, em algo acima e à direita que Alex achava que não estava vendo.

Alex esperaria, esperando que algum barulho alto ou mudança repentina no ar chamasse a atenção de Corbin. Tirando-o da absorção ou do sonho e trazendo-o de volta a um lugar onde Alex pudesse alcançá-lo.

Não que Alex não tentasse. Às vezes, ele até conseguia, por um tempo.

Na próxima vez que Corbin entrou, Alex perguntou o que ele estava desenhando. Corbin ergueu os olhos, assustado, como se não tivesse percebido que seu caderno era visível para ninguém além dele. Ele olhou para a página e depois para Alex, os olhos escuros emoldurados por cílios escuros.

—Tudo. — Disse ele, e um arrepio percorreu a espinha de Alex.

Alguns dias depois, Corbin parecia indisposto. Alex estava trabalhando na caixa registradora e quando perguntou a Corbin como estava seu dia, Corbin murmurou: —Você não pode falar comigo hoje. Por favor.

—Tudo bem —, disse Alex. —Eu sinto muito.

As sobrancelhas de Corbin se juntaram, uma linha entre eles. —Não, não.

Alex entregou seu café sem outra palavra, e a mão de Corbin tremia quando ele o pegou. Ele empurrou as notas amassadas no balcão e se esgueirou para sua mesa no canto, o emaranhado de cabelo escondendo seu rosto completamente. Alex observou enquanto Corbin olhava para o *nada,* mordendo o lábio inferior entre os dentes de uma maneira que absolutamente *não* enviou um choque de desejo por ele.

Alex observou Corbin. Sua xícara se esvaziou, embora Alex nunca o tenha visto tomar um gole, e em vez de ficar absorto em seu bloco de notas, ele puxou a jaqueta com força e saiu tão repentinamente quanto havia chegado.

Ele não voltou por três dias.

—Ei, — Alex disse quando Corbin entrou. —Eu percebi porque você parecia familiar. Acho que estudamos juntos.

Ocorreu a Alex quando ele estava deitado no quarto de sua infância uma noite, exausto e sem querer nada além de cair em um sono sem sonhos.

Ele fechou os olhos no dia e ao invés do Corbin adulto, ele viu um menino. Muito magro, com a cabeça raspada desordenadamente como se ele mesmo tivesse passado um barbeador elétrico nela. Tinha enormes olhos

escuros e cílios longos e suas roupas eram marrons, verdes e cinza, as cores da floresta, como se para anunciar o lugar em que se camuflou para caber.

O menino era calouro quando Alex estava no último ano e nunca soubera seu nome. Era uma grande escola. Alex provavelmente não se lembraria dele, exceto que um ou dois meses depois do início do ano letivo, alguém pintou *ABERRAÇÃO DA FLORESTA VIADO* em uma *fileira* de armários do lado de fora do auditório. O garoto parado na frente do armário que era claramente o epicentro era um garoto bonito e magro, olhando para as palavras como se elas não tivessem significado.

Depois disso, os rumores sobre ele chegaram até a turma do último ano. Que ele era gay. Que ele não negou e não respondeu a insultos nem camaradagem. Que ele vivia na floresta e os animais o seguiam para a escola. Que ele falava com eles, mas não com mais ninguém. Que algo estava errado com ele.

Mesmo assim, Alex pode não ter se lembrado dele. Poderia tê-lo agrupado na categoria que seu cérebro de dezessete anos havia marcado mais corajoso que ele, porque parecia mais fácil não dizer a ninguém que ele também desejava meninos em vez de meninas. Porque parecia que ele tinha algo a perder.

Mas então o menino - Corbin - desapareceu.

Os rumores voaram. Ele tinha se tornado selvagem na floresta. Ele estava tendo um caso com um rico empresário e fugiu do país com ele. Ele se matou. Alguém na escola descobriu que ele era na verdade um vampiro e teve que deixar a cidade.

Mas aqui estava Corbin na frente dele - claramente não morto, provavelmente não um vampiro, já que era um dia ensolarado, e não selvagem... não completamente, de qualquer maneira.

—Você se lembra de mim? — Alex perguntou.

Corbin mordeu o lábio e acenou com a cabeça.

—Oh, minha mãe te contou? — Parecia provável que sua mãe tivesse perguntado a todos os clientes que aparentavam sua idade se haviam cursado o ensino médio com seu filho.

Corbin balançou a cabeça. —Eu reconheci você. Você era um jogador de futebol.

Ele supôs que tinha sido a coisa mais notável sobre ele para um estranho no colégio, mas por algum motivo ainda fez seu estômago se sentir um pouco vazio ao ouvir isso.

Café na mão, Corbin acenou com a cabeça para ele e foi se sentar. Enquanto Alex trabalhava, ele vasculhava sua mente em busca de outros fragmentos de memória sobre Corbin do colégio. Ele encontrou apenas um.

Alex tinha chegado tarde à escola uma manhã e teve que estacionar na extremidade mais distante do estacionamento. Ele deu a volta na escola até a ala de ciências e viu alguém saindo da linha das árvores. Um menino magrelo, olhos grandes e mãos e pés grandes demais para o corpo. Um cachorro estava atrás dele. Na beira da floresta, ele parou e falou com o cachorro. Então ele coçou a cabeça, ajoelhou-se e jogou os braços em volta do pescoço. O menino abraçou o cachorro como se fosse seu único amigo no mundo, então estalou os dedos e o cachorro voltou para a floresta. Alex pensou que deve ter sido a última vez que ele o viu até que Corbin apareceu no E Filho.

Na hora do almoço, Alex cortou uma fatia grossa do pão de aveia que havia feito naquela manhã e o torrou. Ele espalhou a torrada quente com manteiga e polvilhou com canela e açúcar. Corbin estava curvado sobre seu

caderno, desenhando como sempre, mas desta vez quando Alex se aproximou, ele tirou o cabelo do rosto e olhou para cima. Seus olhos estavam enormes.

—Eu trouxe um lanche para você.

Ele colocou o prato na mesa e pairou por um momento.

—Que... — Corbin apontou para a torrada com desconfiança. —Esse é o meu favorito.

—Sim? — O calor inundou Alex. Preparar comida era sempre um prazer, mas isso - preparar algo para alguém de quem gostava e fazer com que o desejasse - era a emoção da satisfação. —Estou feliz.

Ele não pôde evitar. Ele ficou na esperança de que Corbin comesse na frente dele. Quando o homem levou a torrada aos lábios carnudos e deu uma mordida, canela e açúcar derramando-se no prato como neve, algo quente e possessivo rasgou Alex.

Açúcar grudou nos lábios de Corbin, e Alex queria se curvar sobre ele e lamber de sua boca. A mandíbula de Corbin apertou enquanto ele mastigava, e Alex imaginou Corbin de joelhos diante dele, a mandíbula se movendo por outro motivo inteiramente.

A garganta de Corbin trabalhou enquanto ele engolia, e Alex cerrou os punhos na frente dele e se virou rapidamente.

—Ok, aproveite. — Ele falou por cima do ombro, a voz rouca de excitação e confusão.

Ele nunca respondeu a alguém do jeito que ele respondeu a Corbin. Ele teve amantes, fez bom sexo, viu homens em um quarto ou sobre uma mesa de sinuca e sentiu atração, luxúria.

Com Timo, ele sentiu desejo, afeto, amor - ou assim ele pensava.

Mas Corbin havia despertado algo nele que parecia tudo isso, e nenhum deles.

Era a diferença entre geléia de morango e morango perfeito, maduro ao sol. Outras pessoas que ele desejava eram geleia. Ele as tinha visto, gostado delas, visto potencial nelas, pensado no que ele poderia fazer com elas, como elas se combinariam.

Corbin era um morango. Se você tinha algum bom senso, você entendia como era e nunca questionaria. Você não adicionaria açúcar e não adicionaria calor. Você não colocava em um sanduíche ou usava em um bolo. Você não faria nada porque já era absolutamente, perfeitamente um morango, como jamais seria. Você o reconheceria e ficaria grato por isso.

E, se você tivesse sorte, você saborearia.

Isso era o que Alex estava fazendo.

Alex estava saboreando.

Capitulo 3

Na primeira terça-feira de novembro, houve uma tempestade. Começou ao meio-dia com um estrondo de trovão e um silêncio longo o suficiente para os patronos de E Filho congelarem em antecipação, e então se virarem um para o outro e sorrirem de alívio por ter sido apenas trovão e nenhuma chuva.

E então a chuva caiu.

Lá fora estava escuro; a chuva atingia o pavimento e o telhado como se estivesse se jogando do céu. O vento a arrebatava no ar e fustigava as janelas com ela. Guarda-chuvas foram arrancados das mãos e latas de lixo de plástico explodiram na calçada como ervas daninhas. Levou apenas trinta segundos para que tudo lá fora ficasse encharcado.

Trinta minutos depois, ainda estava descendo, e a loja estava vazia, os clientes correndo para seus carros ou marchando para fora, resignados a encharcar.

Exceto por um.

Corbin Wale sentado em seu canto e observando a chuva.

Ele ficou sentado lá por horas.

O aplicativo de previsão do tempo no telefone de Alex disse que o aguaceiro resultaria em uma inundação repentina e continuaria a noite toda. Eram apenas quatro horas, mas parecia improvável que recebessem mais clientes naquela tarde, então ele disse a seus funcionários para limparem e irem para casa.

Enquanto eles limpavam o visor e zeravam a caixa registradora, Corbin observava a chuva.

Enquanto eles esfregavam o chão e limpavam as mesas, Corbin observava a chuva.

Quando Mira, Sean e Sarah partiram - o vento soprando um jato de água da chuva e folhas molhadas no chão recém-limpo - e Alex trancou a porta atrás deles, Corbin observava a chuva.

E Filho brilhava como um farol na escuridão varrida pela chuva, e Alex se aproximou dele lentamente. Ele levantou a cadeira na frente de Corbin e a moveu para trás o suficiente para que ele pudesse se sentar.

Os olhos de Corbin estavam fixos na chuva como se ele visse algo que ele não poderia perder um momento. De repente, Alex queria tanto ver o que Corbin via que o desejo o atingiu como uma dor física.

Ele queria descansar sua mão na de Corbin e sentir sua pele, entrelaçar seus dedos e se sentar perto enquanto a chuva chicoteava ao redor deles. Ele queria levar a mão de Corbin aos lábios e dar um beijo em seus dedos. Ele pensou que Corbin cheiraria a tinta e papel, café, e qualquer que fosse o cheiro de Corbin, apenas Corbin, abaixo de todo o resto.

Ele queria puxar o cabelo do homem para trás e segurar sua bochecha. Traçar as linhas de seu rosto com a ponta de um dedo, passar sobre as sobrancelhas escuras e pestanas negras.

Ele queria pressionar seu polegar no lábio inferior exuberante de Corbin, sentir a carne ceder como um pêssego maduro, empurrar seus dedos para dentro e sentir as pontas afiadas dos dentes e o som áspero da língua.

Ele queria, queria, queria, como nunca quis antes.

Mas mais do que tudo isso, ele queria que Corbin falasse com ele. Ele queria ser incluído em seu casulo, convidado para o mundo de Corbin.

No brilho da padaria, com o zumbido da máquina de café e o zumbido das conversas desaparecendo, os únicos sons eram a chuva e o vento lá fora.

De repente, o olhar de Corbin agarrou-se a ele, embora ele estivesse sentado lá por pelo menos um minuto. A respiração de Alex ficou presa. Corbin olhou diretamente para ele, tão presente e claro como qualquer um.

—Você sabia que existe um fenômeno chamado chuva fantasma, em que é tão quente que as gotas de chuva evaporam antes de atingirem o solo? — Disse Corbin.

Foi tão inesperado... normal que Alex quase riu. —Não, eu não sabia.

—Todo mundo se foi. — Corbin olhou em volta como se tivesse acabado de notar.

—Sim. Eu não acho que mais ninguém vai entrar quando estiver caindo assim.

—Eu deveria ir para que você possa ir para casa.

Corbin começou a juntar seu caderno e canetas, e Alex tentou encontrar uma maneira de fazer o momento durar.

—Você quer me ajudar a fazer algo? — Alex perguntou. —Se você tem tempo.

Corbin inclinou a cabeça, olhos escuros curiosos. —Na cozinha. — Ele disse *cozinha* como se fosse uma improbabilidade.

Alex assentiu e observou a indecisão piscar em seu rosto, então curiosidade, então Corbin baixou o queixo para que Alex não pudesse ver seu rosto, e o estômago de Alex embrulhou.

Ele lembrou a si mesmo que não sabia nada sobre Corbin, que eles não eram amigos ainda, não importa o quanto ele desejasse que fossem.

Gareth disse a ele mais de uma vez que ele exercia influência sobre as pessoas, mesmo quando não era sua intenção. Quando Alex pediu que ele explicasse, Gareth deu de ombros e disse que não conseguia explicar por que era verdade. Só que, quando Alex tinha um plano, o plano surgia, e outras pessoas se envolviam nele, de onde conseguir o jantar para onde ir nas férias.

—Você não precisa. — Ele ofereceu agora.

Mas Corbin disse. —Ok. — E juntou suas coisas, pendurou a mochila de lona no ombro e se levantou.

Quando Alex se levantou, ele era apenas alguns centímetros mais alto do que Corbin, e estava mais perto dele do que nunca. Ele enfiou as mãos nos bolsos para evitar levar Corbin para a cozinha com uma mão na parte inferior de suas costas.

—O que estamos fazendo? — Corbin perguntou, largando sua mochila ao lado da mesa de preparação de aço.

—Vamos fazer brioche para amanhã. É melhor se você deixar a massa descansar durante a noite. — Ao ver os olhos semicerrados de Corbin, ele acrescentou: —É um pão rico com manteiga. Acho que vai ser bom amanhã. No dia seguinte ao mau tempo, as pessoas gostam de coisas reconfortantes.

—Pão é reconfortante. — Corbin disse.

Alex não sabia se ele estava perguntando ou concordando, então disse: —Acho que sim.

—Minhas tias sempre faziam nosso pão.

—É com quem você cresceu?

Corbin acenou com a cabeça e seus olhos ficaram com um elenco de sonho. —Asse no sábado. — Disse ele, como se estivesse repetindo parte de

um poema. Então seus olhos voltaram a se concentrar. —Mas geralmente não era sábado, eu não acho.

—Você cozinhava com elas? — Alex acenou para Corbin e entregou-lhe os ovos e o açúcar para colocar na batedeira, onde o fermento e a água haviam se dissolvido.

—Não. — Corbin despejou o açúcar e observou enquanto a água o molhava, como um lago comendo uma ilha. Então ele pegou um ovo e olhou para ele.

Depois de olhar para ele por um minuto, Corbin habilmente o quebrou contra a borda da tigela e o adicionou a mistura, depois aos outros. Quando Alex fechou a distância entre eles para ligar a batedeira, ele pôde sentir o calor do corpo de Corbin próximo ao seu; o ar entre eles parecia sobrecarregado. Corbin estava observando a batedeira do jeito que ele observava a chuva, como se estivesse hipnotizado.

Mas quando o ombro de Alex pressionou o dele, Corbin deu um passo para trás, puxando seus ombros, olhos arregalados.

Alex teve uma sensação ruim na boca do estômago. Ele cerrou os dentes ao pensar que alguém tinha machucado Corbin.

—Desculpa. — Alex e Corbin disseram isso ao mesmo tempo.

Alex balançou a cabeça. —Você quer adicionar o sal e a farinha?

Eles colocaram e a batedeira começou a girar novamente.

—Eu costumava fazer tudo isso manualmente —, disse Alex. —Na escola de culinária tivemos que aprender todas as técnicas. Honestamente, eu amo a batedeira.

Corbin cantarolou em resposta, mas toda sua atenção estava na tigela. O de Alex estava no rosto de Corbin. Suas sobrancelhas se juntaram com concentração e seus cílios projetavam sombras em suas bochechas. Ele colocou

o cabelo atrás da orelha para que pudesse ver. Suas orelhas eram pequenas e delicadas, com uma leve ponta na parte superior, e um pouco salientes, o que Alex achou adorável. Ele também ficou surpreso com o quão familiares elas eram. No colégio, quando o cabelo de Corbin era raspado, aquelas orelhas faziam as pessoas chamá-lo de *fada*.

Corbin apontou para a tigela e voltou seus olhos arregalados e animados para Alex. A massa finalmente se juntou.

Alex sorriu. —Sim, há o momento em que as coisas são separadas e o momento em que são uma coisa, e você tem que observar o tempo todo para ver aquele instante em que uma se torna a outra.

O sorriso de Corbin era perigoso. Era lento e quente como pão recém-assado, e então você via os dentes. Um pouco torto, encantadoramente sobreposto na frente. O melhor sorriso que Alex já vira. Ele estava nervoso com o que ele poderia fazer para obter outro sorriso como aquele.

Ele mal conseguia desviar os olhos para trocar o gancho de massa. — Agora a manteiga. Um pedaço de cada vez até que seja incorporado.

Corbin fez o que ele disse, observando atentamente.

—Ei, Corbin?

—Hmm.

—O que você desenha? Eu sei, tudo, mas você vai me contar sobre isso?

Nenhuma resposta enquanto a manteiga tornava a massa mais brilhante, mais brilhante. Alex raspou as laterais da batedeira e eles assistiram enquanto ela se encaixava. Ele desligou a batedeira e cobriu a tigela, colocando-a de lado.

—Eu poderia te mostrar. — Corbin disse suavemente.

—Por favor.

O caderno tinha uma capa preta lisa e uma lombada flexível, e Corbin o abriu, as páginas espalhadas sobre a mesa. Suas pontas dos dedos pairaram

sobre o papel como se ele estivesse sentindo tanto quanto vendo. Ou talvez se escondendo. Com uma respiração profunda, ele empurrou o caderno ligeiramente para Alex.

—Comecei a desenhá-los há muito tempo —, disse ele. —Eles estavam lá apenas um dia. E eu... — Corbin mordeu a unha do polegar e piscou. Alex sorriu o mais calorosamente que pôde, querendo muito ouvir.

Corbin virou algumas páginas para trás. —Eu desenharia histórias para nós. Aventuras. Como se estivéssemos saindo. Porque eles eram meus amigos, e eu poderia levá-los comigo assim. As pessoas na escola não queriam ser minhas amigas.

As páginas do caderno pareciam uma história em quadrinhos. Alex reconheceu Corbin imediatamente. Ele exagerou tudo sobre si mesmo - as ondas de seu cabelo mais emaranhadas, seus olhos sonhadores vítreos, seus ângulos afiados o suficiente para cortar - e de alguma forma capturou-o perfeitamente, como se o exagero expusesse uma verdade dele que o realismo nunca poderia.

Também na página estava uma mulher que parecia uma versão feminina de Corbin, com seus cotovelos pontiagudos, cabelo preto como uma pena e jaqueta de couro superdimensionada combinando. Mas onde os olhos de Corbin eram sonhadores, os dela eram astutos, e onde Corbin era esguio, seus ângulos estavam cheios de músculos enrolados. Ela parecia que poderia enfrentar qualquer um.

Havia uma mulher negra alta com cabelo rosa cacheado curto, vestida toda de preto e desenhada apenas de perfil. Ela tinha uma mão apoiada na cabeça de um cachorro cinza peludo - não, um lobo. A expressão do lobo não era feroz, porém, dócil e curiosa.

Havia uma menininha travessa de pele clara e cabelo platinado, que parecia estar sempre em movimento. Ela estava puxando a manga de uma pessoa ou se esgueirando para cima de outra. Seu sorriso era malicioso.

O último foi um homem grande com pele castanha clara e cabelo castanho escuro. Ele usava calças de pintor e uma camiseta listrada azul marinho e branca, o que o fazia parecer a Alex uma espécie de marinheiro francês que vira em um filme antigo. O homem era musculoso e impressionante, e algo nos detalhes de suas representações sussurrou para Alex que ele era diferente dos outros.

—Será que fica aí parado.

—O que? — Alex ergueu os olhos do caderno de desenho. —Oh. Sim, deve descansar por mais uma hora, hora e meia. Acho que não foi a coisa mais interessante que eu poderia ter deixado você fazer.

Corbin inclinou a cabeça em confusão, e Alex se lembrou de como ele estava absorto. *Golpeie isso.*

—Quer fazer outra coisa enquanto ele está descansando? Do que você gosta? Se eu tiver os ingredientes para isso aqui, podemos fazer.

Corbin acenou com a cabeça. —Deixe-me pensar. — Então ele voltou a estudar seu caderno de desenho, e Alex sorriu com a ideia de que ele iria realmente ficar ali e pensar sobre isso.

—Eles têm nomes?

—Claro. Mas eu não posso te dizer.

—Oh. Por que não?

—Porque os nomes dão a você poder sobre as coisas. E só eu posso ter poder sobre elas.

Calor correu por Alex com a intensidade na voz de Corbin. Ele imaginou como seria ter Corbin se contorcendo embaixo dele, chamando seu nome. Ele pensou que talvez o poder dos nomes fosse para os dois lados.

Ele virou algumas páginas do caderno de desenho e viu um jardim, depois uma casa. Era uma casa da virada do século, como as do antigo lado oeste da cidade. O telhado caiu, os beirais cederam e as janelas se abriram como dentes quebrados.

Mas as árvores ao redor da casa eram uma miríade de verdes exuberantes e a ampla varanda dos fundos era convidativa. Uma janela brilhava mais clara do que as outras, e Alex imaginou que era o quarto de Corbin.

—Essa é sua casa?

—É a casa das minhas tias.

—Você mora com elas?

—Não. Não mais. Elas foram embora.

—Eu sinto muito. Mas você mora aqui?

—Sim. O Gatelo.

—Castelo?

—Não. Gatelo. Tia Hilda gostava de gatos.

Alex virou outra página, depois outra. Corbin parecia desenhar em tempo real, porque as figuras nas páginas começaram a usar lenços e suéteres; as folhas das árvores ao redor do Gatelo começaram a mudar. Os dedos de Alex fecharam em torno do canto da página e a ergueram lentamente, ainda observando cada detalhe da página diante dele, e no tempo que levou para virar, Corbin se moveu.

Ele pegou o caderno de desenho, fechou-o e puxou-o para o peito, cruzando os braços em volta dele.

—Hum, cookies —, disse ele. —Uma coisa que eu gosto. — Sua expressão era um pouco de pânico, mas Alex pensou ter visto um leve rubor em suas bochechas. *O que diabos estava na próxima página?*

—Ok, cookies então.

Corbin deslizou o caderno de volta em sua mochila, parando por um momento como se estivesse dizendo adeus.

Alex tirou ingredientes da cozinha. Ele se lembrou do rosto de Corbin quando ele trouxe torradas de canela e sorriu. —Aposto que você gostaria de snickerdoodles.

—Isso é real. — Corbin parecia um pássaro intrigado por não poder voar através de uma vidraça.

—Sim. — Alex sorriu. —Eles são basicamente a versão do biscoito da torrada com canela.

Os olhos de Corbin se arregalaram, então sonhadores. —Mmm.

Alex certamente havia usado o cozimento como sedução antes. Havia uma sensualidade intensa em trabalhar com alimentos. Movendo-se uns aos outros na cozinha, tocando e cheirando os ingredientes, provando a comida - muitas vezes isso levava a tocar, cheirar e provar um ao outro.

Ele podia imaginar como poderia ser. Uma mão no ombro de Corbin enquanto ele se inclinava para olhar a mistura. A pressão de seu peito contra as costas de Corbin enquanto ele demonstrava o quão grande fazer os cookies. A sensação da língua de Corbin em seus dedos enquanto ele o alimentava com um pouco de massa. A expressão dos lábios de Corbin quando ele substituísse a massa pela boca. Eles se beijariam até ficarem ofegantes, então ele espalharia Corbin na mesa e faria um banquete com ele.

Os cookies poderiam queimar por tudo que ele se importasse.

Alex balançou a cabeça e beliscou o interior do pulso para colocar sua mente de volta no lugar. Estava claro que isso não aconteceria aqui, não importa o quanto ele quisesse.

Rumores do colégio à parte, ele não tinha ideia se Corbin era atraído por homens. E mesmo se estivesse, as poucas vezes que Alex o tocou por acidente - o roçar de suas mãos quando Corbin pagou por seu café, a pressão dos ombros enquanto eles ficavam de pé - Corbin se afastou como se tivesse se queimado.

Além disso, Alex não queria simplesmente dormir com Corbin. Ele queria que Corbin voltasse. Para *continuar* voltando. Ele queria que Corbin deixasse de lado suas barreiras, estendesse a mão para Alex e o deixasse entrar.

Então ele falou sobre cookies. Ele falou sobre a escola de culinária. Ele descobriu que Corbin cultivava vegetais e ervas no jardim atrás de sua casa, mas cozinhava principalmente coisas simples e às vezes esquecia completamente. Ele descobriu que Corbin amava especiarias - canela, gengibre, noz-moscada, todos os sabores quentes do outono e inverno - mas não ligava para chocolate. Ele descobriu que Corbin tinha muitos cachorros.

—Eles ficam no quintal e gostam de andar comigo, mas não são exatamente meus —, explicou Corbin. —Só uma entra comigo. Galho.

—O nome da cadela é Galho?

—Não é realmente o nome dela, apenas como eu a chamo. Porque ela realmente gosta quando eu jogo paus.

Alex sorriu. *Os nomes dão a você poder sobre as coisas.*

Eles misturaram a massa manualmente e Alex sentiu uma calma familiar tomar conta dele.

—O que é creme de tártaro?

—É um ácido usado como fermento. Quando é combinado com o bicarbonato de sódio, eles produzem gás dióxido de carbono, que é a mesma coisa que o fermento no pão produz. Isso vai deixar os cookies macios.

—O quê mais? — *Ok, não entediado com minúcias, então.*

—Bem, ele estabiliza a clara de ovo quando você bate, porque fortalece as bolhas para que não esvaziem tão rápido. Hum, você pode adicioná-lo a um xarope simples e ele vai parar magicamente de cristalizar.

—Magicamente. — Os olhos de Corbin se estreitaram, seu olhar repentinamente afiado.

—Bem não. Quimicamente. Quando o açúcar é dissolvido, o ácido o impede de se religar e formar cristais.

Corbin estava olhando para ele, sonhador de novo, e Alex se viu engolido por seus olhos escuros.

—Isso, uh. É o resíduo que fica nos barris após a fermentação do vinho.

—Uau. — Corbin sorriu aquele sorriso lento novamente e Alex errou ao ligar o forno antes que ele fizesse algo imprudente.

—Ok, agora vamos enrolá-los em bolas e cobri-los com canela e açúcar.

Corbin se inclinou para cheirar a mistura de canela e açúcar e imediatamente se afastou e espirrou cinco vezes em rápida sucessão. Ele balançou a cabeça entre espirros como um gato e Alex tentou não rir. Então ele se perdeu na mudança de músculos nos antebraços ágeis de Corbin enquanto ele enrolava seus biscoitos em canela e açúcar.

Depois de alguns minutos, o cheiro de snickerdoodles assando encheu a cozinha.

—Cheira como uma manhã chuvosa. — Corbin disse.

—É quando você faz torrada com canela?

Um aceno de cabeça e um olhar distante.

—Suas tias costumavam fazer isso quando você era pequeno?

—Sim. Tia Jade fazia isso nas manhãs de chuva e quando eu não conseguia dormir.

—Como você acabou morando com elas?

—Sempre morei com elas. Desde que eu era um bebê.

—Seus pais não estavam por perto?

Corbin balançou a cabeça. —Não. Quando eu era muito jovem, minha mãe vinha às vezes, quando ela estava de passagem pela cidade. Ela ficaria para uma xícara de café. Minhas tias disseram que ela se afastou. Então ela não apareceu mais. Meu pai morreu antes de eu nascer.

O trovão estalou alto lá fora e a cozinha ficou escura.

—Oh não. — Corbin murmurou, e Alex instintivamente se moveu em direção ao som dele tropeçando em algo.

—Você está com medo do escuro? — Alex alcançou o que ele pensava ser o ombro de Corbin, mas sua mão pousou no cabelo de Corbin. Os fios se curvaram em torno de seus dedos como penas.

—Não. — Corbin saiu de seu alcance.

Eles ficaram em silêncio por um minuto enquanto seus olhos se ajustavam, as formas se transformando em objetos familiares.

—Cuidado com o forno —, disse Alex. Ele manobrou em torno de Corbin, que claramente não queria ser tocado, e abriu a porta do forno, deslizando as bandejas de snickerdoodles no balcão. —Devíamos deixá-los esfriar por alguns minutos. A forma como o creme de tártaro os mantém moles também significa que se desfazem se você tentar retirá-los da bandeja imediatamente.

Alex podia sentir Corbin se aproximando. Sua pele parecia ter sido transformada em um instrumento de busca de Corbin, sintonizado com a

presença do outro homem. Alex continuou falando e Corbin se aproximou. Ele falou sobre cookies. Ele falou sobre canela. Ele falou sobre como abrir esta padaria era um sonho que ele tinha há muito tempo, mas não acreditava que ele iria se tornar realidade.

—Sua mãe deu a você a cafeteria para abrir uma padaria. — Corbin disse, em sua entonação estranha.

—Ela entregou o café para mim, mas não me disse o que fazer com ele. Eu não acho que ela se importou, realmente, contanto que eu ficasse na cidade e ela passasse mais tempo com o namorado.

—Ela deve se preocupar com isso. É o que ela e seu pai construíram juntos.

—Ela te disse isso?

—Todo mundo sabe disso. — Corbin descartou, mas Alex se perguntou o que mais ele sabia.

—Você vem aqui há muito tempo, hein?

—Por um tempo.

—Por quê? Não era um café muito bom.

—Sua mãe foi gentil comigo. Ela me deixava sentar e não me incomodava. Ela não deixava outras pessoas me incomodarem. Não me importo com o café.

—Por que eles incomodam você?

Os olhos de Alex se ajustaram ao escuro o suficiente para que ele viu o queixo de Corbin cair, viu-o olhar para cima pelo cabelo e morder o lábio. Viu seus olhos se fecharem quando ele disse: —Porque. Eu sou uma aberração. Eu bagunço tudo que toco e as pessoas sabem disso. Eles sempre souberam.

A boca de Alex se encheu de negações, garantias e ameaças, mas Corbin tinha falado de uma maneira que tornava todos eles inúteis. Em vez disso, o

que saiu de sua boca foi: —Não acho que você seja uma aberração. Eu acho você ótimo. — E ele entregou a Corbin um biscoito.

Corbin segurou o biscoito por um momento, deixando-o descansar na palma da mão como se estivesse pesando contra a verdade das palavras de Alex. Então ele deu uma mordida e o cheiro de canela ficou mais forte.

—Este é o biscoito mais delicioso que eu já comi. — Corbin disse, e sorriu levemente no escuro.

Capitulo 4

Poucos dias depois da tempestade, Alex estava colocando croissants frescos na vitrine quando um homem irrompeu pela porta com entusiasmo.

—Alexander Barrow! Sou Mac - Barry MacKenzie, mas todos me chamam de Mac. Prazer em conhecê-lo.

Ele estendeu a mão e Alex apertou, embora tivesse opiniões específicas sobre pessoas que diziam que todos os chamassem de qualquer coisa.

Mac tinha cerca de 45 anos, era corpulento e um pouco baixinho. Ele estava vestido com roupas de Michigan da cabeça aos pés.

—É Alex. E prazer em conhecê-lo também. Posso pegar algo para você?

—Oh, não, não, obrigado. Trouxe tudo que você precisa. — Ele brandiu uma pasta U de M azul brilhante cheia de papéis para Alex. —Sou o presidente da Associação dos Proprietários de Pequenos Negócios, mas tenho certeza de que sua mãe lhe contou tudo sobre isso.

—Não. — Disse Alex, e o rosto de Mac caiu.

—Bem, — ele disse, se recuperando rapidamente, —sem problemas. Todas as informações estão na pasta. Eu sou o dono da Caverna do Milho.

Alex concordou. Isso tornava o vestuário do Michigan um pouco mais compreensível, embora não menos desaconselhado.

—Basicamente, a APPN trabalha para manter todos os proprietários de negócios da cidade conectados. Este ano, a minha iniciativa é implementar dias

temáticos mensais onde todos os donos de negócios farão algo nas suas lojas para refletir o tema. Funciona muito bem nas redes sociais, por isso achamos que vai gerar algum movimento. Especialmente com os clientes mais jovens, hein? — Ele apertou o ombro de Alex, e Alex quis se livrar de sua mão.

Enquanto Mac continuava a monólogo, Alex sentiu toda a energia drenar dele. Este era um lado da propriedade do negócio que ele não gostava.

—Escute, obrigado pela informação, mas tenho pão crescendo na cozinha e preciso ir ver como está. — Ele estendeu a mão.

Uma explosão de risadas de uma das mesas fez os dois se virarem. A expressão de Mac imediatamente azedou, e ele zombou. Mas não foram as meninas que riram. Era Corbin, abrigado em seu lugar habitual no canto.

Como se sentisse olhos nele, Corbin olhou para cima, e quando viu Mac, ele congelou. Sua caneta caiu sobre a mesa. Seus olhos arregalados dispararam de Mac, que ainda estava olhando, para Alex. Alex sorriu para ele do jeito que ele sempre fazia, mas Corbin apenas piscou e juntou suas canetas e seu caderno, colocando tudo em sua mochila. Então ele fez seu caminho até a porta antes que Alex pudesse dizer qualquer coisa.

Mac balançou a cabeça quando a porta se fechou.

—Acho que sua mãe pediu para você deixá-lo perambular aqui.

—Não. Minha mãe não toma decisões sobre quem entra em meu local de trabalho. Além disso, ele não está vadiando. Ele é um cliente pagante. Um cliente bem-vindo.

Mac ergueu as palmas das mãos como se dissesse que Alex estava exagerando, mas balançou a cabeça. —Tudo bem, mas você tenha cuidado com aquele. Ele não é o tipo que você deseja associar ao seu negócio, é tudo o que estou dizendo.

—Oh? E por que isso?

Mac se inclinou. —O garoto não está certo. Pergunte a qualquer um.

—Ok, obrigado por passar por aqui. — Disse Alex, cerrando os dentes e gesticulando em direção à porta. Quando Mac saiu, Alex olhou para a rua, esperando que Corbin estivesse por perto, mas ele não estava em lugar nenhum.



Ele só voltou quatro dias depois.

—Ei —, disse Alex, com leve estômago e coração batendo forte. —Eu tenho saudade de você.

Corbin congelou, então um sorriso lento surgiu em seus lábios e ele corou e olhou para baixo. —Oi.

Quando Alex trouxe torradas de canela para ele na hora do almoço, ele sorriu novamente.



Felizmente, Mac parecia ser um caso isolado. A maioria dos outros empresários que Alex conheceu estavam bem.

Meg Patterson dirigia a Trek, uma loja ao ar livre duas portas abaixo, e conhecia sua mãe há anos. Dima e Luke Petrakis eram donos de Hellas, um restaurante grego na esquina. Eles o alimentaram com poutine feito com queijo feta e salsa com que ele sonhava. Caitlin e Doug Kleeman eram donos de duas galerias chiques na mesma rua; Marsha Langhorn administrava uma galeria

de contas a um quarteirão de distância; Andrea, Marge e Lilly Kuehn eram donas da sorveteria que o cheiro flutuava deliciosamente quando o vento soprava.

Alex jantou com sua mãe e Lou uma noite, e soube que o filho de Lou, Orin, dirigia a Associação de Arte a duas quadras de E Filho. Alex lembrava de ter ido lá quando criança porque eles davam aulas de arte semanais no andar de cima no verão. Ele se lembrou de ter sido conduzido pelo primeiro andar com cautela para que nenhum deles tocasse em nenhuma das obras de arte à venda.

Orin apareceu alguns minutos atrasado para o jantar, parecendo um pouco aborrecido, e pediu desculpas. Depois que a comida chegou e todos conversaram um pouco, porém, ele se aqueceu e Alex achou que veria a promessa de um amigo. Seria bom ter um. Agora que E Filho estava pronto e funcionando, ele tinha tempo suficiente para sentir falta de Gareth e seus amigos em Nova York.

Orin tinha mais ou menos sua idade, ou talvez alguns anos mais velho. Ele tinha uma voz baixa e suave e falava como se esperasse ser ouvido. Orin não se parecia em nada com o pai. Enquanto Lou tinha uma aparência amável e um pouco pateta, Orin era intenso e bonito. Enquanto os olhos de Lou eram brilhantes e travessos, os de Orin eram penetrantes e lindos - a espessura de seus longos cílios encaracolados quase dando a impressão de que ele usava delineador. Sua pele marrom escura era perfeita, quase luminosa, e ele tinha o cabelo cortado rente. Mãos grandes e graciosas e ombros largos o faziam parecer expansivo, confortável em seu corpo. Apesar de sua intensidade, havia uma sensação de quietude em Orin que relaxou Alex.

Durante o jantar, Alex descobriu que Orin não tinha crescido em Ann Arbor - ele morou em Detroit com sua mãe - mas veio para cá aos 20 anos

quando ele e Lou se reconectaram e começaram a trabalhar no que era então um espaço de galeria. Mais tarde, ele se tornou gerente e a comprou alguns anos atrás, quando os proprietários anteriores se aposentaram. Ele deixou o espaço do andar de baixo como uma galeria e transformou o andar de cima do prédio, onde Alex tinha frequentado aquelas aulas há muito tempo, em um espaço permanente para programação. Eles dirigiam aulas para a família aos sábados, aulas ocasionais aos domingos, depois das aulas durante o ano letivo. Eles tinham acabado de adicionar uma série de aulas pague o que puder para veteranos e uma aula semanal gratuita para moradores de rua.

—Orin é um ceramista. — Disse Lou com orgulho, dando uma cotovelada no filho.

—Dou aulas de cerâmica —, esclareceu Orin. —E algumas das aulas de desenho e pintura. Para iniciantes. Eles não são minha força.

—Ele fez todos os seus próprios pratos, — Lou continuou. —E muito meu. Eu como minha aveia toda manhã da tigela que ele fez. — Ele sorriu.

Orin não sorriu, mas parecia satisfeito mesmo assim. Quando Alex disse que adoraria passar por aqui e fazer um tour pela Associação de Arte, Orin disse-lhe que fosse a qualquer hora.

Acontece que a mãe de Alex ficava com Lou a maior parte do tempo, então Alex muitas vezes sentia que tinha a casa só para si. Funcionou bem, pois ele se levantava e ia para a cama mais cedo do que era sociável. Mas era estranho ter tanto espaço. Embora fosse a casa de sua infância, sua mãe tinha feito algumas reformas desde que ele saiu, então a cozinha e a sala não eram

como ele se lembrava. Depois de dividir apartamentos em Nova York nos últimos dez anos, a casa parecia extensa, e Alex às vezes andava de cômodo em cômodo, perguntando-se se deveria alugar algo só dele. Algo menor. Ele não sabia se sua mãe iria querer vender este lugar se ela fosse morar com Lou definitivamente. Algo lhe disse que ela poderia estar esperando para ver quais eram seus planos antes de decidir.

Mas Alex não tinha certeza de quais eram seus planos. Tudo estava acelerado desde que saiu de Nova York. E Filho estava se estabelecendo em uma rotina e contratou outro padeiro, Hector, embora ainda precisasse contratar um assistente. Era o começo, e Alex sabia com nauseante clareza quantas empresas faliram no primeiro ano. Ainda assim, ele estava cautelosamente otimista.

Pelo menos sobre o lado comercial das coisas.

Outras coisas pareciam mais instáveis. Era estranho estar de volta, e ele estava lutando para não sentir que de alguma forma havia tropeçado em uma realidade alternativa em que nunca havia deixado Ann Arbor depois do colégio, nunca tinha ido à escola de culinária, nunca tinha trabalhado em restaurantes de Nova York. Era estranho estar em casa sem seu pai ali. Estranho usar a caneca de café que vira seu pai usar mil vezes, ou varrer as folhas do jardim da frente e perceber que colocou as luvas de seu pai para fazer isso.

A ausência do pai não era dolorosa como antes, mas o arrependimento crescia nos momentos mais imprevisíveis. Quando ele se deparava com um trocadilho com uma placa da cidade, infiltrado por alguém tentando tornar seu trabalho um pouco mais interessante; seu pai sempre gostava disso. Quando ele percebia que havia algo sobre a história de seu pai que ele não sabia, e agora nunca poderia perguntar. Quando confrontado com uma situação, ele sabia

que seu pai veria de uma forma que ele não poderia prever. De volta a Ann Arbor, na casa em que morou com o pai, ele descobriu que esses momentos aconteciam com mais frequência do que em Nova York. Ele sentia sua presença um pouco mais de perto e a acolheu, como um presente inesperado encontrado anos depois de você querer.

Alex começou a caminhar até o E Filho no frio da madrugada e a passear depois do jantar. Em Nova York, ele havia caminhado por toda parte, mas não era o mesmo. Ele ansiava, muitas vezes, pelo ar fresco de sua juventude. Agora ele caminhava por bairros sonolentos pela manhã e vagava pelos campos atrás de sua casa à noite. Ele tirava as manhãs de domingo e quarta-feira de folga, dirigia até a floresta e fazia longas caminhadas ao longo do rio.

Ele queria ter um cachorro. Nunca havia parecido justo conseguir um em Nova York, com os horários que ele mantinha e os minúsculos apartamentos em que morava. E Timo era anti-cão. Agora, porém, ele poderia conseguir um, e imaginou levá-lo com ele para o rio, deixando-o correr no quintal. Talvez, se ele o treinasse bem, pudesse adormecer ao lado do balcão da E Filho.

A coisa que parecia mais perturbada, porém, foi sua resposta a Corbin Wale.

Ele não conseguia parar de pensar nele. Mal conseguia desviar os olhos quando Corbin estava na padaria. Não era típico de Alex. Suas atrações sempre foram tão diretas, tão medidas. Ele se sentia como se tivesse pulado ondas perto da costa durante toda a sua vida e agora ele estava nadando longe no mar, de costas para a ondulação iminente.

Algo sobre Corbin chamava tudo nele, e embora Corbin não fosse um homem fácil de se conhecer, toda vez que ele entrava pela porta, parecia que as coisas estavam certas no mundo de Alex. Ele sentia uma espécie de paz e

satisfação que vinha de ter a pessoa que você mais queria ver perto de você, e Alex não poderia explicar melhor do que isso.

Corbin tinha vindo regularmente nas últimas duas semanas, às vezes ficando por uma hora, bebendo seu café e olhando para o nada, e às vezes sentado o dia todo, desenhando em um mundo próprio. Ele sempre prestava atenção em Alex, entretanto, mesmo quando ignorava todos os outros.

Nos últimos dias, ele havia chegado no final do dia e ficado após o fechamento. Às vezes desenhando enquanto Alex trabalhava, às vezes conversando.

Esta noite eles estavam conversando enquanto envasavam ervas no peitoril da janela. Alex queria tê-las frescas para assar durante todo o inverno. Ele colocou manjericão e tomilho em vasos, enquanto Corbin colocou hortelã e alecrim em outros.

—Eu poderia trazer para você mais algumas ervas de casa, — Corbin ofereceu. —Sálvia, erva-cidreira, lavanda. Não tenho certeza do que mais é bom para assar, mas tenho muito. Tem uma estufa. Não sou muito bom em cultivar coisas. Não tão bom quanto minhas tias. Mas elas ainda estão lá.

—Eu adoraria, obrigado. Você pode usar muitas ervas para assar. Limão e lavanda são ótimos em biscoitos ou bolos. Ervas como sálvia, cebolinha e salsa são boas em pães e outros doces saborosos. Gosto muito de usar os ingredientes como inspiração para o que fazer.

Corbin correu a ponta do dedo sobre a sujeira em cada panela, sem alisá-la, apenas tocando.

—Em Nova York, a sazonalidade significa principalmente o que é mais barato comprar. Sempre trabalhei em lugares que estão operando em uma escala tão grande que eles não podem realmente fornecer localmente ou estar

à mercê do clima. Mas agora eu realmente gosto de poder obter contratos com todos os fornecedores locais.

Alex olhou para Corbin para ver se ele estava interessado, para encontrar Corbin o observando atentamente, a cabeça ligeiramente inclinada.

—Tenho ido passear na floresta e pensando em como aqui seria possível usar coisas que estão na estação. — Alex encolheu os ombros. —Tudo mudou de repente.

Havia uma linha entre as sobrancelhas escuras de Corbin, mas ele continuou observando.

—Eu não sabia que voltaria aqui —, explicou Alex. —Mas fui despedido e despejado em uma semana, e deixar Nova York parecia aconselhável antes que um piano caísse em mim ou algo assim.

Alex estava buscando um tom leve, mas Corbin franziu a testa.

—Você foi despejado. Por quê?

—Porque... porque meu namorado tinha todos esses planos para o nosso futuro dos quais eu não sabia nada. E quando ele descobriu que eu não sabia nada sobre eles, percebeu que não queríamos as mesmas coisas. Não estávamos nem vivendo no mesmo mundo.

No momento em que Alex chegou ao fim de sua frase, Corbin havia partido. Seu olhar se voltou para dentro e sua expressão se suavizou. Ele sorriu vagamente para Alex antes de sair. Alex voltou para casa lentamente, os dedos ainda cheirando a tomilho.

—Ei, Corbin? — Alex disse alguns dias depois.

Eles tinham acabado de fechar e Alex estava se sentindo imprudente. Esta manhã ele acordou com uma rajada de ar frio pela janela aberta que fez o mundo inteiro parecer fresco e novo. Durante todo o dia a sensação permaneceu com ele, uma nítida sensação de possibilidade.

—Oi. — Corbin ergueu os olhos. Ele sempre dizia *oi* como se estivesse se lembrando de que era algo que ele deveria dizer. A gola de sua camisa jeans abotoada se abriu enquanto ele desenhava, revelando um vislumbre de clavículas delicadas das quais Alex não conseguia desviar os olhos.

—Oi. Ouça, você acha que eu poderia voltar para casa com você hoje? — Os olhos de Corbin se arregalaram e ele congelou. —O problema é que eu acho que quero um cachorro. Sempre quis um e esta é a primeira vez que poderei ter um. E você disse que seus cães andam por aí. Achei que talvez pudesse sair por alguns minutos, ver se estar perto deles fecha o negócio.

—Para minha casa.

Alex concordou. —Eu não vou entrar, se você não quiser. Eu poderia apenas ficar no quintal.

Ele observou Corbin de perto, pronto para retratar a questão se Corbin parecia desconfortável, mas ele parecia confuso.

—Ninguém vem à minha casa.

—Ok, tudo bem, esqueça que perguntei. — Alex sorriu e começou a se virar. Isso era o que Corbin fazia, ele percebeu. Ele declarava as coisas como se fossem fatos, mas não eram o que ele queria, apenas o que ele pensava que sabia. Se tivesse tempo, entretanto, ele conseguiria o que queria.

—Não, eu... Não, você pode vir. Os cachorros. E você - eu poderia lhe mostrar a estufa. Se você quiser. Cachorros. — Ele assentiu.

—Ótimo —, disse Alex com um sorriso. —Você caminha?

Corbin sempre caminhava.

Eles caminharam para a casa de Corbin em silêncio, Alex tonto com o ar fresco e seu destino. Corbin estava claramente refletindo sobre algo. Não era o mesmo de quando ele estava perdido em pensamentos. Quando ele estava meditando, ele parecia quase vibrar. Depois de caminharem por vinte minutos, Corbin disse: —Você é gay.

—Sim. É por isso que você saiu outra noite depois que mencionei que tinha um namorado?

—Não. Sim. Eu tive que pensar sobre isso. — Corbin disse.

—Eu sei que no colégio as pessoas zombavam de você por ser gay. Mas as crianças dizem muitas coisas que não são verdade. Só para você saber que não presumo nada sobre você.

—Eu não era nada na escola.

—E agora? — Alex perguntou suavemente.

—Agora. Agora sou só eu. Sempre serei só eu.

Quando eles dobraram a esquina e cortaram um bosque de árvores, Alex se viu diante da cena do caderno de desenho de Corbin: as árvores, a casa imponente, o jardim. Ele seguiu Corbin pela inclinação para o quintal atrás da casa. Sinos pendurados em volta da varanda dos fundos, estalando com a brisa, e pássaros agrupados em torno de quatro comedouros diferentes, um dos quais era o lar de uma batalha entre três tentilhões e um esquilo marrom rechonchudo.

À medida que se aproximavam dos fundos, uma forma saltou das árvores e antes que ele pudesse registrar o que era, Alex estava de costas, olhando para o céu. Então seu campo de visão foi preenchido com um rosto que ele reconheceu do caderno de desenho de Corbin. Pelo cinza, nariz preto e olhos azuis frios.

—Está bem. Ele está bem. — Corbin disse, e o cachorro foi embora. Alex se apoiou nos cotovelos para ficar de pé e viu Corbin ajoelhado na grama ao lado do cachorro.

—Lobo é protetor. — Ele disse simplesmente.

—Sem brincadeiras. Estou feliz que você tenha ele para cuidar de você. Ele não é realmente um lobo, é?

Corbin mordeu o lábio, e Alex se perguntou se ele não pretendia compartilhar o nome do cachorro.

—Talvez parte. — Corbin passou os braços em volta de Lobo e enterrou o rosto em seu pelo. O cachorro - Alex continuaria pensando nisso como um cachorro, muito obrigado - inclinou a cabeça para descansar na de Corbin e colocou as patas dianteiras na coxa de Corbin. Eles ficaram assim por tanto tempo que Alex sentiu a umidade da grama encharcar sua calça jeans.

Quando Alex se levantou, Corbin relutantemente se desvencilhou de Lobo e se levantou também. Ele assobiou uma, duas, depois uma terceira vez, e mais três cães saltaram para fora da floresta e se reuniram aos pés de Corbin.

Corbin chamava o grande cão peludo marrom e branco de Vaca. O pequeno cachorro tigrado que parecia uma espécie de mistura de terrier e ficava pulando em volta dos tornozelos de Alex, Corbin chamava de Estalo. O terceiro cachorro tinha pelo preto e lustroso que faltava em algumas manchas e uma orelha rasgada. Era quieto e calmo, e se apoiou nas pernas de Corbin com tanta força que Alex ficou surpreso por não ter caído. Corbin chamava de Fantasma.

Eles ficaram com os cachorros por um tempo, Alex acariciando-os e confirmando que, sim, ele gostaria de ter um. Então Corbin encontrou alguns gravetos e eles começaram a jogá-los para os cachorros perseguirem. Lobo foi o mais rápido, mas perdeu o interesse assim que encontrou o graveto,

deixando Vaca ou Estalo trazê-lo de volta. Estalo pulava com entusiasmo pelo graveto enquanto Vaca esperava. Fantasma apenas ficou parado, observando tudo.

Depois de alguns arremessos, um estrondo veio das árvores na outra direção, e o cachorro mais feio que Alex já vira foi feito para o mais recentemente arremessado como uma bala. Ele rosnou e deu uma patada no galho desajeitadamente, e soltou um uivo de frustração quando não conseguiu pegá-lo.

—Deixe-me adivinhar —, disse Alex. —Ela é Galho?

—Sim.

—O que... O que ela esta fazendo?

Galho estava arranhando o chão com duas patas como se ela estivesse tentando segurar o pedaço de pau e andar com as patas traseiras.

—Quando ela era filhote, a gata da tia Hilda, Morrigan, tinha gatinhos, e Galho andava com eles o tempo todo. Ela ainda tenta pegar as coisas. Ela costumava ser capaz. Mais ou menos. Mas ela está ficando velha agora. Galho! — Corbin chamou, e ela veio galopando em direção a eles, derrapando até parar a 30 centímetros dos pés de Corbin. Corbin jogou outro pedaço de pau e Galho latiu uma vez, depois saiu disparado atrás dele.

—Eu realmente gostaria de um cachorro —, disse Alex. —Talvez possa até vir para a padaria. — Os olhos de Corbin brilharam com isso e Alex determinou que ele faria isso acontecer de uma forma ou de outra. —Você os treina? Não sei muito sobre o treinamento de cães.

—Não. Eles são apenas eles mesmos. Eu não digo a eles o que fazer.

Devia ter previsto isso, pensou Alex.

—E os nomes deles não são Galho, Fantasma, Lobo, Vaca e Estalo, certo? — Alex disse com um sorriso.

—Não, — Corbin disse, sério. —É apenas como eu os chamo.

Estava escurecendo, mas Galho ainda estava entusiasmada com o jogo, então Alex correu para pegar outro pedaço de pau. Seu pé escorregou em uma camada de folhas e ele escorregou por um momento e depois caiu de joelhos em um pedaço de grama escorregadia, as calças cobertas de lama que imediatamente o encharcaram.

Alex se levantou e enxugou as mãos enlameadas em seus jeans mais enlameados. Corbin estava sorrindo para ele.

—Você está bem?

—Sim. Certamente você pode dizer que eu costumava praticar esportes devido à minha coordenação incrível.

O sorriso de Corbin era maior do que qualquer outro que Alex já vira dele, e fazia com que estar com frio, molhado e coberto de lama valesse a pena. Ele enrugou a pele esticada ao redor dos olhos de Corbin e fez seu nariz enrugar de uma forma que o fez parecer um pouco bobo e completamente adorável.

—Você pode entrar —, disse ele, olhando as calças de Alex. —Minhas calças não cabem em você, mas eu tenho uma toalha.

—Obrigado.

O sol havia se posto completamente e a casa era apenas uma sombra iminente um tom mais escuro do que a escuridão ao redor deles, mas Corbin caminhava infalivelmente e Alex o seguia, sapatos rangendo na grama lamacenta. Vaca e Estalo perseguiam um ao outro pelo quintal, e Fantasma parou, observando-os. Lobo caminhou ao lado de Corbin e se sentou ao lado da porta como um sentinela.

—Boa noite, Lobo. — Corbin disse suavemente. Ele o abraçou e beijou o topo de sua cabeça, e Lobo lambeu sua bochecha uma vez, depois se

acomodou. Ele ficaria a noite toda? Alex esperava que sim. Embora estivessem a apenas cerca de um quilômetro e meio de sua casa, parecia muito mais isolado aqui, a casa mais distante de seus vizinhos mais próximos.

Corbin destrancou a porta e acendeu a luz, e Galho veio pulando. Sua língua estava pendurada para fora e seus olhos foram em duas direções diferentes, mas quando Corbin fechou a porta atrás dela, agarrou um pano que estava pendurado na porta e começou a limpar a lama de seus pés, ela balançou em delícia de cachorro e seu rabo bateu o chão enquanto ela tentava lamber seu cabelo.

Alex se permitiu brevemente se entregar à fantasia de que Corbin poderia limpá-lo também.

Assim que seus pés ficaram limpos, Galho correu para dentro de casa. Eles entraram por uma pequena sala de colocar as coisas, e Alex seguiu Corbin para a cozinha. Corbin acendeu a luz e começou a encher uma tigela com comida de cachorro, enquanto Alex olhava ao redor maravilhado.

A cozinha tinha paredes caiadas de branco e toda madeira natural - amplas bancadas de açougue, lindos armários entalhados à mão e piso de madeira grosso. Tinha tetos altos e feixes de ervas secas penduradas ao redor da grande janela de chumbo. Havia um forno e um fogão de seis bocas que eram antigos, mas pareciam em boas condições, com panelas de ferro fundido penduradas acima deles. Na parede oposta havia uma lareira de pedra com um pedestal de ferro.

Uma grande mesa continha uma tigela de madeira entalhada à mão com algumas maçãs e bananas e um pote cheio de galhos de salgueiro.

Cheirava a sálvia seca e limão, cera de vela e um toque de fumaça de madeira.

—Uau —, disse Alex. —Isso é absolutamente lindo. — Alex conhecia uma cozinha construída com amor quando a via.

Corbin cantarolou e acenou para ele, acendendo as luzes enquanto ele ia. Enquanto Alex o seguia, ele apenas teve um vislumbre da sala de estar e da porta da frente. No banheiro, Corbin entregou-lhe uma toalha e saiu.

O banheiro era de uma cor estranha dividida entre cinza e lavanda, com um padrão cinza claro indiscernível. Não, não um padrão. Eram esboços a lápis. Alguém - provavelmente Corbin - havia desenhado todas as paredes. Alex conseguia distinguir pinhas e bolotas, folhas e nuvens, gatos, cães e pássaros. Ele se sentou no assento do vaso sanitário fechado para secar as calças e viu que perto do rodapé havia rosas com espinhos.

Ele podia sentir o cheiro de lavanda aqui, como se combinasse com a cor das paredes. O sabão ao lado da pia parecia feito em casa e ele cheirou. Sim, lavanda.

Depois de se limpar, ele lavou as mãos com o sabonete de lavanda para que pudesse levar pelo menos o cheiro da casa de Corbin com ele.

—Corbin? — Alex voltou para a cozinha, mas Corbin veio de outra direção. —Oh, ei. Obrigado pela toalha.

Corbin pegou dele, e por um momento, o pedaço de tecido os conectou. Então Alex o deixou ir e a decepção o invadiu.

Eles caminharam até a porta da frente, onde o piso de madeira estava em pior estado, com amassados e ranhuras escuras entre as tábuas.

—Obrigado de novo. — Disse Alex na porta. Ele queria tanto abraçar Corbin, ou beijar sua bochecha. Mesmo um aperto de mão seria algo. Mas Corbin havia deixado claro que não gostava de ser tocado, e Alex enfiou as mãos nos bolsos para que não pudesse.

—Alex. — Foi, ele percebeu, a primeira vez que Corbin disse seu nome. A voz de Corbin pegou no x, tornando a palavra sua, e pairou no ar entre eles. —Eu... Eu sou.

Alex demorou um pouco para voltar à pergunta que Corbin estava respondendo.

—Ok. Você tem um namorado?

—Não. Não, não posso. — Corbin desviou o olhar.

—Você não pode? Por que não?

Corbin mordeu o lábio e quando seus olhos encontraram os de Alex novamente, ele parecia triste e perdido. Não perdido em seus pensamentos como tantas vezes estava, mas perdido em algum lugar. Sem amarração. Solitário.

—Não vale a pena. Coisas ruins aconteceriam.

Capitulo 5

O telefonema tirou Alex de um sono mortal. Gareth.

—E ai, como vai?

—Você está... Eu te acordei? Achei que você estaria na cozinha.

Alex olhou para seu telefone. Eram 5h02. Bem na hora em que ele normalmente chegaria.

—Eu estou de folga hoje. Contratei outro padeiro. Vou esta tarde para verificar tudo. — *Não apenas para ver se Corbin está lá*.

—Deus, eu sinto muito. Eu sinto muito. Eu sinto muito. Eu vou deixar você ir. Desculpa.

Sua voz estava miserável e em pânico de uma maneira que Alex raramente tinha ouvido, e a nuca de Alex arrepiou.

—O que há de errado?

—Hum. Bem. Não é... eu...

—Que porra ele fez, Gareth? — Alex rosnou. Havia apenas uma pessoa que poderia fazer Gareth soar assim. Marido de Gareth, Paul.

Alex odiava Paul, o odiava desde a primeira vez que o conheceu. E Alex não odiava muitas pessoas.

Paul era bajulador, agressivo e manipulador, e tratava Gareth como sua propriedade. Alex tinha certeza de que seu relacionamento nunca duraria. Certamente, Gareth chamaria Paul sobre sua merda e acenaria adeus. Alex só tinha que morder a língua até então. Apenas Gareth nunca

acenou adeus; ele disse, “Sim”, em vez disso. Em uma fuga de fim de semana que ele confessou como se envergonhado quando viu Alex depois.

Foi a gota d'água. Alex disse a Gareth exatamente o que pensava de Paul, e Gareth ficou vermelho de raiva e talvez de vergonha, e não falava com Alex há um mês. Foi o tempo mais longo que eles ficaram sem falar, e quando eles se reconciliaram - Alex se desculpando sinceramente, embora sua opinião sobre Paul nunca mudasse - foi com o acordo tácito de que Alex não insultaria Paul novamente.

Alex cumpriu sua parte no trato, arrumando uma cama no sofá para Gareth quando ele apareceu com olhos assombrados e hematomas que o cobriam. Tirando Gareth de casa para ir ver filmes de ação idiotas ou beber milkshakes quando o encontrou com lágrimas escorrendo pelo rosto e sua boca formando uma linha sombria. Se isso era o que Gareth precisava dele, então foi o que ele fez. Mas ele não precisava gostar, e depois de levar Gareth de volta para casa, as mãos gentis no cabelo do amigo, os braços suaves ao redor de seus ombros, Alex tiraria sua agressão com os punhos duros no saco de pancadas no ginásio de seu prédio, imaginando que o saco era o rosto de Paul e cada soco tinha seu nome.

Ele ouviu a respiração de Gareth engasgar e então ouviu um gemido abafado.

—Gareth. — Alex fez sua voz suave e gentil. —Fale comigo, por favor. Me diga o que aconteceu. Posso ver que você está chateado e não vai me tirar desse telefone até que me diga por quê. Você *sabe* como sou teimoso. Você sabe que vou ficar ao telefone o dia todo.

Gareth começou a chorar - soluços ofegantes que ficaram abafados, como se Gareth tivesse colocado o telefone ao lado dele. —Eu acho... — Ele engasgou. —Eu... Ele surtou. Ele queria que eu largasse meu emprego e... Eu

não sei de onde veio, mas uma vez que ele... Porra, eu não sei, uma vez que ele colocou na cabeça, ele simplesmente... nada que eu dissesse... ele estava tão bravo e não fazia sentido. Ele disse que as pessoas estavam sempre olhando para mim, e eu disse que ninguém nem mesmo vê o chef e ele... ele... ele...

—Gareth, o que aconteceu a seguir?

Por um momento, Gareth não disse nada, e Alex pôde ouvir sua respiração profunda e trêmula. Quando ele falou em seguida, suas palavras saíram confusas e ele parecia maníaco, falando sobre tudo, exceto o tópico em questão. Ele falou sobre um cliente da Rouge que mandou o prato de volta e sobre um cachorro que ele viu no parque. Alex deixou que ele falasse um pouco, contemplando como a comida era terrível na prisão como um impedimento para pegar o próximo voo de Detroit e assassinar Paul.

Quando seu amigo perdeu o fôlego e começou a repetir —Um, um, um — sem parar, como se estivesse esperando as palavras virem, Alex disse: — Quero que você me envie uma foto.

—Hmm? Sobre o que? — Gareth perguntou despreocupadamente.

—De você. Do que ele fez com você. Nós dois sabemos que eu sei.

Gareth fez um som horrível. Alex esperou por ele. Em seguida, a chamada foi desconectada. Alex respirou fundo, dois, três. Ele ligaria de volta depois de dez respirações se Gareth não tivesse enviado a foto.

Na sexta respiração, uma foto iluminou seu telefone e Alex perdeu o fôlego. A luz estava fraca, mas Alex podia ver o suficiente para ficar feliz por estar em Michigan e não ser capaz de colocar as mãos em Paul, porque ele não confiava no que faria se pudesse.

Ele ligou de volta. Gareth respondeu e não disse nada.

—Onde você está agora? — Alex perguntou.

—Casa. — A voz de Gareth era minúscula.

—Você ainda está aí? Ele está aí?

—Não, ele está... Ele saiu. Depois da... noite passada, ele foi embora. Ele disse que ia sair um pouco. Eu acho que... Acho que ele se assustou.

O coração de Alex era um beija-flor. Ele tentou não parecer tão assustado quanto se sentia.

—Gareth, ouça. Acho que seria uma boa ideia se você fosse embora. Aqui, eu vou com você, ok? Calce os sapatos e pegue o casaco, a carteira e o carregador do telefone e pegue as chaves. Em seguida, saia pela porta da frente e fique ao telefone comigo. Ok?

—Eu não quero que ninguém me veja assim. — Gareth sussurrou.

—Pegue aquele boné de beisebol e seus óculos de sol - os grandes que eu sempre brinco com você por usar. Pegue um lenço. Pegue as escadas. Ok?

Sons de farfalhar e depois silêncio.

—Gareth?

—Ok eu... Ok.

—Ok, vamos embora. Você precisa sair. Agora. — Ele acrescentou, no silêncio na linha.

—Ok. — Disse Gareth novamente.

A respiração de Gareth estava alta, e Alex percebeu que ele estava parado no escuro, a mão que não segurava o telefone enrolada com tanta força em sua roupa de cama que ele não sentia os dedos. Quando ouviu o eco oco dos passos de Gareth e percebeu que seu amigo estava de fato pegando as escadas de emergência em vez do elevador, ele desenrolou a mão dos lençóis e se forçou a respirar fundo.

—Estou aqui, Gareth. Em que andar estamos?

—Quarto. — Gareth disse, sua voz ecoando.

—Ok, isso é bom. Quase pronto. Lembra daquele ano em que moramos no quarto andar sem elevador que loquei da Carly na escola? Achei que você fosse me matar.

—Eu queria matar você. Mas então eu percebi que subir todas aquelas escadas fazia minha bunda parecer fantástica, então eu deixei você viver.

O balanço de uma porta e depois de outra, e então uma voz abafada que poderia ser o porteiro, e a respiração de Gareth acelerou, rápido demais.

—Onde estamos agora? Estamos lá fora?

—Uh-huh.

—Ok, isso é ótimo. Você está indo bem.

—Ainda está lá. — Ele disse suavemente.

—O que é, G?

—O apartamento. — Sua voz soou errada. —Minha vida. Minha vida inteira. Está lá, naquele prédio. Está tudo lá. Opa, deixei a luz do quarto acesa... Eu deveria... talvez eu deva... Eu provavelmente deveria...

—*Gareth*! Me escute. Você precisa sair agora. Você precisa se afastar do prédio. Aqui, vá no Ocello's, ok? Eles estarão abertos. Vá ao Ocello's e tome um café e um croissant de amêndoas. É isso que você ganha lá, certo? Mas você precisa sair.

—Alex. Alex. Alex, eu acho... Eu preciso sair.

—Sim, está certo. Você precisa sair. Vamos lá.

—Eu preciso... Acho que preciso sair.

—Sim, querido, acho que sim.

—Oh, porra, Alex, eu tenho que sair. — A voz de Gareth era alta e fina, seus dentes batendo.

A dor no peito de Alex atingiu sua garganta e o sufocou. Seu coração batia tão forte que ele podia sentir seus ecos em suas costelas, como se a própria arquitetura de seu corpo não pudesse conter seu medo.

—Sim, isso mesmo, — ele engasgou. —Vamos para o Ocello's. Pegue dois cafés - um para mim, ok? Vamos lá. Agora ok? Agora.

—Ok.

Depois de alguns segundos, Alex ouviu o zumbido do tráfego e soltou a respiração que estava prendendo.

—Estamos quase lá? — Ele perguntou.

—Sim. Alex. Quer dizer, acho que preciso *sair*.

—Venha aqui, Gareth. Venha aqui.



Na manhã seguinte, Alex estava na cozinha do E Filho, aliviado por ter apenas a tarefa simples de assar na frente dele. Ele não tinha conseguido trabalhar na tarde anterior. Ele tinha ficado no telefone com Gareth o dia todo.

Gareth concordou em vir para Michigan por um tempo, para se distanciar e resolver as coisas. Mas ele precisava falar com sua chefe em Rouge, que não ficaria feliz em precisar encontrar um substituto no último minuto. Antes que ele pudesse pensar, Alex ressaltou que se ela desse uma olhada para ele, ela não hesitaria em dar-lhe uma folga, e imediatamente se arrependeria pelo silêncio na linha.

Rapidamente ficou claro que Gareth não queria que *ninguém o* visse. Ele não queria ir para um café, ele não queria ir trabalhar, ele nem queria ir para o aeroporto. Quando Alex finalmente percebeu a profundidade de sua repulsa,

eles concordaram que Gareth iria se hospedar em um hotel por um ou dois dias antes de voar.

Na hora do jantar, Alex estava tão exausto que simplesmente voltou para a cama. Ele acordou com cada barulho, seu corpo preparado para ouvir o telefone. Mas Gareth havia se registrado no hotel e enviado uma foto a Alex para provar isso - e para zombar da decoração, o que convenceu Alex de que ele estava se sentindo um pouco mais como ele mesmo.

Agora, com a confirmação de que os planos de Gareth para o dia envolviam nada além de reality shows e serviço de quarto, e com seu telefone bem visível ao lado dele, Alex colocou farinha, ovos, manteiga e açúcar na mesa de trabalho e respirou fundo.

Algumas horas depois, Mira empurrou as portas. —Ei, chefe, você tem - uau. Uh. Eu ia perguntar se você tem mais croissants porque estamos quase no fim. — Ela pegou uma bandeja cheia de croissants e olhou para as cinco outras coisas que ele estava fazendo. —Eu só vou levar isso. Estes também. — Ela pegou uma bandeja de scones e o bolo de café de mirtilo e Alex voltou ao trabalho.

Horas depois, Mira entrou novamente. —Santa mãe de Deus, você poderia parar por um segundo?

Alex olhou ao redor e viu a mesa cheia de pães e bolos. O cronômetro do forno apitou e ele tirou um bolo de limão e lavanda.

Mira balançou a cabeça. —Estamos esperando algum tipo de corrida da tarde que eu não conheço ou você está pirando?

—Pirando. Não ligue para mim. Aqui, leve algumas tortas de gengibre para casa com você quando sair.

—Uh, bem, eu não vou dizer não a isso. Você está bem? Você quer... uh, falar ou...?

—Eu vou ficar bem, e não, obrigado. — Seu alívio foi claro. —Ei, Corbin está hoje?

Mira sorriu e acenou com a cabeça, levantando uma sobrancelha.

—Há quanto tempo ele está aqui?

—Desde os scones. — Mira mediu o tempo com base em quando eles lançaram novas ofertas atrás do balcão.

—Parece um dia longo?

—Talvez. Você quer que eu... dê a ele uma mensagem ou algo assim?

—Não. Estou quase pronto.

—Graças a Deus, — ela murmurou. —Diga-me o que estou vendendo e adicionarei ao quadro.

Era por volta das três da tarde quando Alex lavou as mãos, costas e braços tensos de tanto trabalhar tanta massa e saiu da cozinha. Ele se sentiu melhor, mais leve.

Corbin estava vestindo um suéter de lã vermelho e azul comido por traças e sua calça de veludo cotelê preta salpicada de alvejante estava puída nos joelhos e nas coxas. Ele parecia macio e palpável, e Alex teve uma visão de como seria se ele tivesse o direito de envolver Corbin em seus braços, acariciar seu rosto no cabelo do homem ou descansar o queixo em seu ombro. Como ele havia feito duas noites antes, Alex enfiou as mãos nos bolsos para se certificar de que ele não cederia ao desejo de tocar em Corbin.

—Oi. — Ele disse, e um choque de prazer o percorreu quando o rosto de Corbin se iluminou ao vê-lo.

—Oi.

—Como estão os cachorros?

—Bem.

Corbin apontou para o desenho em que estava trabalhando e empurrou o caderno para Alex. Era Lobo e o resto dos cachorros brincando no quintal. Mas quando Alex olhou mais de perto, ele percebeu que não era Corbin ou qualquer um de seus amigos na página que os cães estavam empilhados em cima - era ele.

Corbin havia desenhado Alex meio coberto de cachorros, mas sorrindo. Alex percebeu o brilho de seu cabelo, uma mistura de loiro e castanho claro, o calor em seus olhos castanhos claros. Corbin o havia desenhado bonito - mais bonito do que ele, Alex pensou.

—Você é realmente talentoso —, disse Alex. —Sempre gostei muito de quadrinhos. Seu estilo me lembra um pouco a Fiona Shae. Você conhece as coisas dela? — Corbin balançou a cabeça. —Temas e cores realmente diferentes, mas tem um tipo de sensação mágica e onírica semelhante.

Corbin sorriu.

—Não quero interrompê-lo se ainda estiver desenhando, mas fiz algo para você. Você quer entrar na cozinha?

—Você fez algo especificamente para mim. — Ele parecia incrédulo.

—Sim. Não sei se você vai gostar, mas, sim.

Ele pensou sobre o gosto de Corbin por temperos quentes e sabores outonais, querendo assar algo para ele. Querendo poder dar algo a ele, já que ele não podia tocá-lo.

Os olhos de Corbin se arregalaram quando ele viu o bolo. —É um bolo inteiro.

—É um bolo de cenoura e nozes com gengibre cristalizado e cobertura de cardamomo.

—Você me fez um bolo.

Alex de repente se sentiu muito bobo. —Eu fiz. Eu... Você não precisa aceitar. Eu só estava pensando em você. E eu assei para você.

—Ninguém nunca fez um bolo para mim antes. — Corbin disse.

—Nem mesmo no seu aniversário quando você era pequeno?

Ele balançou a cabeça e olhou para Alex. —O que há de errado? Você está diferente hoje.

—Dia ruim ontem. Meu melhor amigo em Nova York se machucou e não tenho certeza de como ajudá-lo.

—Me desculpe, — Corbin disse, se aproximando. Alex podia sentir o cheiro dele. Um sopro de natureza verde fresca que atravessa a doçura e o fermento da cozinha. —Ele vai ficar bem.

—Acredito que sim.

—Você... Você fez um bolo para mim porque seu amigo se machucou.

A cabeça de Alex se ergueu. —Não.

Mas não foi? Ele se sentiu incapaz de proteger Gareth, e sua mente vagou para a maneira que ele desejava poder proteger Corbin, e já que Corbin era tão arisco quanto um vagabundo, ele fez a única coisa que ele poderia pensar em fazer. Ele assou.

—Bem, não exatamente. Eu assei para você porque gosto de você e queria dar-lhe algo que pudesse fazer você... feliz.— Ele enrubesceu. Parecia infantil.

Mas Corbin estava piscando para ele, prestando atenção. Ele abriu e fechou a boca e então sorriu, um sorriso lento e doce.

—Quer provar? Tudo bem se você não gostar.

Corbin acenou com a cabeça, e Alex entregou-lhe um garfo. Corbin enfiou o garfo no bolo como se estivesse fugindo de alguma coisa. Alex engoliu em seco enquanto o observava comer, atingido novamente pelo prazer íntimo

de assistir Corbin consumir algo que ele tinha feito. *Enrole, Barrow, e pare de insistir no cara que está comendo bolo*.

—É tão bom. — Corbin murmurou, e enfiou o garfo novamente.

Alex brilhava.

Eles conversaram um pouco e Alex se ofereceu para levar Corbin para casa para que ele não tivesse que andar enquanto carregava o bolo.

—Então, você também faz arte para o seu trabalho? — Alex perguntou enquanto dirigiam.

—Não, eu não tenho um emprego agora. Fui demitido.

—Você foi? Por quê? Onde você estava trabalhando?

—Não quero falar sobre isso agora.

—Oh —, disse Alex. —Ok sem problemas.

Ele parou na frente da casa de Corbin e Corbin deslizou para fora, segurando a caixa de bolo contra o peito.

—Obrigado pelo bolo, Alex. — Ele disse suavemente. E ao som de seu nome na boca de Corbin, Alex sabia que o outro homem estava certo. Porque toda vez que Corbin pronunciava *Alex*, Corbin tinha poder sobre ele como nada que ele já conheceu.

—Suponho que você não gostaria de trabalhar aqui? — Alex perguntou a Corbin no dia seguinte. Corbin o estava ajudando a encher uma torta de amêndoa.

Corbin bufou e balançou a cabeça. —Você não quer que eu trabalhe aqui. As pessoas acham que sou estranho e não vão querer comer coisas que toco. — Ele mordeu o lábio.

—Bem, não importa se as pessoas pensam que você é estranho, porque você estará na cozinha. É um assistente de panificação de que preciso. Achei que você gostaria de tentar.

—Por quê?

—Bem, você disse que não tem um emprego agora. E você é bom nisso.

—Eu não sou. Eu não sei nada sobre isso. Eu apenas faço o que você me diz.

Alex sorriu. —É um bom começo.

O ar entre eles chiou.

—Eu - eu não posso... Você não pode estar falando sério.

Alex não conseguia acreditar o quão sério ele estava.

—Eu estou.

—Você não pode, — Corbin disse suavemente. —Não quero que nada de ruim aconteça aqui.

—Sua auto-estima não é boa, tenho que dizer.

Mas Corbin apenas balançou a cabeça.

Nem o seu senso de humor, pensou Alex. Havia algo incrivelmente charmoso nele sobre a maneira como Corbin não brincava. Como tudo o que ele dizia e pensava fosse sério, sincero, genuíno. Desprotegido pelo humor à distância proporcionado.

Os olhos de Alex permaneceram na linha do pescoço de Corbin quando ele baixou a cabeça. —Corbin. Você *quer*?

Ele assentiu. —Eu quero.

Alex sorriu. Parecia que uma peça havia se encaixado em um quebra-cabeça, embora ele não soubesse qual seria a imagem final.

Corbin *era* bom nisso. Ele prestou atenção aos detalhes, seguia bem as instruções e nunca presumia que sabia algo que não sabia. Era um lugar tão bom para começar quanto qualquer outro.

A única reserva de Alex sobre a contratação de Corbin foi a maneira como o homem se perdia em seus próprios pensamentos. Ele temia deixar as bandejas queimarem ou deixar a massa à prova por dias. Em vez disso, Corbin voltou essa absorção para o que quer que ele estivesse trabalhando. Assim, Alex foi tratado com o mesmo enfoque único em creme de manteiga e açúcar, em espalhar frutas no creme por igual, em formar pãezinhos perfeitos.

Na verdade, eram os pensamentos de Alex que tendiam a vagar quando Corbin estava na cozinha, Alex que quase queimou três coisas e encontrou dois potes de massa crescida demais no primeiro dia de Corbin. *Ficar juntos, ficar juntos, ficar juntos*, ele repreendeu a si mesmo.

Corbin teve o cuidado de não tocá-lo o dia todo, mas enquanto eles se moviam em torno um do outro na cozinha, a consciência de Alex sobre o corpo do outro homem foi tão intensificada que parecia que eles se tocavam de qualquer maneira. O ar entre eles estava carregado, e quando ele pegasse uma dica do cheiro de Corbin, Alex sentiria seu corpo inundar de desejo.

Foi quase um alívio quando a tarde chegou e o turno de teste de Corbin acabou. Alex também estava saindo para pegar Gareth no aeroporto.

—Você foi muito bem —, disse Alex. —Você gostou? — Corbin sorriu e acenou com a cabeça rapidamente. —Está bem então. Você está contratado.

Alex tinha olhado furtivamente para Gareth todo o caminho desde o aeroporto. Ele pensou que podia ver o corretivo no que ele lembrava ser o pior dos hematomas, mas nada poderia ter escondido o lábio partido ainda não cicatrizado ou o inchaço ao redor de seu olho esquerdo. Depois de quinze minutos, Gareth deu-lhe um tapa no ombro e disse-lhe para parar, porque ele se sentia um perdedor o suficiente sem ser estupefato.

De volta a casa, Gareth jogou sua mala no quarto de hóspedes e caiu mal-humorado no sofá. Cada vez que Alex tentava falar sobre algo mais substancial do que o programa que Gareth havia escolhido no Canal de Culinária, Gareth o enganava. Alex estava começando a ficar irritado.

Isso era o que Gareth fazia quando se sentia ameaçado ou julgado, Alex sabia disso muito bem. Mas ele queria tanto ajudar, e ele estava tão preocupado por dias, e agora Gareth tinha cinquenta coisas a dizer e nada a dizer sobre si mesmo. Até mesmo "Como vai você?" tinha apenas obtido um bufo.

Mas Gareth se endireitou quando a porta se abriu e a mãe de Alex entrou. Alex perguntou a ela se estava tudo bem para Gareth ficar por um tempo, mas ele não disse a ela os detalhes do porquê. Ela entrou na sala com um sorriso, mas ele se desvaneceu no momento em que viu Gareth.

—Oi, Helen, — Gareth disse baixinho, os olhos baixos, como se estivesse prestes a ser repreendido. Ele parecia culpado. A primeira vez que a mãe de Alex veio visitar, Gareth disse, pasmo: "Então é assim que é ter uma mãe de verdade?"

Ela se sentou no sofá ao lado de Gareth. Ela o considerou por um momento, estendendo a mão para tocar sua bochecha onde o corretivo era

grosso e óbvio. Gareth deixou, onde ele deu um tapa na mão de Alex. Ela soltou um suspiro e abriu os braços. —Venha aqui, querido. — Disse ela.

Os olhos de Gareth se voltaram para os dela e então ele se jogou em seus braços, soluçando.

Alex observou em estado de choque enquanto Gareth chorava e sua mãe acariciava seu cabelo e suas costas. E ele tentou não se sentir magoado quando sua mãe o enxotou de seu melhor amigo.

Ele pegou o casaco do cabide e entrou na cidade. Quando ele voltou com comida chinesa duas horas depois, Gareth não estava em lugar nenhum.

—Ele foi para a cama. — Disse Helen calmamente, entrando na cozinha e servindo-se de um pouco de comida.

—Ele nem me disse como estava. — Disse Alex. Parecia amargo.

—Às vezes as pessoas só precisam de uma mãe.

Alex piscou para ela. —Sim, eu acho que sim. — Eles comeram em silêncio por um minuto. —O que você faz quando precisa de uma? — Os pais de sua mãe morreram há muito tempo.

Helen franziu os lábios e sorriu um pouco. —É a coisa mais estranha. Depois de se tornar mãe, você precisa de uma forma diferente. — Ela sorriu para ele e colocou a mão em seu ombro. —Você fez uma coisa boa, trazendo-o aqui.

—Acredito que sim. Não tenho certeza do que fazer agora que ele está aqui.

Ela encolheu os ombros. —A maioria das pessoas não sabe o que está fazendo na maioria das vezes. Você vai descobrir.

Foi algo que ela disse a ele tantas vezes quando ele estava crescendo, mas o atingiu de forma diferente desta vez.

—Sim. Acho que vou. — Disse ele.



No dia seguinte, a caminho de casa do E Filho, Alex parou no supermercado e comprou macarrão com queijo, bacon, limão e tequila. Ele colocou essas coisas na mesa da cozinha e acordou Gareth, que tinha cochilado o dia todo.

—Uau, você é o diabo. — Gareth disse quando viu.

—Eu preciso falar com meu melhor amigo e meu melhor amigo gosta de bacon com queijo quando ele bebe. — Alex encolheu os ombros. —Você faz a matemática.

As narinas de Gareth dilataram-se e ele disse bruscamente: —Não quero falar sobre essa merda, Barrow.

—Psh, quem está falando sobre você? Estou falando sobre mim. — Disse Alex, colocando água para ferver. Ele fatiou um limão e serviu um copo de tequila para cada um, depois entregou um a Gareth e brindou.

Gareth engoliu a tequila e amaldiçoou com uma risada quando a bebida queimou seu lábio cortado. Ele enfiou o dedo no azeite e passou na boca.

—Ok, sobre o que diabos você quer falar?

Alex despejou as caixas de macarrão na água e saboreou o chiado do bacon quando bateu na frigideira.

—Então, tem esse cara. — Disse ele. E ele viu a vida voltar ao rosto de Gareth pela primeira vez desde que ele chegara.

Parte Dois: Água

Corbin

Capitulo 6

Alex Barrow entrou na vida de Corbin como uma estrela cadente em um céu escuro. Coisas que há muito viviam nas sombras foram iluminadas. Coisas que estavam profundamente enterradas não podiam mais ser ignoradas.

Na manhã em que conheceu Alex, Corbin tinha acordado de um sonho com cisnes empoleirados nos beirais, suas penas caindo como neve. Ele abriu a janela e sentiu o cheiro de maçãs no ar. Maçãs verdes e musgo. Eles eram os cheiros da possibilidade, e ele começou a caminhar sem saber para onde o levariam.

Quando ele chegou à casa de Helen e o cheiro se dissipou, ele ficou um pouco desapontado. Não que ele não gostasse da cafeteria de Helen - era aonde ele sempre ia. Mas o cheiro era tão fresco e forte que ele pensou que significava algo diferente. Ele disse a si mesmo que tinha sido apenas um sinal de que a cafeteria estava aberta novamente, depois de semanas sendo fechada. Pelo menos, ele pensou que fosse semanas. Corbin não era muito bom com o tempo.

Foi só quando ele entrou que percebeu que tudo estava diferente. O homem no balcão tinha um brilho caloroso ao seu redor. Parecia gentileza, natureza e energia e algo que Corbin não reconheceu. Algo de que ele não conseguia desviar o olhar.

Era como desespero, mas sem escuridão.

Agora, Corbin sabia que sua primeira impressão de Alex estava correta. Ele era gentil em seu íntimo, com energia ilimitada para assumir um

projeto, e ele saboreava o ar fresco e as árvores como se cada respiração fosse a primeira que ele tinha em muito tempo. Ele lembrou Corbin um pouco de Lobo.

Mas ainda havia a qualidade que ele não conseguia descobrir. Não era tristeza - não exatamente. Nem solidão. Não havia pena nem arrependimento. O mais próximo que Corbin poderia nomear era algo como potencial. Um recurso não utilizado. Algo esperando... alguma coisa.



Corbin flutuou para casa no final de sua primeira semana, oficialmente trabalhando como padeiro na E Filho, ainda pensando na transformação de calor e fermento. Lobo se aproximou dele com entusiasmo e acariciou-o, sentindo todos os seus novos aromas.

—Venha caminhar comigo. — Lobo acertou o passo com ele.

Eles entraram na floresta, Corbin arrastando os dedos ao longo de agulhas de pinheiro e pressionando perto para cheirar cascas e frutas vermelhas. Eram os cheiros de que ele mais sentia falta no inverno. O frio os embotou de modo que seu mundo parecia menor, mais perto. Ele tinha que chegar bem perto das coisas para ter uma visão completa no inverno.

Ele se perguntou se Alex gostava do inverno. Se ele se agarrava e continuava caminhando ao ar livre, ou estremecia e reclamava do frio. Ele aumentava o aquecimento ou empilhava cobertores extras na cama? Ele fazia o que Corbin fazia, e deixava a janela aberta mesmo com as neves mais profundas e os ventos mais cortantes?

Quando seu estômago roncou alto o suficiente para que Lobo se virasse para ele com os ouvidos atentos, Corbin percebeu que estava andando muito mais tempo do que pretendia. Os caminhos que ele havia feito por aquela floresta ao longo dos anos serpenteavam uns nos outros de modo que, se você não prestasse atenção, poderia se mover por eles por horas sem sair do outro lado.

Ele estava tão perdido em seus pensamentos sobre Alex que escureceu sem que ele percebesse.

—Vamos para casa.

Lobo latiu uma vez e virou para a direita. Ele os conduziria infalivelmente para casa.

Corbin preparou o jantar e comeu na mesa da cozinha onde já havia comido milhares de vezes antes. Suas tias nunca mantiveram horários regulares, então cheiros de comida flutuavam pela casa a qualquer hora do dia ou da noite, e Corbin vinha para comer. Às vezes, ele acordava no meio da noite para encontrar todas as panelas sujas e as tias festejando em uma mesa coberta de pratos; às vezes era pão com manteiga recém-assado, às vezes sorvete por dias.

Quaisquer que fossem os caprichos de suas tias, sempre houve comida na casa se Corbin quisesse fazer o que quisesse. Mas ele gostava da surpresa. Ele ficaria em seu quarto até o último momento possível, provando o ar e fazendo suposições sobre o que encontraria na cozinha.

Depois do jantar, Corbin se acomodou na poltrona da sala de estar onde Galho cochilava em frente ao fogo, as patas se contraindo em seus sonhos. Ele abriu seu caderno de desenho e descompactou as canetas, virando as páginas. As últimas cinco páginas trazendo um novo assunto.

Alex.

Uma que ele deixou Alex ver - ele sufocado em cachorros, aceso com a alegria deles. Outras ele não tinha.

Alex assando, os braços fortes ficando tensos enquanto trabalhava a massa.

Alex segurando o bolo perfeitamente congelado que ele fez apenas para Corbin com um sorriso. Corbin havia colocado o bolo no congelador para comer quando quisesse.

Alex caminhando com Corbin e Carbon, Lex, Jasmine, Finnian e Lobo na floresta atrás de sua casa, como se sempre tivesse feito parte do grupo.

E um que ele nunca iria mostrar a ele. Um que ele mal conseguia olhar, ele mesmo. Ele havia acordado dos sonhos de Alex e o desenhado meio adormecido, no meio de uma noite longa e escura. Alex, na cama de Corbin, braços em volta dele, queixo em seu ombro. Alex o segurando, o querendo. Cuidando dele.

Corbin mudou para uma nova página. Isso nunca aconteceria, então era melhor tirar isso da cabeça. Assim era a loucura. Melhor não querer coisas. Melhor se concentrar no que ele tinha em vez do que nunca faria.

Ele começou a desenhar. Sua gêmea mais resistente, Carbon, surgiu primeiro, olhando para ele enquanto ela brincava com Lobo. Em seguida, a elfa e loira Lex, que permaneceu do tamanho de uma criança mesmo depois de crescer. Ela sorriu para ele como sempre sorria para ele. A alta e plácida Jasmine caminhou pela floresta em direção a eles, a mão levantada em saudação. Ela não parecia chateada, apenas com pressa.

Finnian foi o último. Seu rosto bonito mostrava preocupação, mas sem ressentimento, e sua mão se estendeu para pegar a de Corbin. Foi um alívio.

—Me desculpe, eu não tenho estado por aqui ultimamente, — Corbin disse, passando a ponta dos dedos sobre eles assim que a tinta secou. —Eu

tenho um novo emprego. Eu acho que este pode ser diferente. Bem. *Alex* é diferente. Então, talvez isso signifique que o trabalho também será.

O fogo crepitava e Galho ofegava pacificamente durante o sono. O vento lá fora farfalhava as folhas secas e o ar lá dentro cheirava a pinho, sálvia seca e tomate de seu jantar. Ele estava aquecido e confortável, e ele se perdeu no mundo que se desenrolava em seu caderno.

Ele começou a desenhá-los quando tinha doze anos, o ano em que começou a sexta série e suas tias foram forçadas a mandá-lo para uma escola de verdade. Ele deveria estar animado, a assistente social lhe dissera - todas as outras crianças de sua idade para brincar e todas essas coisas para aprender! E ele estava animado inicialmente. Corbin gostava de coisas novas, ele simplesmente não tinha chance para elas com frequência.

Mas sua excitação não durou muito. Seus colegas ficaram curiosos no início, mas a curiosidade se transmutou sem esforço em suspeita, e *Qual é o problema dele* rapidamente se tornou *Que aberração*.

Ele podia ver a ansiedade deles aumentar quando ele se aproximava deles. Não medo dele, mas medo de ter que interagir com ele. Medo do constrangimento que viria de serem vistos com ele. E se a curiosidade se transformava em suspeita, o medo se transformava em raiva. Se ele se sentasse à mesa do almoço e eles não o quisessem ali, teriam de ser maldosos e dizer-lhe para ir embora. E eles o odiavam por isso. Se eles formavam pares com ele na aula de história e seus amigos faziam piadas fáceis sobre isso, então eles ficavam com raiva dele por fornecer a forragem.

Era uma raiva equivocada de si mesmos, mas quase sempre era.

E não importava de qualquer maneira, porque afetava Corbin da mesma forma. Fazia com que ele se sentisse nervoso, estridente e muito cheio do mundo. Deixou seus pés desajeitados e seus dedos tremendo e seus olhos não

sabiam onde pousar. O fez querer rastejar para baixo das cobertas onde ninguém pudesse vê-lo e ficar lá até que as coisas mudassem.

Ele não disse nada em casa, até que um dia, tia Hilda o encontrou na floresta quando ele deveria estar na escola. Ele saiu de casa no horário normal, depois voltou para passar o dia na floresta. Hilda nunca se aventurava na floresta sozinha se pudesse evitar, mas Ramshackle, um de seus gatos mais velhos e mais estimados, correu para a linha das árvores, e Hilda se dignou a segui-la e atraí-la para casa.

Não foi difícil descobrir qual era o problema, e Hilda o levou para casa e o acomodou à mesa da cozinha enquanto preparava os chás.

—O medo —, ela disse. —é natural. Mas a raiva é a tentativa da mente fraca de se vacinar contra o medo. Não preste atenção a eles. Eles têm mentes pequenas e vidas pequenas.

—Não temos uma vida meio pequena? — Corbin perguntou, indicando a casa, o jardim e a floresta, que eram a extensão do mundo de Hilda e Jade.

—Primeiro, temos três vidas porque somos três pessoas. E, segundo, não acredite por um segundo que o escopo é medido em quilômetros quadrados.

Corbin suspirou. Ele sabia o que ela queria dizer. Corbin não era tão literal quanto as pessoas pensavam que ele era. Às vezes, ele só precisava limitar o número de opções que sua mente processava de uma vez. Mas ele esperava que talvez, apenas desta vez, tia Hilda tivesse empatia em vez de profetizar. Exclame, *esses idiotas!* Ou diga, *sinto muito, Corbin. Sinto muito que aconteceu com você.*

Mas suas tias nunca se arrependeram de nada. Elas não acreditavam em arrependimento. E *desculpe* era apenas um desejo sobre algo que já havia acontecido. Apenas um arrependimento em nome de outra pessoa.

Ele desenhou Carbon naquela noite. Ele começou a se esboçar. Queria desenhar a si mesmo de forma diferente. Não porque desejasse ser diferente (o *arrependimento é inútil*), mas porque se perguntou como seria sua vida se ele fosse.

Eles o provocavam por ser esquelético e desajeitado, por se parecer com uma menina; eles o provocavam por olhar muito e por não fazer contato visual. Eles zombavam de suas roupas porque eram todas as cores da floresta. Eles o provocavam por não falar e por tudo o que ele dizia.

Então ele pretendia desenhar uma versão diferente de si mesmo, só para ver. Mas o que ele desenhou foi Carbon. Ela se desvencilhou de sua caneta e foi para a página, e o olhava fixamente com as mãos nos quadris e a cabeça inclinada, uma imagem refletida da dele. E ela disse: *Dane-se esses babacas, mano. Dane-se eles e seus amigos chatos.* Então ela sorriu e seus dentes eram ainda mais afiados que os dele.

Ele dormiu aquela noite com o desenho debaixo do travesseiro, como se talvez em sonhos ela pudesse se fundir com ele e torná-lo mais feroz.

Mas veio de manhã, ela ainda estava lá, um pouco enrugada, e quando Corbin se olhou no espelho, ele viu o que ele sempre viu. Olhos muito grandes, um olhar muito intenso e ossos delicados que o faziam, sim, parecer que ele poderia ser uma menina. Ele suspirou. Ele não tinha pensado que nada seria diferente, mas ele percebeu naquele momento que ele deve ter esperado.

E então ele ouviu a voz de Carbon em sua cabeça (embora ela não se chamasse assim ainda), e ela disse, *Duh, você se parece comigo, mano. O que é incrível. Sortudo.* Corbin se sentiu mais leve imediatamente, e quando sorriu, ele pensou que seus dentes eram um pouco mais afiados também.

Ele colocou o desenho no bolso e levou-o para a escola com ele naquela manhã, e desde então.

Com Carbon lá, ele tinha alguém com quem conversar, alguém olhando por cima do ombro dele que poderia revirar os olhos e rir com ele. Ela não estava lá o tempo todo. *Por que diabos eu iria querer relaxar na aula de matemática, mano?* Mas ela estava lá o suficiente.

Jasmine veio a seguir, cerca de seis meses depois. Corbin leu um livro com ela, *Melt Away Homeward.* Nele, uma mulher - Jasmine Aweke - se escondeu em uma nave espacial com destino ao planeta onde sua irmã, que havia desaparecido no ano anterior, fora vista pela última vez. Ela lutou em uma guerra interplanetária, apenas para descobrir que sua amada irmã estava liderando o exército para o lado oposto. Ela era forte, confiante e leal, e Corbin a admirava completamente. Ele leu o livro uma dúzia de vezes e as imagens de Jasmine começaram a aparecer em seus desenhos. Ele foi até ela para pedir conselhos e gostava de caminhar com ela em silêncio.

Em seguida, foram Lobo e Lex. Eles apareceram ao mesmo tempo porque Lobo estava arrastando Lex para fora de um riacho quando Corbin os encontrou. Ela estava rindo muito para agarrar a costa, jubilosa e sem medo. Foi Carbon quem a quis. Carbon achava Jasmine severa e distante, e ela achou que Lex parecia divertida. Mas Corbin tinha gostado de Lex também. Ela estava sempre rindo e, quando estava rindo, nada no mundo poderia prejudicá-la. Ela fez Corbin rir de si mesmo, e nesses momentos, ele se sentia impenetrável também.

Lobo rapidamente se tornou o companheiro de Corbin, raramente deixando seu lado. Ele era um guardião e protetor, e sempre que Corbin precisava dele, ele estava lá.

Eles continuaram assim por alguns anos. Então, quando Corbin tinha quinze anos, Finnian veio. Finnian não falava muito, mas ele era bonito e corajoso e ouvia o que Corbin tinha a dizer.

Ele segurava a mão de Corbin, mesmo quando os dedos de Corbin tremiam, e ele beijava a bochecha de Corbin à noite antes de adormecer. Uma noite, Corbin perguntou para onde ele ia quando Corbin estava dormindo, e Finnian bateu na têmpora de Corbin e disse: *Estou sempre aqui com você*. — Então fique esta noite, — Corbin disse, dando um tapinha na cama ao lado dele. —Por favor fique. — E Finnian tinha ficado, um peso quente ao lado dele enquanto ele dormia. Não todas as noites, porque ele não queria que o prazer passasse. Justo quando ele realmente precisava.

Depois disso, eles sempre estiveram juntos. Carbon, Jasmine, Lex, Lobo, Finnian - lá, com ele no bolso onde quer que fosse.

Quando as pessoas na escola o provocavam, ele ia embora em sua cabeça, onde Jasmine iria acalmá-lo ou Carbon iria amaldiçoá-los. Onde Lex o deixaria de bom humor, ou Lobo o jogaria maltrapilho na floresta. Ou, o melhor de tudo, Finnian o beijaria docemente até que ele se esquecesse de que mais alguma coisa existia.

Ele não contou a suas tias sobre eles - especialmente sobre Finnian. Não porque eles iriam pensar o que seus colegas pensavam - que ele era uma aberração que falava com pessoas que não estavam lá - ou o que estava ficando claro rapidamente para seus professores e conselheiros da escola - que ele era mentalmente instável. Não, Corbin não contou às tias porque ele sabia o que diriam.

Elas contariam as mesmas histórias que contavam desde que ele era um garotinho e ele primeiro perguntaria por que elas não eram casadas. As mesmas histórias que contaram quando ele perguntou o que aconteceu com seus próprios pais.

Davey, o amor da vida de tia Hilda, morrera na Marinha, quando tinha vinte e dois anos. A esposa de tia Jade morrera seis meses depois do casamento,

embora elas o tivessem em segredo para que ninguém - nem mesmo Hilda - soubesse. Ela tinha vinte e sete anos, era saudável como qualquer coisa e morrera de ataque cardíaco durante o sono.

Seus pais conheceram canoagem em torno das rochas retratadas e se apaixonaram nas margens do Lago Superior. Eles compartilharam uísque, uma barraca e uma semana de canoagem e, bêbados de amor, mas inquietos, planejaram se encontrar na foz desse mesmo rio no ano seguinte e fazer tudo de novo. Dois meses depois da viagem, quando Madeleine percebeu que estava grávida, tentou encontrar o homem que conheceu. E ela o encontrou. Na seção de obituários do *Detroit Free Press*. Ele morreu de aneurisma na semana anterior.

Corbin, você vê, era um Wale. E o País de Gales era amaldiçoado. Qualquer pessoa que os amasse e a quem eles realmente amassem morria em um ano.

Então não adiantava contar a eles sobre Finnian, nem sobre qualquer outro homem, porque Corbin nunca poderia se apaixonar. Não com alguém que poderia amá-lo de volta, de qualquer maneira, porque se apaixonar significava condenar seu amado à morte certa.

Ele teve alguns encontros aqui e ali - alguns beijos, algumas ofertas. Mas embora ele desejasse proximidade e a sensação das mãos de outra pessoa em sua pele, os encontros o deixaram estridente e desejando algo totalmente diferente, e ele parou até mesmo de considerá-las anos atrás.

Dessa forma, o fato de a maioria das pessoas pensar que ele era uma aberração tornava mais fácil manter distância. Para não conectar acidentalmente. Além disso, ele tinha Finnian quando precisava dele, e Finnian era adorável. Adorável e impermeável.

Ninguém mais tinha realmente atraído sua atenção dessa forma. Ninguém causou uma impressão muito positiva. Ninguém havia entrado nas paredes de sua atenção, ou de sua casa, ou de seus sonhos. Ninguém tinha começado a trabalhar em suas fantasias onde apenas Finnian havia morado por mais de uma década.

Ninguém até Alex Barrow.

Capitulo 7

Pela primeira vez em sua vida, Corbin sentiu que talvez pudesse pertencer a ele. Na cozinha com Alex, açúcar entre os dedos, ele se sentia em casa. Cada vez que Alex erguia os olhos para ele e sorria, ou se movia ao lado dele para mostrar como dar forma a uma massa ou misturar uma massa, ele sentia outra peça se encaixar no lugar, outro som de sino. O ar entre eles dançava e ardia.

Foi assim que aconteceu, suas tias sempre lhe disseram. Primeiro você se encaixaria tão perfeitamente que não há costuras. Então você será dilacerado para sempre.

Eles estavam colocando doces na vitrine e o antebraço de Alex roçou no dele. Corbin estremeceu. Sua pele inteira parecia hipersensível ultimamente. Cada toque parecia uma carícia, cada toque acidental de carne como um abraço. Ele pensou que se Alex realmente o beijasse, ele poderia gozar na hora. Ele sempre se afastava rapidamente, com medo de deixar uma mancha em Alex.

Corbin deixou cair um muffin no chão. *O problema está chegando.*

Mac entrou pela porta.

Mac achava que ele era uma aberração. *Amaldiçoado*. Era assim que Mac costumava chamá-lo. Corbin juntou as migalhas do muffin de streusel de pêra.

—Alex, olá! — A voz de Mac arranhou o interior da cabeça de Corbin. — Eu queria falar com você sobre nossas promoções da Main Street da semana

de Ação de Graças. Todos estão participando, mas não ouvi de você. Recebeu meu email?

—Eu vi. Desculpe por não ter respondido antes - novos negócios e tudo, você entende. — A voz de Alex acariciou os nervos de Corbin de volta ao lugar. —Não vou participar das atividades da semana de Ação de Graças, mas obrigado pelo aviso.

—O que? Por que não?

—Porque eu não celebro o Dia de Ação de Graças e não me sinto confortável com minha empresa ganhando dinheiro com isso.

A voz de Alex estava calma, mas Corbin podia ver sua frustração, seu desgosto. O ar ao redor de Mac ficou turvo e Corbin deu um passo para trás.

—Por que não? Você não precisa acreditar em todas aquelas coisas sobre os peregrinos e o primeiro Dia de Ação de Graças. A maioria das pessoas não. Hoje em dia é mais apenas um momento de comemorar em família, ser grato por tudo o que temos.

—Acho que você está certo sobre o que o feriado significa para muitas pessoas. Que eles concordam que não é celebrar nada que deveria ser celebrado, mas o fazem de qualquer maneira. Porque não querem decepcionar entes queridos ou querem aproveitar um dia de folga do trabalho. Mas, honestamente, Mac, a única maneira de encorajar as pessoas a parar de comemorar é... bem, para parar de comemorar. Portanto, tenho certeza de que você entenderá por que não posso participar de nenhuma promoção da semana de Ação de Graças.

Corbin sentiu um sorriso puxar seus lábios. A ferocidade de Alex, sua convicção, agitou o ar entre ele e Mac em um redemoinho de marrom abjeto e roxo brilhante. O roxo estremeceu na espinha de Corbin e o fez ansiar por ser o toque de Alex. Mas o marrom de Mac o congelou.

—Uh, sim, acho que sim.

—Eu tenho uma contraproposta, no entanto. Talvez você e todos os outros proprietários de pequenas empresas possam se juntar a mim na doação de metade dos nossos lucros obtidos durante aquela semana para algumas instituições de caridade das Primeiras Nações da área de Michigan?

—Ah. Bem, as promoções já estão configuradas, então...

Alex assentiu com conhecimento de causa. —Talvez no próximo ano.

Corbin queria ficar agachado atrás do balcão fora de vista até que Mac fosse embora, mas um cronômetro disparou na cozinha, então ele tropeçou em seus pés, panela na mão. A carranca de Mac caiu sobre ele, e ele sentiu insetos sob sua pele.

—Wale. Você *trabalha* aqui agora?

Corbin observou enquanto os contornos de Mac mudavam com a visão dele. *Raiva, nojo, repulsa. Ele te odeia*.

Corbin passou por ele arrastando os pés e foi para a cozinha, o bipe do cronômetro como uma voz amigável chamando-o para casa. Ele deslizou a torta de amêndoa do forno para esfriar e esperou que Alex viesse lhe dizer o que fazer a seguir.

Apenas o pensamento de Alex dizendo a ele o que fazer acalmou Corbin.

Mas sua calma evaporou quando viu que Mac ainda estava falando com Alex. Porque ele sabia o que Mac estaria dizendo. Ele confiaria nele - *de um empresário para outro.* Ele iria avisá-lo sobre Corbin. Ele diria a Alex que Corbin não era confiável, um cadete espacial. Uma aberração.

Às vezes, você pode chamar o nome dele por um minuto inteiro sem que ele ouça você. Às vezes, ele nem aparece para trabalhar. E há a maneira como as coisas ruins o seguem aonde quer que vá. O congelador da Sra. Edelman explodiu. A loja do Sr.

Sakaturi foi invadida. Meu carro pegou fogo depois que ele o descarregou. Todo mundo sabe que ele estraga tudo o que toca, então fique atento.

Quando Alex entrou na cozinha, Corbin olhou para cima para ver que ele serviu duas dúzias de muffins de abobrinha e polvilhou os topos com pepitas e açúcar mascavo sem perceber.

Pelos próximos minutos, Alex trabalhou e Corbin se contorceu. O mundo se estreitou em um túnel. Em uma ponta estava o calor e o conforto de Alex e sua cozinha, e na outra ponta estava Corbin e a vida que ele teve antes. Ele poderia tentar escolher o caminho através do túnel, mas era longo e íngreme. Ou ele poderia se virar e se acomodar com o que já tinha.

Ele estava tão cansado.

—Eu devo ir. — Corbin disse finalmente, enquanto os primeiros tentáculos de baunilha e canela serpenteavam para seu nariz dos muffins no forno.

Alex olhou para o relógio e franziu a testa. —Você se sente bem? Você tem duas horas restantes no seu turno.

A boca de Corbin estava seca e ele engoliu em seco convulsivamente. Qualquer que fosse a magia que viu, na suavidade amadeirada da abobrinha crua, o potencial para a doçura derretida dos muffins de abobrinha, essa era a magia de que Corbin precisava.

—Não, eu me sinto bem. Mas posso imaginar o que Mac disse. Achei que você não gostaria que eu trabalhasse mais aqui.

Alex franziu a testa e Corbin olhou para seus sapatos.

—O que você imaginou que ele disse?

Corbin ansiava por ter Lobo ao seu lado. Ele sempre se sentia mais estável quando podia encostar no pelo quente de Lobo. —Que eu sou uma

aberração. Um estranho. Um azarento. Que eu estrago as coisas. Quebro coisas. Que eu tenho azar de ter por perto, e você não precisa de nenhum azar.

Então Alex estava bem ali, mais perto do que normalmente vinha. Corbin se encolheu como sempre fazia. A última coisa que ele queria era tocar a pele nua de Alex e arriscar contaminá-lo. Arriscar de alguma forma, permitindo que a maldição o contagie. Mas onde Alex normalmente se afastava também, como se pudesse sentir que Corbin era perigoso, desta vez ele pegou os ombros de Corbin em suas mãos.

—Eu não me importo com o que Mac diz. Não me importo muito com o que a maioria das pessoas diz. Você está gostando de trabalhar aqui, não é?

Era difícil pensar com Alex o tocando, como se todos os lugares que tocaram pulsassem com consciência.

—É a melhor coisa da minha vida. — Corbin disse, disperso e abstrato, e observou a ferocidade nos olhos de Alex desaparecer e sua boca suavizar.

Então Alex o puxou contra seu peito largo - lentamente, para que houvesse tempo de fugir. Mas Corbin não queria fugir. Ele queria ser envolvido, consumido, engolfado. Ele queria ser mantido no olho da tempestade e deixar o mundo rugir ao seu redor.

Nos braços de Alex, o tempo era medido em respirações e a distância nas rugas da roupa entre eles. Embora ele estivesse preso com firmeza, sua respiração parecia mais profunda, como se seus pulmões pudessem se expandir até a garganta e até o estômago, enchendo-o com todo o ar de que precisava para ficar lá para sempre. Nos braços de Alex, nada mais poderia tocá-lo.

E se eu pudesse ter isso. E se isso fosse possível. E se eu pudesse ficar com ele.

Não adiantava fazer perguntas se você já sabia as respostas. Então, as perguntas eram apenas arrependimentos direcionados ao futuro, e não ao passado.

Porque ele não poderia ter isso. Isso não era possível. Ele não poderia mantê-lo.

Ele era um Wale e o País de Gales era amaldiçoado. Era a única verdade imutável que ele sempre conheceu.

Ele respirou fundo uma última vez, para impressionar a sensação dos braços de Alex em seus ossos, imprimir a sensação da pele de Alex contra a sua, catalogar o cheiro do cabelo e do hálito de Alex. Era melhor do que nada. Mas, ao fazer isso, ele pressionou o rosto mais perto do ombro de Alex, e os braços de Alex o envolveram com ainda mais força - uma armadilha preparada com a isca mais tentadora e dentes de aço quebrando.

—Corbin. — Alex sussurrou.

O nome dele. Seu nome com tudo nele.

E por apenas um momento Corbin viu como isso poderia acontecer. Viu como uma das peças pode deslizar rapidamente e você pode dizer: *Não me importa se isso acabar, contanto que eu possa ter agora*. Viu que se ele se inclinasse um pouco para trás e inclinasse o rosto na direção de Alex, seria beijado.

Alex o beijaria e ele iria embora, e qualquer coisa pareceria justificável. Ele viu como suas tias devem ter selado o destino de seus amantes, embora conhecessem as histórias melhor do que ninguém. Como sua mãe poderia ter se convencido a se arriscar.

Ele viu os monstros que o amor e a saudade podem fazer, e todos eles tinham rostos humanos.

—Ei, você está bem? — Alex disse, e Corbin percebeu que ele estava tremendo. Ele se afastou e esquadrinhou o ar ao redor de Alex

desesperadamente, para se certificar de que as cores não haviam esmaecido, não absorvido nada de sua mancha.

Ele juntou suas palavras como bolotas derramadas e tentou colocá-las em ordem, mas antes que pudesse, Alex estava falando novamente.

—Então está resolvido. Você não vai a lugar nenhum e, da próxima vez que Mac ou qualquer outra pessoa tiver algo a dizer sobre você, não se preocupe com isso. Ok?

Corbin se encontrou concordando porque Alex era uma *força*. Não uma força tão forte quanto a maldição, mas forte. E porque tudo o que importava eram mais minutos com Alex, mais horas.

—Quer me ajudar com essa nova receita? Eu poderia usar um testador de sabor.

Corbin acenou com a cabeça.

—Vou começar a fazer chalá para vender às sextas-feiras para o Shabat e tenho uma receita que costumo usar, mas queria experimentar algumas variações. Uma com figos e mel, e outra com tomate seco e manjericão.

Corbin acenou com a cabeça novamente.

Alex fez uma pausa e parecia que estava prestes a dizer algo, mas então ele apenas sorriu e disse o que eles precisavam. Ele parecia mais natural em movimento.

Enquanto Alex misturava ingredientes e amassava a massa, fazendo um chalá após o outro, ele falava. Ele sempre falava enquanto trabalhava. Às vezes ele falava com Corbin, às vezes com o que ele estava fazendo, e às vezes Corbin tinha a sensação de que ele estava apenas vazando palavras como um sonho acordado, deixando-as sair para que não atrapalhassem o funcionamento. Alex era uma máquina que funcionava bem.

Agora ele falava sobre Mac, sobre o Dia de Ação de Graças, sobre as práticas dos pequenos negócios e como ficava doente porque as pessoas se preocupavam mais em ganhar mais dinheiro do que em fazer a coisa certa.

—É um feriado que glorifica o holocausto americano —, disse Alex apaixonadamente enquanto rasgava o manjericão. —Sim, transformamos em algo que dizemos ser sobre agradecer, então ninguém pode argumentar que é ruim. Mas isso torna tudo ainda pior. Qualquer coisa que fizermos para celebrar isso só aumenta o problema. Não estou tentando *encorajar as* pessoas a gastar dinheiro por causa disso.

Corbin se sentou em um banquinho ao lado da mesa e ouviu, olhos semicerrados. Ele encontrou a voz de Alex acalmando, mesmo em um discurso retórico. Isso o lembrava de como Finnian lhe contava histórias algumas noites, ou como ele adormecia com Lex e Carbon debatendo uma coisa ou outra. Ele não percebeu que tinha caído, com a cabeça apoiada na mão, até quase cair do banco.

—Minha mãe costumava dizer que eu poderia falar com alguém até a morte, mas eu nunca vi isso chegar tão perto de acontecer. Você está bem?

Corbin murmurou que sim e se levantou.

—Se você prometer não adormecer no meio, vou mostrar como fazer uma trança de chalá.

—Por favor.

Trançar mantinha Corbin interessado. Suas tias sempre disseram que trançar era meditativo. Elas teceram cestos e cordas com nós para pendurar comedouros para pássaros. Elas enfiaram fitas nas bainhas das saias e trançaram mechas de cabelo na lua nova para ancorar os pensamentos no escuro.

—Você sabe como fazer uma trança de três fios? Ok, então faremos tranças de seis fios.

Corbin observou enquanto as mãos fortes de Alex entendiam as cobras de massa, enrolando-as ordenadamente, dizendo o padrão em voz alta enquanto caminhava: *Mais de dois, abaixo de um; mais de dois, menos de um.*

—Minha avó sempre fazia chalá para o Shabat e a deixava em nossa casa. Ela disse que pão trançado é um símbolo de amor porque é como se os braços se entrelaçassem.

—Ela te ensinou a assar.

—Sim. No começo eu não estava interessado. Então, um dia, eu a vi fazer massa de pizza. Eu a observei do jeito que você me olhou no primeiro dia em que entrou aqui. Fiquei paralisado por aquele momento. Aquele momento em que coisas que eram completamente diferentes se juntaram para ser uma coisa só. Foi como magia. — Ele deu uma risadinha. —Minha avó achava que eu realmente gostava de pizza. O que, para que conste, eu realmente quero.

Quando Alex sorriu para ele facilmente, Corbin sentiu em seu estômago como um raio.

Em seguida, Alex trançou o figo e o mel e os cobriu com toalhas para levantar novamente. Ele contou a Corbin tudo sobre a chalá e os diferentes estilos de tranças, e sobre o Shabat.

Quando os pães estavam no forno, Alex se virou para ele. —Não me lembro muito de você no colégio. — Sua voz era deliberadamente neutra. — Mas eu me lembro-

—Que aberração eu era. — Corbin murmurou.

O olhar de Alex era penetrante. —Não. Eu ia dizer como você foi corajoso.

—O que? Por que?

A vergonha de Alex foi uma mancha azeda que enrugou o nariz de Corbin. —Porque você estava sozinho e pequeno, mas ainda não negou quem você era. Eu estava no maldito time de futebol e no time de atletismo. Eu tinha amigos que me protegiam. E eu ainda não possuía quem eu era.

O coração de Corbin bateu forte com a caracterização desconhecida. — Mas você sabia.

—Sim. Eu sempre soube. Talvez eu até desejasse que alguém me perguntasse diretamente. Porque eu duvido que eu seria capaz de mentir sobre isso na cara de alguém. Mas ninguém nunca fez.

—Às vezes, saber você mesmo é o suficiente.

—Às vezes, — Alex permitiu. —Mas era só eu estar assustado e constrangido. Era eu valorizando as coisas erradas. Eu tento muito não fazer mais isso. — Sua mandíbula estava rígida e Corbin podia ver a verdade disso. Pôde ver a ferocidade com que Alex sempre fazia o que achava certo.

Nunca ocorreu a Corbin negar que ele era gay. Mas não foi por um senso de retidão. As outras crianças na escola o chamavam de um monte de coisas - algumas verdadeiras, outras não - mas não havia utilidade em comentar sobre elas. Eles não se importaram com a verdade sobre ele. Ele tinha sido um substituto, um local conveniente no universo para direcionar os sentimentos que eles não queriam manter dentro de si. De que adiantaria um ponto do universo dizer se esses sentimentos eram verdadeiros ou falsos.

Mas Alex olhava para ele e via algo diferente. Alex tinha visto suas *próprias* falhas em contraste, mas ele viu bravura mesmo assim. Aqueceu Corbin imaginar aquele olhar de décadas brilhando sobre ele como um raio de sol perdido através das pequenas janelas nos corredores do colégio.

O cronômetro apitou e o cheiro da chalá fez o estômago de Corbin roncar. Alex estava descrevendo um pão de tomate seco que comera na Itália, enquanto deixava a chalá esfriar um pouco, depois cortava as duas fatias.

A mente de Corbin ainda estava na forma como os braços de Alex pareciam ao redor dele, quando ele olhou para cima para encontrar Alex fazendo uma careta.

—Caramba —, disse Alex, bufando. —Isso não funciona de jeito nenhum. — Ele tirou um pedaço e provou novamente. —Eu deveria ter me limpo ou algo assim depois daquela conversa com Mac. Minha avó sempre dizia não asse enquanto estiver com raiva ou triste, porque sua amargura vai dar sabor ao pão. Você deve assar com amor se estiver assando para as pessoas que você ama, e elas sentirão o sabor doce. — Ele piscou e isso atingiu Corbin como um tiro.

Corbin piscou, o mundo mudando para câmera lenta, os cilindros se encaixando. Alex estava reescrevendo sua receita em voz alta - *pesto de* tomate seco ao sol, com tomilho em vez de manjericão, correndo em uma fita pela chalá - mas a mente de Corbin estava correndo.

Sua amargura dará sabor ao pão.

Sentimento negativo transferido para a comida, comunicado por meio de sua criação. Se era possível canalizar a amargura e a raiva *para* o chalá, seria possível se livrar delas dessa forma também? Para tirá-los de você mesmo? Uma purgação em farinha e sal?

Se isso fosse possível... Corbin poderia fazer isso? Assar a maldição de si mesmo, um pão de cada vez?

O pensamento ricocheteou em sua cabeça, borbulhou no fundo de sua garganta e se estabeleceu em seu nariz, cheirando a pinheiro e neve - cheirando

ao tipo de selvageria que fazia as coisas acontecerem e deixando-o tonto com uma onda de algo que parecia assustador como esperança.

Capitulo 8

Corbin acordou da reviravolta de um sonho, ofegante. Ele se ergueu sobre os braços trêmulos para se reconectar ao real. Estava escuro. O ar frio entrava pela janela aberta. Ele podia cheirar a si mesmo no emaranhado quente da roupa de cama - seu cheiro amadeirado adormecido, e o cheiro forte de desejo.

Ele deixou-se cair de volta no colchão, os braços estendidos enquanto pedaços do sonho voltavam. Vinhetas de Alex e ele que nunca aconteceriam no mundo desperto.

Os braços de Alex se apertavam ao redor de seus ombros em um abraço que relaxava em simplesmente abraçar um ao outro. O nariz de Alex enterrado em seu cabelo. Os dedos de Alex roçando sua espinha. Uma batida de ombro brincalhona que se transformou no braço de Alex deslizando em volta de sua cintura para puxá-lo para perto. Ele e Alex se tocando na coxa, quadril, ombro, inclinando-se um no outro como se tivessem ímãs polarizados sob a pele.

—Não é real, — Corbin sussurrou no escuro. —Isso nunca será real, então pare. — A umidade em seus cílios foi rapidamente absorvida por seu cabelo e pelo travesseiro, e ele puxou as cobertas ao redor do corpo. Ele inalou e um oceano de solidão se abriu em seu intestino. *Finnian, preciso de você*, ele pensou, mas depois mudou de ideia. Não *era* de Finnian que ele precisava. Não era Finnian que ele sonhava, sua mente adormecida admitindo o que seus pensamentos quando acordados recusavam.

Que ele queria Alex. Ele queria Alex com um desespero feroz que o fez estremecer durante a noite.

Olhos bem fechados, mandíbula cerrada, pensamentos contra as coisas que nunca poderiam acontecer, Corbin adormeceu e não sonhou com nada.



A lua projetava sombras como flechas na calçada quando Corbin entrou na padaria à meia-noite. Ele pegou fermento, farinha, ovos, óleo e sal, medindo como Alex.

Enquanto amassava a massa, ele convocou tudo o que sentia sobre a maldição. Ele pensou na primeira vez que suas tias lhe contaram sobre isso. *Os galeses são amaldiçoados no amor*. Muito antes que pudesse ser uma decepção, era simplesmente um fato. *É assim que as coisas são e é assim que nunca poderão ser*.

Ele pensou na primeira vez que realmente significou algo. Na tarde, o ângulo do queixo de Denny Dermott e a curva risonha de seus cílios enviaram um calor vibrando pelo peito de Corbin. Ele tinha quatorze anos, e no caminho da escola para casa, ele se imaginou beijando aquele queixo, lambendo aqueles cílios. Então, com uma sensação de afundamento, ele percebeu o que aconteceria depois. Não com Denny, talvez. Ou o próximo menino, ou o próximo. Mas eventualmente.

Enquanto flocos de neve atingiam suas bochechas aquecidas, ele percebeu rapidamente que querer beijar o queixo de um garoto significava que eventualmente poderia haver um garoto que ele amaria. Eventualmente, poderia haver um menino cujo queixo ele queria beijar para sempre. Como o

fato de *como as coisas são* voltadas para o pessoal *como elas nunca podem acontecer*, algo se abriu dentro de Corbin que ficou boquiaberto desde então.

A promessa de solidão não era o mesmo que a própria solidão. Corbin sabia, porque foi a promessa de solidão que desceu naquele dia. Foi a própria solidão que ele sentiu ao longo dos últimos anos. Solidão que doía com a pulsação de mil corações. Solidão que transformou certas partes de si mesmo em pedra para parar aquela dor latejante, porque era mais fácil cortar algumas coisas do que sentir a dor delas.

Corbin observou enquanto a massa inflava com tudo que ele desejava poder jogar fora. Depois de subir, ele a enrolou em seis fios. *As tranças podem prender desejos ruins e mantê-los afastados.* Ele trançou lentamente, enviando a maldição para a trança.

Em seguida, colocou o forno o mais alto possível e queimou o pão do mal.

Mais tarde, no trabalho, ele tocou o braço nu de Alex com a ponta dos dedos, levantando os cabelos do próprio braço com o contato. Durante a próxima hora, ele observou atentamente, esperando para ver algum sinal de que alguma coisa havia passado, a mancha nele transferindo-se para Alex. Quando nada pareceu mudar, ele respirou fundo.

Talvez, se ele fizesse isso de novo e de novo - lixiviado a maldição de si mesmo e queimando, um pão de cada vez - ele pudesse ser livre. Talvez, apenas talvez, ele não tivesse que ficar sozinho para sempre.

No banho naquela noite, Corbin fechou os olhos e esperou para desaparecer.

Finnian, ele murmurou, e ficou imóvel até que o ar mudasse.

Finnian não o tocou; Finnian dizia a ele como se tocar. Era assim que Corbin gostava. Sempre foi assim - Finnian o usando como um instrumento de seu próprio prazer. Finnian gostava de assistir, e Corbin gostava da maneira como valia a pena assistir o fazia se sentir momentaneamente bonito.

Quando era Finnian, não era fantasia, não era masturbação. Era sexo com alguém que ele conhecia e em quem ele confiava que comandava tudo. Empurrando-o em diferentes direções, mas sempre mantendo-o seguro.

Quando ele abriu os olhos, Finnian estava empoleirado na borda da banheira, arrastando languidamente seus longos dedos na água do banho e fazendo Corbin estremecer ao pensar no que aqueles dedos descreveriam.

Toque seu estômago levemente, sob a água. Sinta como sua pele está lisa.

Corbin estremeceu com seu próprio toque. Sua pele era frequentemente tão sensível que uma carícia em seu estômago ou em sua coxa o deixava dolorido. Às vezes, escovar a parte interna do bíceps ou sob os braços o fazia tremer de desejo despertado. Uma vez, Finnian o fez gozar coçando as dobras onde as coxas se encontravam na virilha, dedinhos de eletricidade zunindo por toda parte.

Sob a água, ele deslizou a mão sobre o peito para circundar os mamilos. Quando Finnian disse para ele beliscar, ele fechou os olhos. *Coloque a outra mão entre as pernas e toque a parte interna das coxas. Lentamente.* Corbin alimentou a pele sensível de sua coxa e sentiu seu pau endurecer contra seu estômago. Ele trocou de mãos, beliscando seus mamilos e deslizando a palma da mão ao longo de sua outra coxa. Ele imaginou como seria a mão de um amante, o toque de um ser desconhecido.

A mão seria maior do que a dele, mais áspera, e rasparia sua carne delicada até que ele estremecesse e pressionasse contra ela. Ele flexionou os quadris sob a água, todas as terminações nervosas iluminadas com o pensamento.

Saia da banheira e seque, mas não toque em sua ereção. Vá deitar na cama e acenda a vela. Então pegue o lubrificante e espere por mim.

Corbin espirrou água no chão ao sair, mas ignorou, quase se enxugando. Água pingava de seu cabelo e descia por sua espinha como a lambida de uma língua. A vela que ele acendeu encheu o quarto com um perfume sutil e quente. Âmbar, salgueiro e almíscar. Estava tão ligado às memórias de prazer que apenas o cheiro disso jogou Corbin mais fundo em uma névoa erótica.

Lubrificante na mão, ele deitou na cama e esperou.

Eu amo olhar para você. Você é tão lindo, Corbin. Você faria qualquer coisa que eu pedisse, não faria?

—Sim, — Corbin engasgou. —O que você quer que eu faça? — Sua voz era áspera e ele se contorceu contra o edredom.

Finnian sussurrou em seu ouvido e Corbin obedeceu. Ele tirou o vibrador com a curva perversa que atingiu sua próstata. Ele o lambuzou com lubrificante e se deitou, provocando seu buraco com a ponta. Finnian gostava de provocar.

Alise seus dedos e se abra um pouco. Só para eu ver.

O toque de Corbin foi elétrico, e ele lentamente trabalhou dois dedos ao redor de sua borda e então dentro de si mesmo, respirando profundamente com a penetração e a sensação de seu próprio corpo nas pontas dos dedos.

Sua mente disparou como sempre acontecia quando ele tomava seu tempo com isso. Ele imaginou que seus dedos cresceram em raízes de árvore,

longos o suficiente para deslizar todo o caminho dentro dele, tão profundamente que estavam enterrados em seu intestino, seu coração, seus pulmões, a parte de trás de sua garganta. Ele se imaginou desenhando uma linha de prazer ardente de sua bunda até sua garganta, com golpes que abriam seu corpo inteiro. A franqueza que ele tantas vezes sentia tornada real. Seu corpo inteiro penetrou, recheado, todos os lugares vazios preenchidos.

A imagem o fez tremer de luxúria, e ele estava duro, quente e latejante. Ele gemeu e os olhos de Finnian aqueceram.

Deslize o vibrador para dentro, lentamente, até que a ponta toque sua próstata.

Os olhos de Corbin se fecharam novamente quando o brinquedo o violou. Seus quadris rolaram para cima, a ponta molhada de seu pau deslizando contra seu estômago em um estalo de prazer.

Ele está no lugar? Está tocando você certo?

Corbin flexionou o brinquedo e engasgou, acenou com a cabeça.

Bom. Segure-o por dentro e tire as mãos.

Corbin apertou em torno do brinquedo e agarrou suas coxas. Ele arranhou linhas vermelhas na pele pálida enquanto seus quadris balançavam, a ponta do brinquedo estalando de prazer na base de sua coluna.

Ligue agora, em baixo.

Quando o zumbido das vibrações atingiu sua próstata, os quadris de Corbin se ergueram e ele gritou. Com os olhos fechados na escuridão, o cheiro quente de âmbar e almíscar fazendo sua cabeça girar, ele sentiu cada sensação se concentrar naquele único ponto dentro de seu corpo. Cada terminação nervosa encaminhada para lá, estimulada com vibração, e Corbin engasgou.

Toque-se. Em qualquer lugar, menos em seu pau.

A concentração de Corbin quebrou, aliviando um pouco as coisas. Ele correu a palma da mão ao longo de seu estômago, espalhando gotas de sua

excitação em sua pele. Ele beliscou seus mamilos, provocando prazer em seu intestino. Ele deslizou a mão em volta da garganta e sentiu seu próprio engolir em seco.

Ele apertou apenas o suficiente para se contorcer na cama com o pensamento de que tudo estava conectado: sangue, osso, gozar, cuspir e respirar.

Aumente um clique o pulsar dentro de você. Não toque em seu pau.

A respiração de Corbin veio rápida enquanto a vibração aumentava. Ele balançou o vibrador, pulsando contra sua próstata, tonto com choques de prazer que estavam transformando seus ossos em fogo líquido. Ele sentiu como se pudesse se afogar na sensação. Os arranhões em suas coxas queimaram enquanto ele corria as unhas para o outro lado, e ele sabia que os sentiria no dia seguinte. Sabia que sua calça jeans rasparia contra os arranhões e ele se lembraria desse momento.

O prazer, a dor, tudo entre, tudo o amarrou dentro de seu corpo, o manteve no mundo.

Seus quadris começaram a se mover ritmicamente, seu corpo inteiro pulsando em direção à conclusão.

Aumente o resto do caminho. Foda-se. Eu quero ver você desmoronar.

Seu gemido foi uma coisa quebrada saindo de sua garganta. Ele aumentou a vibração e sua cabeça jogou para trás enquanto seu corpo tremia. Ele empurrou o brinquedo para dentro de si mesmo, e o pensamento voltou. A imagem de pressionar a coisa toda para dentro, arrastando o estremecimento de prazer pela cavidade do intestino, a pulsação do coração, a respiração ofegante dos seus pulmões, o aperto na garganta, todo o seu corpo preso a essas sensações.

Só que, pela primeira vez, não era o brinquedo ou seus próprios dedos que ele imaginava virando-se para as raízes das árvores ou para o fogo. Foi a ereção de um amante, e isso o atravessou, reivindicando-o - tudo dele.

As costas de Corbin se contraíram quando cada músculo se contraiu de prazer latejante, seu pênis disparando intocado em seu estômago e peito, uma marca quente de luxúria. Seus músculos se apertaram ao redor do brinquedo, quadris sacudindo enquanto cada toque em sua próstata enviava outro choque através dele.

—Por favor. — Corbin choramingou, estremecendo quando o êxtase se transformou em dor. Seu pênis deu um último pulso, uma gota de gozo brotando da ponta, e Finnian o deixou ir.

Você pode desligá-lo agora, se quiser.

Fodido muito solto para coordenação, Corbin puxou o brinquedo e o deixou cair na cama, caindo para trás. O brinquedo ainda vibrando cutucou suas bolas e ele sacudiu novamente, um espasmo fantasma de prazer se transformando em arrepios. Quando ele finalmente o pegou e desligou, ele estava tremendo.

Ele enxugou o estômago e puxou o edredom sobre ele, relaxando no calor. A vela acenderia a noite toda e, se ele acordasse, seu cheiro o lembraria de como seu corpo poderia se sentir bem. Como ele podia se sentir bem, mesmo sozinho.

Sempre sozinho.

Com um último suspiro, ele fechou os olhos, mas quando caiu no sono, percebeu que não tinha sido um amante anônimo que ele havia imaginado no momento antes de seu orgasmo o rasgar. Nem tinha sido Finnian.

Tinha sido Alex Barrow dentro dele. Dentro dele tão profundo que ele nunca poderia esperar escapar.

Quando Corbin viu Alex no início da manhã seguinte, sonolento na luz do amanhecer, ele observou a confusão do cabelo macio de Alex, a linha de seus ombros largos, o movimento de sua garganta enquanto ele engolia.

Corbin viu essas coisas e ele apertou suas coxas, a costura áspera no jeans raspando sobre os arranhões em suas coxas. Corbin sentiu o cheiro de Alex e sentiu a pressão de sua carne contra a carne, e fechou os olhos enquanto seu pau endurecia em segundos. Ele fechou os olhos e foi para outro lugar em sua cabeça, porque ele nunca esteve tão perto de sair de praticamente nada em sua vida.

Quando Alex apertou seu braço em saudação, Corbin mordeu o lábio e tentou sorrir, e ele decidiu que iria assar e assar e assar a maldição todas as noites se fosse necessário. Porque ele queria a porra de Alex Barrow. Ele o queria como nunca quis nada.

Capitulo 9

Isso acontecia cada vez com mais frequência. Pequenos toques no trabalho e o cheiro de Alex em seu nariz, e quando ele chegava em casa, em vez de Finnian lhe dizer o que fazer, era Alex.

Alex que o despia. Alex que corria os olhos gananciosos sobre sua forma nua. Alex que o fazia se tocar em todos os lugares, se foder com cada brinquedo que possuía, gritar seus orgasmos no silêncio vazio da casa e no quintal e na floresta além.

Era Alex, Alex, Alex, dentro de sua cabeça e dentro de seu corpo, até que ele estava tão cheio de Alex, era como se sua fantasia tivesse se tornado realidade.

Não era apenas sexo também. Algo sobre Alex o *chamava*. Ele sonhava com ele. Ele começou a imaginar que Alex estava sentado em frente a ele na mesa da cozinha durante o jantar. Caminhando com ele quando ele e Lobo percorreriam as trilhas de favo de mel por entre as árvores. Mais do que isso, ele imaginava Alex falando com ele. Ele se imaginava falando com Alex.

Corbin nunca tinha falado com ninguém - não realmente. Suas tias falavam com ele principalmente quando era necessário, preferindo falar umas com as outras. Carbon, Lex e Jasmine sabiam o que ele estava pensando, então ele nunca teve que dizer a eles. Finnian... Finnian não era muito de falar. O que deixava Lobo. Ele dizia coisas a Lobo às vezes. Pareciam confissões, mas ele

pensou que talvez Lobo já soubesse da mesma forma que Carbon, Lex e Jasmine sabiam.

Mas Alex não sabia, e Corbin pensava que ele poderia querer.

Na tarde anterior, enquanto eles limpavam a cozinha, Corbin estava resmungando para si mesmo, e Alex perguntou —Você pode me dizer do que está falando? — Perturbado, a cabeça de Corbin esvaziou imediatamente. Ele nem percebeu que tinha sido audível, e ergueu as sobrancelhas interrogativamente para Alex. —Eu quero saber, — Alex murmurou. —Eu quero saber tudo.

Corbin tinha se infiltrado para realizar o ritual mais três vezes desde a primeira vez. Cada vez que ele ficava na cozinha de E Filho, com as mãos empoeiradas de farinha e o cheiro de fermento no ar, ele se concentrava em despejar a maldição no chalá. Ele o imaginou afogado em ovo, cortado com sal, coberto com farinha e ancorado por tranças. Então ele observou enquanto o forno o devorava, não saindo até que fosse reduzido a carvão.

E embora não pudesse ter certeza - havia tão pouca certeza nessas coisas - ele achava que se sentia... mais leve. Ele se sentia como quando era criança, quando as forças do mundo eram amigas, e sua navegação por elas uma espécie de jogo. Quando ele mergulhava dentro e fora dos fluxos de energia como se fossem rios e ele pudesse ver o terminal.

Ele sentia... Isso era felicidade?

Ainda assim, ele não podia confiar nisso. Não podia confiar na própria *vida de* Alex para um talvez. Tocou em Alex com cautela e observou atentamente, sempre atento a sinais de que algum indício de seu veneno havia passado. Alex parecia bem - mas não afetado. Ele parecia sentir o peso por trás dos toques de Corbin, mesmo que ele não pudesse saber o que indicava.

Uma manhã, Corbin acordou cedo, cheio de um senso de propósito. Ele tomou um banho rápido, então foi até o E Filho antes do amanhecer.

Ele sentiu um puxão em sua pele, como se estivesse sendo apressado. O vento escuro e frio o empurrou para a frente, as folhas o arrastando para a frente e as sombras dos galhos abrindo um caminho urgente diante dele. Sua boca formigou, o estalo de açúcar quente em sua língua.

Todos os sinais apontavam para a mesma coisa. Que era hora do ingrediente final. Que, esta manhã, Corbin iria inverter a polaridade. Ele iria assar seus sentimentos positivos no pão e dá-lo a Alex. *Asse com amor por aqueles que você ama e eles sentirão a doçura*. Essas coisas sempre funcionam nos dois sentidos.

Ele decidiu ficar com a chalá - a trança parecia adequada, e ele sentiu a forma como os fios tecidos reforçavam suas intenções. Enquanto o fermento borbulhava, ele pensou na efervescência que sentiu em seu estômago quando Alex ficou perto dele, o calor de sua pele uma promessa tentadora. Enquanto ele misturava óleo e ovo com farinha e sal, observando-os misturar um no outro, ele imaginou as maneiras que ele queria que sua mente e a de Alex se tornassem uma, seus pensamentos se fundindo. À medida que a massa crescia, ele se imaginou levantando-se com Alex no início da manhã, travesseiros macios, braços quentes e hálito quente. Enquanto trançava a massa, ele imaginou a forma como seus corpos se entrelaçariam, as bordas obliteradas enquanto eles afundavam em um ser em uma forma mais bonita do que qualquer um poderia fazer separados.

Um pedaço de si mesmo para assinar, suas tias sempre diziam, então Corbin pressionou o mais leve dos beijos no topo da trança levantada antes de colocá-la no forno. Desta vez, ele não queria queimar. Desta vez, ele queria assar

perfeitamente. Para que seu cheiro enchesse o nariz de Alex antes mesmo que ele o consumisse.

O cronômetro disparou assim que a porta da cozinha se abriu e Alex entrou.

—Corbin, oi. Você não está agendado para hoje.

Corbin tirou a chalá do forno, mas congelou, ainda segurando-a, porque outra pessoa havia entrado na cozinha atrás de Alex. O ar ao redor do homem estava manchado e retorcido de medo, dor, vergonha e repleto de esperança, determinação e alívio.

Ele também tinha Alex todo enfeitado com lantejoulas. Em seu cabelo, agarrado a suas roupas, em sua pele. E ele ficou perto de Alex como se não quisesse mais do que trinta centímetros de espaço entre eles.

O intestino de Corbin se apertou com uma dor que ele nunca sentiu antes. Foi tão diferente do que ele sentiu quando suas tias morreram, ou sua mãe nunca mais voltou, que não parecia a mesma emoção.

Então, ele se sentiu à deriva, suas bordas esfarrapadas e dilaceradas pelo vento. Agora, ele sentia como se algo plantado dentro dele, algo nascente, delicado e ansioso, tivesse sido esmagado em um punho e arrancado dele pela raiz.

—Corbin?

A frigideira bateu na bancada de madeira, e Alex a deslizou para longe da borda e pegou seus pegadores de panela.

O homem com aura de hematomas olhou para ele atentamente. Ele estava pálido como leite e magro, como Corbin, embora alguns centímetros mais baixo. Ossos delicados e olhos assombrados da cor de um céu vazio de verão. Uma mecha de cabelo descolorida como uma semente de dente-de-leão,

os lados rapados agressivamente curtos, com uma linha cortada no couro cabeludo.

Este homem era lindo, inteligente e vulnerável, e é claro que Alex o desejaria. Alex poderia ficar com ele.

Por que Alex iria querer veneno quando ele poderia ter sustento. Por que Alex escolheria uma armadilha para quebrar o tornozelo quando ele poderia ter um abraço caloroso? Corbin estava quebrado, mortal e ruinoso. Este homem, embora desgastado nas bordas, era potencial, companheirismo e alegria.

Corbin queria vomitar.

A mão de Alex se fechou ao redor de seu ombro e seu corpo traidor relaxou automaticamente.

—Corbin. Você está comigo?

Estou sempre com você.

Corbin acenou com a cabeça, e se forçou a encontrar o olhar de Alex. Seus olhos eram calorosos e preocupados, e o coração de Corbin batia no fundo de sua garganta, porque em seus sonhos Alex olhava para ele assim antes de envolver Corbin em seus braços.

—Este é Gareth, meu amigo de Nova York. Lembra?

Meu melhor amigo se machucou. *Ele vai ficar comigo por um tempo*.

Corbin acenou com a cabeça novamente e olhou para o homem - Gareth. O nome não combinava com ele. Gareth estendeu a mão e quando Corbin a pegou, seus olhos se encontraram. Ambos sentiram o estalo. Amigos então. Ou pelo menos não inimigos. Mas Corbin sentiu algo mais também. Gareth era como ele. Só um pouco. Foi enterrado há muito tempo, rejeitado, não reconhecido à luz do dia. Mas Gareth tinha aquela faísca nele, e Corbin podia se sentir chamado a gostar.

Os olhos azuis claros de Gareth se estreitaram em um reconhecimento inconsciente. Ele largou a mão de Corbin e fez um gesto entre ele e Alex. — Somos amigos, não amantes. Sempre seremos amigos, não amantes. Quer dizer, houve aquela semana em que vivemos juntos pela primeira vez... Uh, sim, mas não estamos juntos.

Corbin sentiu como se pudesse respirar novamente, e ele sabia que estava piscando estupidamente para Gareth, mas não conseguia parar.

Alex estava balançando a cabeça minuciosamente, mas ele estava à beira da gargalhada.

—De qualquer forma, estou morrendo de fome —, disse Gareth, jogando-se sobre o balcão e balançando as pernas. —Isso é comestível? — Ele apontou para o chalá.

Corbin percebeu que ainda não tinha falado quando tentou responder e descobriu que não podia. Às vezes acontecia - coisas por dentro inchando para impedir que as palavras saíssem. Ele abriu a boca para tentar novamente e sentiu a pequena semente de pânico que sempre viveu ali. *E se minhas palavras nunca mais voltarem?*

Corbin empurrou a chalá para Alex, já que ele não conseguia falar.

—Isso é para mim? — Alex disse lentamente, sua voz baixa. Em momentos como este, Corbin sabia que Alex o *via*. Alex não tinha faísca. Alex era tão terreno e presente como uma muda, com raízes que se aprofundariam com o tempo, enquanto ele crescia no céu. Mas ele *sentia o* que Corbin era, o que Corbin queria dizer, o que Corbin precisava, de uma forma que fez Corbin vibrar com justiça.

Com o aceno de Corbin, Alex sorriu. —Obrigado. — Seu prazer era simples e caloroso. Ele se inclinou para cheirá-lo e seu sorriso se alargou. — Chalá de canela e açúcar? Que boa ideia. — Corbin inclinou a cabeça porque

não estava certo. —Chalá de torrada com canela. — Alex se corrigiu, e o coração de Corbin bateu forte .

—Ok, ok, eu entendo. É para Alex. — Gareth lançou a Alex um olhar divertido. —Mas eu posso, por favor, ter um pouco também? Helen cozinhou ontem à noite, então obviamente eu não comi nada. Não sei como você sobreviveu crescendo com isso, muito menos comeu o suficiente para ser tudo... futebolzeiro — Ele disse a Alex.

—Eu não fiz. Meu pai sempre cozinhava.

—Oh, certo. Desculpe. — Gareth murmurou, e puxou a manga de Alex uma vez em desculpas. Mas Alex acenou.

Então, os dois estavam olhando para Corbin, e ele sentiu algo novo mexer dentro dele, como uma coisa pequena com garras embainhadas se abrindo em seu peito da hibernação. Ele queria compartilhar o pão com Gareth. Gareth era importante - *ia* ser importante. Ele pertencia aqui. Ele fazia parte da imagem.

A voz de Corbin era apenas um grasnido, mas deve ter soado afirmativa o suficiente porque Gareth praticamente mergulhou no chalá. Enquanto os dedos pálidos de Gareth arrancavam um pedaço de seu lado, Corbin sentiu o puxão dentro dele.

Sim, sim, sim, está certo.

Alex lançou a Gareth um olhar irritado, e Corbin pôde ver sua possessividade. A trança era dele e Gareth a danificou. Ele cortou uma fatia, o ar de repente cheirando a canela, e os olhos de Corbin foram magnetizados para a boca de Alex enquanto ele dava uma mordida, mastigava e engolia.

Sim, sim, sim, sim.

Os olhos de Alex se arregalaram e Corbin sabia que podia sentir o gosto. Ele poderia não reconhecer o que era, mas não importava.

Asse com amor por aqueles que você ama e eles sentirão a doçura.

—É perfeito. — Disse Alex.

Gareth deturpou algo complementar com a boca cheia, mas seu olhar em Alex e Corbin era afiado e avaliador. Gareth viu.

Alex cortou outra fatia de chalá e estendeu-a para Corbin. —Um padeiro deve sempre provar suas receitas.

Corbin mastigou, a boca do chalá bem entre os dentes, a flor de açúcar em sua língua exatamente em contraste com a riqueza do pão e a terrosa da canela. Foi o alívio do descanso após noites sem dormir, combinado com o conforto da presença de Alex. Quando ele engoliu, Corbin se sentiu aliviado. Sim, estava certo.

Ele se perdeu na teia emaranhada de associações dentro de sua cabeça e saiu dela com o toque da mão de Alex em seu braço. E agora ele não precisava se afastar do toque de Alex, não é?

—Você sabia que é dia de Ação de Graças? — Alex estava dizendo, como se talvez estivesse se repetindo. Corbin olhou para ele. Ele não sabia. —Não acho que conseguiremos tantos negócios, mas pensei em fazer algumas coisas simples. Um pouco de pão, de qualquer maneira. — Quando as palavras de Corbin ainda não vieram, Alex continuou. —Você não está no horário, mas se quiser sair, é claro que sempre adoro sua companhia.

Ele disse isso com naturalidade, mas uma sombra de energia esperançosa estava no ar ao seu redor.

—Obviamente, você vai ficar —, disse Gareth, pulando do balcão e batendo-lhe nas costas. —Você fala? É legal se você não quiser, só quero saber se estou fazendo perguntas educadas ou torturando você. Eu só gosto de torturar pessoas de propósito. — Ele riu, e Corbin piscou para ele.

Finalmente, as palavras estavam lá, o bloqueio foi removido.

Corbin se virou para Alex. —Você não comemora o Dia de Ação de Graças.

—Não, eu não. Não quero fechar a padaria em homenagem a isso, mas também não quero fazer um monte de coisas que ninguém vai comprar. Normalmente, não é grande coisa, já que levamos tudo para o Coletor de Comida. — Esse era o abrigo local para sem-teto e serviço de alimentação para o qual E Filho doava todas as sobras. —Mas, no dia de Ação de Graças, eles são inundados com doações, então não é tão útil.

—Mesmo que Alex não celebre o horrível Dia de Ação de Graças, ainda vamos sair hoje à noite depois de fecharmos, de uma forma totalmente não comemorativa, porque eu estou trancado naquela maldita casa por mais de uma semana e eu estou escalando as paredes. E você vai sair com a gente.

Corbin podia ver como Gareth e Alex eram tão bons amigos. Eles eram o inverso um do outro, a gentil genialidade de Alex cobrindo confiança profunda e vontade de ferro, a arrogância de Gareth sobre um desejo ligeiramente nervoso de aprovação.

Pelas próximas duas horas, eles assaram de forma amigável. Gareth, Alex explicou, era chef, então, embora não tivesse a experiência de Alex com panificação, ele poderia seguir as instruções bem o suficiente para ajudar em tudo.

Assim que abriram, o dia passou em períodos de inatividade interrompidos por algumas rajadas de atividade. Eles venderam a maior parte do pão e muito café para veranistas apressados e observaram um grupo de adolescentes tomar café com leite, claramente tentando evitar o momento inevitável em que teriam que deixar a alegria da companhia um do outro e voltar para a familiar celebração que eles temiam.

Por volta das quatro, Gareth foi ao mercado descendo a rua antes de fechar e voltou com uma sacola de mantimentos para o jantar que ele disse que iria prepará-los.

Corbin havia passado horas desenhando, no tempo de inatividade entre assar e limpar. (Ele não interagia com os clientes. Ele deixou isso claro quando Alex o contratou.) Mas em vez de desenhar cenas com Carbon, Jasmine, Lex e Finnian, Corbin se viu desenhando Alex e Gareth. Não atraindo-os para sua imaginação, não inventando histórias, mas retratando-os como eram - os braços fortes e os ombros largos de Alex curvados para amassar o pão, uma mecha de cabelo caindo sobre a testa. Os sorrisos fáceis e os olhos brilhantes de Gareth com os clientes, e sua expressão tensa quando pensava que ninguém estava olhando.

—Tudo bem? — Alex perguntou, puxando uma cadeira ao lado de onde Corbin estava sentado. Corbin colocou o cabelo atrás da orelha e lentamente folheou o caderno duas páginas para trás. —Uau. — Alex procurou seu rosto. —Eu só vi suas coisas de estilo mais cômico. São incríveis.

Corbin abaixou o queixo.

—Estou falando sério. Você é realmente talentoso.

Corbin *humedeceu,* mas não sabia o que dizer. *Elogios são desnecessários e complacentes*, suas tias sempre insistiram. *Ou a pessoa que você está elogiando já conhece ou não vai acreditar de qualquer maneira.*

—Você está pronto para decolar? Ou seja, você não *precisa* sair conosco se não quiser. Mas vamos embora logo, se você fizer isso.

Corbin pigarreou. Ele nem sabia o que significava sair. —Você quer que eu vá?

—Sim, claro que sim. Com certeza. —Alex disse, apertando o ombro de Corbin. Corado e vibrando de satisfação, Corbin assentiu e juntou suas coisas.

Eles caminharam pelo silêncio do centro da cidade no carro de Alex, Corbin olhando pela janela enquanto os pássaros voavam no alto, três por três.

A voz de Gareth o assustou. —Estou seriamente farto das paredes da sua casa, Alex. Corbin, você mora sozinho?

—Sim.

—Podemos ir para a sua casa em vez disso? — Gareth girou em seu assento e piscou os cílios. —Por favor? Sério, eu não quero voltar para a casa de Alex.

—Eu... tudo bem. Só não é muito... Eu não tenho ninguém aqui. — Corbin gaguejou.

—Bem, você tem uma cozinha?

—Sim.

—Você tem mesa e cadeiras - ou chão?

—Eu- Sim, claro.

—Então ótimo, vamos lá.

—Gareth, — Alex avisou. —Não fomos convidados.

—Ele disse 'tudo bem'!

—Corbin, não temos que ir se você não quiser.

Corbin se lembrou do dia em que trouxe Portia Washington do parque para casa. Eles estavam subindo nas barras de macaco, então eles foram à deriva até um toco oco onde jogavam poções, misturando terra com frutas esmagadas. Corbin disse a Portia que suas tias tinham poções de verdade, e ela queria ver, então eles caminharam juntos, chutando pedras e pedaços de madeira caída.

Quando tia Jade os encontrou remexendo em seus estoques de ervas secas e unguentos, ela ficou furiosa, e Portia fugiu, com medo da raiva de tia Jade e da cicatriz que torcia sua boca. A cicatriz que tia Jade sempre dizia ser a

lembrança de um acidente de carro, mas que Corbin veio a suspeitar mais tarde tinha uma origem um pouco mais sinistra.

Ele nunca convidou outra pessoa para casa. Não ajudou que logo depois, as outras crianças no parque e no mercado do fazendeiro começaram a falar sobre o menino que morava na casa mal-assombrada e as bruxas assustadoras que moravam lá com ele. Quando ele contou a suas tias, elas riram e trocaram olhares conhecedores. *Acontece a cada dez anos mais ou menos*, tia Hilda lhe dissera. Mas Corbin sentiu a dor por trás de sua resposta petulante e desejou que nunca tivesse mencionado isso.

—Não —, disse ele a Alex. —Eu quero que vocês vão. — *É minha casa agora*, disse a si mesmo. Claro que era. Fazia anos, mas parecia um passo em direção a sentir a verdade daquilo.

Quando eles saíram do carro, Corbin viu a lua pesada e quase cheia no céu, uma fina camada de nuvens tornando a luz leitosa e delicada. Então, enquanto Alex caminhava em direção à casa, a nuvem se dissipou, o luar caindo sobre Alex como uma consagração. Ele brilhava com ele, iluminado contra os ângulos escuros da casa. Tirou o fôlego de Corbin.

—Ele acha que você não está atraído por ele. Ele nem tem certeza de que você o notou. — A voz de Gareth estava baixa, suas palavras tão absurdas que Corbin quase não conseguia entender.

Alex comandou todo o seu foco, como nada antes. Ele imaginava que o irradiava sempre que olhava para Alex.

—Eu posso dizer que você está atraído por ele, no entanto. Você o nota. Certo?

Corbin olhou para o chão, então acenou com a cabeça.

—Bom. Ele merece ser notado.

Capitulo 10

A sacola de Gareth revelou uma garrafa de uísque além dos ingredientes para o jantar, e Gareth empurrou-a sobre o balcão para Corbin e acenou para que os dois fossem até a mesa para que não estivessem no caminho enquanto ele cozinhava.

—Este lugar é selvagem, — Gareth disse enquanto pegava panelas, facas e uma tábua de cortar. —Seus pais devem ter gostado de cozinhar com uma cozinha tão grande?

—Minhas tias.

—Elas criaram você?

—Sim. Meu pai morreu antes de eu nascer e minha mãe não estava por perto.

—Elas cozinhavam muito?

—Às vezes. — Corbin imaginou os banquetes da madrugada ou da madrugada, e os dias seguidos de sanduíches de queijo no meio. —Gostavam de cozinhar refeições elaboradas, mas perdiam o interesse por um tempo. Ou elas deixavam uma panela de chili no fogo e apenas adicionavam pedacinhos.

—Nisto? — Corbin acenou com a cabeça e Gareth examinou a panela de fundo redondo que pendia sobre a grade da lareira. —Uau. Eu amo isso. Muita labuta e problemas. Pode pegar dois copos?

Alex balançou a cabeça, mas estava sorrindo.

—Não, dois. — Corbin disse. Ele olhou para a garrafa na mesa e Alex, seguindo seu olhar, ergueu uma sobrancelha.

—Quer um?

—Eu não sei.

—Você gosta de uísque?

—Eu não sei.

—Ok, vamos tentar. — Alex despejou um respingo em um copo e entregou a Corbin, seus dedos roçando suavemente, em seguida, despejou uma quantidade maior em seu próprio copo. —Saúde. — Disse Alex, batendo os dois juntos. O tilintar dos copos se tocando soou, claro como um sino na cozinha cavernosa.

Talvez seja isso que amigos fazem.

Corbin cheirou e o cheiro alcançou seu nariz com dedos grossos. Isso o levou de volta a se enrolar na cama quando criança, os pulmões latejando e a pele seca e quente.

—Acho que minhas tias costumavam colocar isso no meu remédio para tosse.

Gareth e Alex riram, mas Corbin podia se lembrar da sensação de preguiça que teve depois de beber o remédio, rastejando sob as cobertas e dormindo por horas. Isso o fez sentir falta de suas tias com uma pontada repentina que não sentia há anos.

Ele tomou um gole do líquido âmbar e sentiu a queimadura descer por sua garganta e também pela parte de trás de seu nariz. Tinha gosto de calor, plantas e fogo. Quando ele deslizou o copo de volta sobre a mesa para mais, Alex sorriu para ele.

Quando ele terminou sua bebida, Corbin sentiu que Lobo estava perto. Ele tropeçou contra a borda da mesa e o braço de Alex disparou e o

segurou. Gareth bufou do fogão, mas Corbin não se importou. Pela primeira vez, ele se sentiu aquecido e flutuante, em alinhamento com os fluxos de energia. A mão de Alex em seu quadril demorou ali por um momento e Corbin sentiu através de jeans e suéter, sentiu sua perda enquanto se movia em direção à porta.

O inverno era uma promessa no ar, e Corbin estremeceu em seu suéter de lã. Lobo caminhou em sua direção, Galho logo atrás.

—Onde estão todos os outros? — Corbin coçou as orelhas dos dois cachorros.

Na floresta, na floresta, na floresta.

—Você vai entrar esta noite. — Lobo inclinou a cabeça, considerando a pergunta, depois estufou o pelo e se ajoelhou ao lado da porta. Não esta noite, então, mas em breve. Corbin se ajoelhou e jogou os braços ao redor do pescoço de Lobo, enterrando o rosto no pelo. —Noite.

Eles entraram e Corbin alimentou Galho. Os cheiros de bacon, manteiga e salsa encheram seu nariz enquanto o calor da cozinha o recebia.

—Corbin, — Alex disse, pegando seu cotovelo. —Você não está com frio? — Ele apontou para os joelhos da calça jeans de Corbin, que estava molhada de onde ele se ajoelhou na neve.

—Vou fazer uma fogueira. — Corbin disse.

—Por que você não tira essas calças? — Alex perguntou. Gareth bufou novamente.

—Oh, certo. Ok. — Corbin estremeceu enquanto subia as escadas. O comando sutil na voz de Alex colocou Corbin em mente de todas as coisas que ele imaginou que Alex ordenou que ele fizesse. Em seu quarto, ele tirou a calça jeans molhada e vestiu uma calça de veludo cotelê seca, mas o ar zumbia e

havia um zumbido em seus ouvidos que normalmente significava que algo estava para acontecer.

No andar de baixo, ele acendeu a lareira da sala de estar e depois se juntou a Alex e Gareth na cozinha. Os olhos de Alex permaneceram em suas calças de uma forma que fez Corbin corar.

—Desculpe —, disse Alex. —Acho que estava esperando moletom ou pijama ou algo assim.

—Eu não tenho nenhum. — Corbin sempre dormia nu, amando o deslizamento sensual de lençóis e cobertores contra seus membros no inverno, a brisa fresca arrepiando seus braços e pernas na primavera e no outono, e o sol quente caindo em sua pele nua nas manhãs de verão. Os olhos de Alex aqueceram e ele bebeu o resto de seu uísque, desviando o olhar.

Corbin deslizou de volta para sua cadeira e encheu seu próprio copo. Depois de um minuto, Alex e Gareth começaram a conversar com facilidade e ele se perdeu no fluxo e refluxo de suas palavras. Quando Gareth colocou algo no forno, em seguida, puxou a cadeira em frente a ele, Corbin não tinha certeza de quanto tempo havia passado.

—Ok, então sem besteira sobre o que somos gratos. Em vez disso, vamos jogar Eu Nunca.

—Você tem treze anos? — Alex perguntou.

—Eu Nunca é um jogo de bebida, então eu *não* joguei quando tinha treze anos. Além disso, é uma ótima maneira de nos conhecermos. — Gareth insistiu, olhando diretamente para Corbin.

—Não conheço esse jogo. — Corbin não gostava muito de jogos.

—É fácil. Você diz 'Nunca, eu nunca' e preenche o espaço em branco. Quem fez isso tem que beber.

—Por que? — Corbin disse, e Alex começou a rir.

—Sem razão. Só por diversão —, disse Gareth. Corbin torceu o nariz, confuso. —Ok, que tal... Ou? — Gareth ofereceu.

—Ou podemos apenas conversar como adultos. — Disse Alex.

— *Alguns* de nós não parecem falar muito. — Disse Gareth. Corbin sabia que era ele.

—Bem, está tudo bem. — Disse Alex.

—Ouça, Corbin. Você gosta de jogar algumas rodadas de Ou Ou? Eu digo duas coisas e você escolhe uma. Sinta-se à vontade para explicar sua resposta. Fácil.

—Escolha uma para fazer o quê.

Gareth estreitou os olhos. —Aqui, vamos demonstrar. Alex, lagos ou oceanos?

—Lagos. O oceano é emocionante e dramático, mas um lago é estável, previsível.

—Viu? — Gareth perguntou.

—Então é o que você gosta mais. — Corbin tentou.

—As vezes. Ou com o qual você se identifica mais, ou o que o excita mais, etc. Aqui, Alex, pergunte-me.

Alex suspirou longamente. —Tudo certo. Gareth, ketchup ou mostarda?

—Você é um bastardo e você sabe que eu odeio essa pergunta. Tudo bem, mostarda. Porque o ketchup é delicioso na batata frita, mas a mostarda tem muitos usos e é a base de ótimos vinagretes, então tenho que escolher a mostarda, maldito seja.

Corbin teve a nítida sensação de que estava faltando alguma coisa, mas ele concordou.

—Ótimo! Ok, Corbin, hmm... Oh, acalme-se, Alex. Eu juro, não tenho *nenhuma* ideia do que ele pensa que eu vou pedir para você! — Gareth deu uma risadinha. —Ok, uh, destino ou livre arbítrio?

Corbin engasgou com sua bebida, a garganta fechando em torno do fogo. Com uma tosse sufocada, Alex nadou diante de seus olhos. Alex, na cozinha de suas tias. Alex, onde nenhum outro homem esteve. Alex olhando para ele como se quisesse ficar lá.

Destino não era uma palavra que as tias usassem. Era um instrumento muito rude para descrever o jogo delicado dos fluxos de energia que se entrelaçavam como uma sinfonia no universo. Havia coisas que você não podia controlar - coisas tão vastas, compostas de tantas partes móveis, tão mergulhadas no tecido do mundo, que desembaraçá-las seria o trabalho de mais de uma vida.

Essa era a maldição. Uma marca que marcava o País de Gales - não por causa da inevitabilidade, mas por causa da forma como o calor cortava uma marca na madeira ou na carne. O resultado de uma marca não era o destino; eram as leis da natureza. Ainda assim, ambos eram imutáveis sem a capacidade de desescrever o que a natureza havia escrito.

Mas não importa quão complexas sejam as coisas que você não pode controlar, sempre há maneiras de mudar o fluxo. Maneiras de ler os sinais, de ver como o universo estava cutucando você e escolher obedecer ou não. Se você estivesse sintonizado com eles, eles poderiam lhe dar uma noção do que estava por vir, uma ideia para onde ir. Obedecer tornava a vida mais fácil, ajudava você a seguir o caminho que seria vantajoso. O País de Gales estava em sintonia. Os galeses estavam muito antenados.

Era um equilíbrio. Se você fosse amaldiçoado, seria justo dar-lhe instrumentos para adivinhá-lo.

Mas ultimamente, Corbin tinha começado a sentir que talvez as coisas estivessem mudando, invertendo. Isso, talvez, seu sentido de quais eram as contas e qual o fio estava invertido. Porque Alex se sentia como um fluxo de energia só dele - forte o suficiente para exercer uma força sobre tudo o mais na vida de Corbin.

Corbin tinha pensado que Alex era um sinal apontando para a maldição. Mas e se todos os sinais apontassem para Alex?

Isso amassou a mente de Corbin como uma página arrancada de um caderno, pedaços se tocando inesperadamente, rugas formando novas linhas. Uma folha poderia ser arrancada do mundo com a mesma facilidade? Reformada com apenas um aperto de mão? Se o que Corbin sempre soube ser imutável estava mudando, que terreno sólido ele tinha? Suas tias sabiam? Elas viram seus próprios sinais?

Perguntas empilhadas em perguntas até que a visão de Corbin começou a se transformar em seu mundo interior, ao invés do que estava diante dele.

—Corbin. Corbin, ei. — Mãos fortes o alcançaram e uma voz suave o puxou para fora novamente. Alex.

Ele piscou, com a visão confusa e ouviu alguém choramingar. Por um momento, ele se preocupou que fosse ele, mas então percebeu que Galho tinha o focinho entre seus joelhos e ele estava agarrando o pelo dela com os punhos umedecidos pelo suor. Ela gemeu quando ele a soltou e apoiou o queixo em seu joelho até que ele colocou a palma da mão gentilmente em sua cabeça.

—Sinto muito, — Gareth disse suavemente. —Não vamos mais jogar este jogo. Eu sou um idiota. Eu só estava tentando quebrar o gelo e fazer você falar. Desculpa. Merda, desculpe, Corbin.

Alex deixou uma mão no ombro de Corbin e colocou a outra no braço de Gareth, balançando a cabeça. Naquele momento, Corbin viu claramente quem

era Alex. O homem cujo toque poderia ser gentil. O homem cuja presença acalmava. O homem que estava tão cheio de presença marcante que tinha lastro de sobra.

Suas tias tinham um nome para pessoas como Alex. *Âncora*. A amarração que impedia as coisas de flutuarem, as mantinha ancoradas no aqui e agora.

Gareth se levantou e tirou uma panela do forno. Enquanto ele preparava uma salada, Corbin e Alex ficaram sentados em silêncio, os olhos se encontrando e se separando, Galho sentado entre eles. A sala entrou e saiu de foco, e Corbin encontrou palavras brotando em sua garganta. O vento lá fora assobiava melancolicamente através dos sinos de vento e sacudia as palavras.

—É a primeira vez que alguém entra nesta casa desde minhas tias. Exceto quando você entrou para usar o banheiro —, acrescentou. —Primeira vez que alguém cozinhou que não fosse elas ou eu. — Ele balançou a cabeça surpreso. Seus lábios pareciam um pouco dormentes. —É bom não ficar sozinho por um tempo.

Ele imediatamente se sentiu desleal a Carbon e Lex, Jasmine e Finnian, que o impediram de ficar completamente sozinho. Mas ele pensou que eles saberiam o que ele quis dizer.

Alex encorajou Galho a se mover, então puxou a cadeira de Corbin para que eles ficassem de frente um para o outro. Ele colocou as mãos nos ombros de Corbin e olhou em seus olhos.

—Você não tem que ficar mais sozinho. Não, se você não quiser.

A sinceridade em seu olhar sacudiu algo perigoso no estômago de Corbin e ele piscou para afastar as lágrimas. Alex não sabia - não podia saber - o tormento que sua promessa induzia.

Corbin respirou fundo. Ele não achava que poderia colocar Alex em perigo aceitando tudo o que a oferta implicava. Não, a menos que ele estivesse

absolutamente certo de que havia modificado a maldição de si mesmo. Assado. E embora ele tivesse percebido uma mudança, você nunca poderia ter certeza com essas coisas.

Mesmo agora, quando ele podia sentir o calor das mãos de Alex através de seu suéter, ele se viu com medo de estender a mão para ele, com medo de tocá-lo - a escuridão que ele sabia que poderia transmitir ainda estava entre eles, no medo de Corbin, se em nenhum outro lugar. Mas sua pele foi despertada pelo toque de Alex, zumbindo como se quisesse se levantar dos ossos pesados de Corbin e procurar um pasto mais verde.

Uma panela *caiu* sobre a mesa e seguiu-se uma tigela de salada.

—Bacon e batata fritada nova com queijo chèvre, páprica defumada e molho de salsa. Verduras com alho assado e molho de óleo de limão e croutons de parmesão.

—Está lindo. — Disse Alex.

—Obrigado. — Corbin disse, maravilhado. Ele não sabia o que era uma fritada, mas parecia ser ovos. Ovos, bacon e batatas não podiam ser ruins. Suas tias nunca lhe contaram o que comia. A comida tinha um cheiro incrível, mas a cabeça de Corbin girou quando ele se moveu para encher o prato.

—Uau, peso leve, entendi. — Disse Gareth, e serviu-lhe uma fatia perfeita de fritada e uma salada verde que parecia primavera e cheirava a verão.

Gareth e Alex conversaram e brincaram enquanto comiam. A comida estava deliciosa e Corbin se sentiu melhor depois de comer, menos flutuante. Às vezes, quando se esquecia de comer, seu olfato ficava mais aguçado. Mas mesmo com o estômago cheio, ele podia sentir o cheiro da forma como sua casa familiar assumia os aromas da noite. Bacon e limão, alho e queijo, salsa e uísque e companhia. E um leve perfume da cor de maçã verde

ou a parte de baixo de uma folha voltada para a chuva que se aproxima. Possibilidade.

Depois de comerem, Gareth exigiu um tour pela casa. —Este lugar é como Thornfield Hall. — Ele murmurou.

Corbin foi atrás deles enquanto caminhavam por sua casa. A casa de suas tias. Vendo isso por olhos desconhecidos, era claro que ele vivia apenas em um terço da casa, enquanto o resto possuía a quietude imperturbável de um altar ou uma sepultura.

O gosto de uísque e bacon pesava em sua língua, mas quando Gareth empurrou a pesada porta do quarto de tia Jade, tudo que Corbin pôde sentir foi lilás. Ele deve ter feito um barulho porque Alex fechou a porta e os conduziu escada abaixo para a sala em frente ao fogo.

—O que aconteceu com elas? — Gareth perguntou suavemente.

Corbin engoliu outro gole de uísque e olhou para o fogo, línguas de fogo se juntando e se separando novamente.

—Elas morreram. Quando eu tinha quinze anos. — Ele se deitou de costas no tapete gasto, os olhos no fogo para que não pudesse ver Alex ou Gareth. —Cheguei em casa da escola um dia e elas estavam como sempre. Fiquei em meu quarto a maior parte dos dias seguintes. Deve ter sido no fim de semana, eu acho. Fiquei com fome, então desci e elas não estavam aqui.

As tias só saíam de casa em raras ocasiões, preferindo mandá-lo buscar as provisões que não podiam cultivar ou fazer elas mesmas.

—Eu bati na porta da tia Jade primeiro, mas ela não respondeu. Depois a de tia Hilda. Eu não tinha...

Ele não tinha notado nenhum sinal. Não tinha visto, ouvido ou cheirado nada fora de fase. Não sentiu o gosto amargo na parte de trás da língua ou sentiu a pontada de desconforto na nuca. Seu fim havia sido escondido dele.

—Abri a porta do quarto da Hilda e elas estavam lá. Em cima da cama. Somente... não estavam mais lá.

O *nada* que possuía o quarto quando ele abriu a porta parecia um sonho de cair onde você nunca atinge o fundo. Medindo o vazio cada vez maior com o comprimento do seu próprio corpo. Suas tias se foram, e o que deixaram para trás não foi a ausência delas. Foi a remoção de tudo que elas tocaram. Tudo que elas influenciaram.

Foi um nada esmagador, implorando e apalpando que fez Corbin cair de joelhos.

Um nada que dizia: *é aqui que você começa a partir de agora. É assim que as coisas são. Sozinho. Sozinho, sozinho, sozinho para sempre.*

—Como elas morreram? — Gareth perguntou. Corbin ouviu o que poderia ser Alex empurrando Gareth.

—Elas morreram. Elas simplesmente morreram, não importa como.

Mas elas morreram juntas, Corbin se consolou mais tarde. Então o conforto se transformou em medo quando percebeu que não teria nem isso.

Alex não disse nada por um tempo, mas Corbin podia sentir seu respeito.

—É por isso que você não voltou para a escola? — Ele perguntou suavemente. —Havia rumores, eu me lembro.

—Eu esqueci de ir por um tempo. — Corbin disse simplesmente.

Semanas, meses, se misturando juntos como momentos dentro de uma crisálida até que Corbin não teve escolha a não ser emergir e ver o mundo, uma coisa mudada.

Sua cabeça girou quando ele se sentou. Ele nunca tinha falado sobre isso com ninguém. Mas o ar estava espesso como o óleo e as folhas do lado de fora das janelas estavam iluminadas pelo luar e Corbin se sentiu imprudente, embriagado pelo lançamento de uma confissão.

—Eu fiquei com elas por um tempo, — ele disse suavemente. —Eu não queria ficar sozinho.

Ele se enrolou na ponta da cama como um gato e ficou dois dias ali. O que as tornara tias não estava mais lá, mas era alguma coisa. Um ponto focal, pelo menos, para que o mundo não girasse fora de seu eixo.

Ele se fez tão pequeno quanto podia, abraçou os joelhos com força contra o peito e ficou lá com elas, sua única família, as únicas pessoas que sabiam sobre ele, sobre qualquer coisa. Ele ficou lá e tentou esquecer que não poderia mantê-las para sempre. Que logo elas iriam embora e ele estaria sozinho, verdadeiramente sozinho. Um grão de poeira girando pelo universo infinito.

Corbin arriscou um olhar para Alex e viu compreensão no rosto. Sim, Alex *sabia* coisas sobre ele. Ele sabia coisas que não entendia, ele sabia.

Alex disse o nome de Corbin silenciosamente, o formato de sua boca formando a palavra que segurou Corbin no lugar. Gareth se tornou invisível. Gareth via de uma maneira diferente.

A tensão no ar chiava. Alex estendeu a mão e Corbin a pegou, e a tensão estalou como uma onda de choque. Gareth saltou e disse: —Você tem alguma música aqui? Precisamos de música.

Corbin apontou e Gareth remexeu no armário e colocou em um dos registros das tias. Corbin a reconheceu, podia se lembrar dele tocando quando ele era pequeno, mas não poderia ter nomeado, e ele se sentou com os olhos fechados enquanto o ar clareava.

Gareth o pôs de pé com o comando para dançar, e pelo espaço das canções seguintes, os momentos foram separados, estroboscópicos. Corbin se moveu com a música, eles riram, e Galho correu pela sala de estar, tão feliz com o clima festivo que quase saltou.

Quando Gareth foi ao banheiro, ele deixou Corbin e Alex parados ali, a centímetros de distância. Se Alex pegou o braço de Corbin ou Corbin se virou para encará-lo, ele não tinha certeza. Cada piscar parecia levar uma eternidade e Corbin não conseguia quebrar o contato visual, via apenas Alex, o resto do mundo um redemoinho indistinto atrás dele.

Eles se aproximaram, mais perto, olhando nos olhos um do outro. Tão perto, o ar entre eles faiscava e zumbia. A mente de Corbin inundou com as imagens de Alex que ele entreteve enquanto estava sozinho. Nessas, Alex o puxaria contra seu corpo, o beijaria rudemente, a língua o abriria até que ele estivesse ofegante.

Nessa realidade, eles respiravam juntos, os peitos quase se tocando em suas inalações, os lábios entreabertos como se eles pudessem sentir a doçura do ar um do outro.

Eles se levantaram, e a promessa de um beijo formado entre eles, adiada.

Parte Tres: Ar



Alex

Capitulo 11

—Cara.

Gareth tentou puxar o braço de Alex para longe de seus olhos, e Alex gemeu e se afastou, rolando para ficar de frente para o encosto do sofá onde ele desmaiou na noite anterior quando eles voltaram da casa de Corbin.

Gareth desistiu de seu braço e se abaixou para se sentar em pé.

—Cara.

—Desde quando você diz 'cara'? — Falar fez sua cabeça latejar ainda mais.

—Já que eu preciso de uma palavra introdutória que eu possa imbuir com partes iguais de repreensão, admiração e interesse casual. O que requer uma vogal longa e um contexto cultural como uma gíria. Quer falar mais um pouco sobre isso?

—Basta dizer o que você vai dizer e depois me deixe morrer em paz.

Com a palavra *morrer*, Alex foi inundado com memórias do olhar no rosto de Corbin quando ele descreveu a morte de suas tias. Uma espécie de confusão em branco, mesmo depois de tantos anos.

—Como eu ia dizer: *cara*, ele gosta *mesmo de* você. Encarando você constantemente como se você pudesse desaparecer a qualquer momento, sentindo seu cheiro quando você chegar perto, sempre se arrumando de forma que ele fique de frente para você, *gosta de* você. Além disso, ele fez um chalá para você e vocês dois queriam me matar por comê-lo.

—Foi rude. — Murmurou Alex, mas se obrigou a sentar porque, embora Gareth fosse ocasionalmente muito irritante - especialmente quando se sentia inseguro como se sentia atualmente - ele também era o observador de pessoas mais astuto socialmente que Alex já havia conhecido.

Gareth sorriu para ele, reconhecendo que sua isca havia sido mordida.

—Você acha? — Alex disse. —Às vezes ele é tão remoto, e não consigo dizer se ele está prestando atenção.

—Bem, eu acho que ele é um estranho completo? Sem dúvida. Mas isso não significa que ele também não esteja profundamente interessado em você.

—Não o chame assim.

Os olhos de Gareth se arregalaram e sua boca se curvou. —Eu sinto muito. — Ele balançou a cabeça e ergueu uma sobrancelha para Alex. — Uau. Está bem então.

Eles ficaram sentados em silêncio por um tempo. Gareth ligou a televisão no Canal de Culinária, onde agora estava. —Escute, vou decolar um pouco. Ir acampar. Estou com saudades e será um bom momento. Por que você não o convida? Experimente algumas daquelas receitas de Chanucá que você deseja usar na loja durante as férias. Apenas, traga-o aqui em vez de ficar sem jeito no E Filho, ok? Cristo, eu odeio esse nome estúpido. — Ele murmurou.

Ele mordeu a unha do polegar, uma expressão estranha aparecendo em seu rosto.

—E pelo amor de Deus, não volte para aquela casa até que você esteja pronto para foder o garoto dentro de um centímetro de sua vida, porque eu juro que há algo acontecendo lá.

—Há? Cuidado ao elaborar?

—Não. Apenas, a vibração é tudo... algo, eu não sei. Nada mal, apenas muito tenso. Você não sentiu isso? Como se estivéssemos sendo observados?

—Não. Eu estava bêbado. E distraído.

—Sem brincadeiras. Eu vou embora em alguns dias. De jeito nenhum estou tentando comprar equipamentos hoje, porque tudo vai ser inundado após o seu feriado favorito.

Alex fez uma careta, mas estava de ressaca demais para expressar corretamente sua repulsa pelas pessoas que comemoravam o Dia de Ação de Graças. Gareth já tinha ouvido tudo isso antes, de qualquer maneira.

Alex quase não ouviu a batida de Corbin e sorriu enquanto caminhava para a porta, porque é claro que Corbin iria bater em vez de tocar a campainha.

Havia neve em seu cabelo preto como um corvo, como uma camada de açúcar, e Alex o puxou para dentro.

Ele pendurou o casaco de Corbin e disse: —Vem cá. — Levando-o para a cozinha e secando seu cabelo com um pano de prato limpo. A umidade juntou o cabelo de Corbin como um dos personagens de quadrinhos da juventude de Alex. Ele estava vestindo uma calça de veludo cotelê marrom feia com joelhos arqueados e outro suéter de lã, este azul marinho e creme, com punhos desamarrados, e Alex foi inundado de carinho por ele.

Enquanto Alex fazia chá, Corbin mudou seu peso de um pé para o outro.

—Onde está Gareth? — Sua voz estava cautelosa.

—Ele está acampando. Perto da Baía de Saginaw.

Corbin inclinou a cabeça, sua versão de uma pergunta. —Está frio.

—Sim, mas Gareth é de Vermont. Quando ele era criança, ele e seus irmãos iam acampar no inverno, caminhar na neve e praticar esqui cross-

country. Seu pai gostava de toda aquela autossuficiência ao ar livre. Eu sei que ele odiava quando criança, mas foi uma das primeiras coisas que percebemos que tínhamos em comum em Nova York. Como nós dois sentimos falta de poder simplesmente decolar e estar na natureza. Natureza sem uma visão de arranha-céus, isto é.

—Cidade de Nova York. — Corbin falou como se estivesse provando as palavras. —Eu não acho que eu gostaria de lá. São muitas pessoas. Muita... estimulação.

—É. Eu adorava alguns dias. Essa sensação de empolgação no ar - quase mágica. Era como se tudo pudesse acontecer.

Os olhos de Corbin eram afiados. —Magia. — Ele sussurrou.

Alex serviu chá para os dois e sorriu.

—Eu me senti assim. Mas o outro lado da magia era toda essa maldita estática. O que parecia diversão e possibilidade também pode parecer opressor. Tudo era tão difícil lá, desde se locomover até comprar mantimentos.

Corbin tomou um gole de chá, assentindo. —Coisas são... muito difíceis às vezes. Coisas normais. Aqui também são difíceis.

Se isso fosse verdade, e Alex tinha certeza que era, Corbin estava certo que ele não gostaria de Nova York. Não gostaria da falta de ar fresco para acalmar seus sentidos, ou de ser esbarrado ao andar na rua, empurrado no metrô.

—Eu nunca me encaixei bem com as pessoas lá. Principalmente pessoas que cresceram na cidade. Tudo era normal para eles e não queriam ficar horas saindo da cidade comigo para fazer caminhadas ou pescar em um lago. Andávamos por um parque ou íamos ao jardim botânico e eles diziam: 'Aqui, um pouco de natureza para você'. Mas não era o mesmo.

—Eu nunca morei em qualquer lugar a não ser aqui. Nunca estive em qualquer lugar a não ser aqui.

—Você quer? — Alex estudou o rosto de Corbin, muito mais expressivo do que sua voz. Ele estava olhando para o chá, mas seus olhos eram penetrantes e presentes.

—Não. Na verdade não. Não preciso ir a outro lugar. Posso fazer aqui ser diferente a qualquer hora que eu quiser.

—Imaginando isso?

O olhar de Corbin agarrou-se ao dele como se Alex tivesse visto algo que ele não deveria. Então Corbin relaxou e deu de ombros com um ombro só. — Sim.

—Você tem uma imaginação incrível. — Disse Alex. Ele se perguntou se isso se estendia além das páginas do caderno de Corbin, e o repentino rubor das bochechas de Corbin disse a ele que sim.

Como seria dançar com essa imaginação sem barreiras, sem paredes?

Com o claro desconforto de Corbin, Alex se forçou a dar um passo para trás e respirar fundo.

—Então, eu quero fazer pratos especiais de Chanucá na padaria. Algumas coisas tradicionais, como sufganiyot, mas também quero experimentar. Eu quero coisas que as pessoas fiquem animadas. Você quer ajudar?

Corbin acenou com a cabeça. —Mas eu não sei o que é. E eu realmente não sei nada sobre Chanucá.

—Sem problemas. Sufganiyot são donuts. Donuts com recheio de geléia. Mas poderíamos fazer alguns sabores interessantes. Eu quero fazer um babka - que é um pão doce com fermento cheio de chocolate ou canela que você torce e assa em uma forma de pão para que você possa ver todas as linhas de

recheio quando você corta. Também gosto da ideia de fazer coisas doces/salgadas e salgadas. Você já comeu Kugel?

Corbin balançou a cabeça e Alex, pensando na cozinha e na descrição de Corbin das refeições irregularmente balanceadas de sua infância, imaginou que ele não tinha tentado muitas coisas.

Alex queria fazer todas elas para ele.

—Kugel é uma caçarola feita com macarrão de ovo e uma mistura de creme de leite e queijo cottage com manteiga. É ligeiramente adoçado com açúcar, ou às vezes com passas, mas não é doce para sobremesa. Ele assa como uma lasanha e você corta em quadrados. Mas eu pensei que poderíamos fazer kugels em miniatura em forminhas de muffin.

Corbin mordeu o lábio. —Isso não parece... muito bom.

Alex sorriu. —Eu farei isso para você e você pode ver. Mas acho que as pessoas vão gostar. Sua escolha, então. Você quer fazer kugel hoje à noite ou sufganiyot?

—Sufganiyot. — Corbin disse imediatamente.

—Ok, mas vou fazer você tentar Kugel eventualmente. — Alex ameaçou.

Alex mostrou a Corbin como fazer a massa fermentada, e quando eles a colocaram de lado para crescer, eles se sentaram na sala de estar.

—Você comemora os feriados? — Alex perguntou.

—Não. Minhas tias comemoravam os solstícios, mas não o Natal. Ou Chanucá. Eu deveria saber sobre isso, mas não sei.

—Você quer que eu diga a você?

Corbin acenou com a cabeça e ergueu os joelhos, parando como se quisesse uma história.

—Há mais de dois mil anos, Israel era governado por Antíoco, rei da Síria. Ele queria unificar seu reino por meio de uma religião compartilhada,

então suprimiu as tradições judaicas, os rituais proibidos e sujeitou os anciãos dos templos a uma grande desonra. Um rabino respeitado foi informado de que deveria comer carne de porco, contrariando suas leis dietéticas judaicas. Ele recusou e foi condenado à morte. Logo, a luta começou, com pequenas facções judias se levantando para destruir os altares que estavam sendo construídos com as cinzas de seus templos.

Os olhos de Corbin estavam arregalados e intensos. Quando Alex fez uma pausa, ele acenou para ele continuar.

—Um pequeno grupo, chamado Macabeus, era visto como particularmente ameaçador, e Antíoco enviou uma expedição para destruí-los. Os Macabeus derrotaram a expedição, então o rei enviou outra, que eles também derrotaram. Finalmente, ele enviou um exército de mais de quarenta mil. Depois de muitas batalhas, os macabeus também os derrotaram e continuaram a libertar Jerusalém. Eles entraram no templo e varreram todos os ídolos que os vândalos haviam deixado lá, e construíram um novo altar.

—A menorá de ouro do templo foi roubada, então eles fizeram outra, de qualquer metal que puderam encontrar. Quando foram acender a menorá, porém, encontraram apenas uma pequena jarra de azeite de oliva que havia sido abençoada. Foi o suficiente apenas para acender a menorá por um dia.

Alex fez uma pausa e Corbin se inclinou.

—Mas, por um milagre, o óleo queimou por oito dias, até que mais óleo pudesse ser encontrado. É por isso que celebramos Chanucá por oito dias e os alimentos tradicionais de Chanucá são cozidos em óleo. Para celebrar o milagre que confirmou o direito dos judeus de praticar sua religião e manter suas tradições, apesar da tentativa de eliminá-las.

Os olhos de Corbin se arregalaram com a menção do milagre.

—Essa é a história. Celebramos Chanucá começando no dia da rededicação do templo. Porém, está no calendário judaico, por isso é uma época diferente a cada ano. Também é chamado de Festival das Luzes, e minha mãe sempre disse que gostava de celebrar a ideia de que, quando eles estavam limpando o templo vandalizado pela luz da menorá, as pessoas ficavam tão felizes por poderem se conectar com seu deus novamente que foi uma celebração. Essa alegria tem o poder de fazer coisas notáveis. A alegria pode expulsar a escuridão. Embora nunca tenhamos sido religiosos, ela e meu pai davam uma festa de Chanucá todos os anos porque queriam celebrar a alegria. Comemorar a maneira como podemos nos unir e ser mais poderosos do que as coisas que nos ameaçam.

Alex se lembrava dos cheiros e sons daquelas festas, a casa superaquecida por causa da comida e da luz e da pressão de corpos. O cheiro forte de óleo e batata no ar, os jogos intermináveis de dreidel, o sussurro da neve nas janelas abertas contra o calor que os convidados haviam criado.

Sua mãe parou de jogá-los depois que seu pai morreu. A última foi um dia depois de Alex se revelar para seus pais. Tinha parecido um bom momento. Voltou da faculdade para as férias de inverno, apaixonado pelo primeiro namorado, e afastado do colégio o suficiente para não se sentir mais ligado à pessoa que era na época.

Sua mãe sorriu - ele suspeitava que ela já tinha uma vaga ideia - e seu pai chorou lágrimas de felicidade que sentiu que poderia contar a eles. E talvez alguns menos felizes do que ele levou anos. Eles o abraçaram e sufocaram de perguntas, e ele ficou mal-humorado por responder a todas e saiu para dar um passeio, mas na manhã seguinte eles ainda estavam sorrindo quando ele desceu para o café da manhã.

Ele pensava naquele momento sempre que sentia o cheiro de latkes, o óleo da festa daquela noite se misturando em sua memória com o sorriso feliz de seu pai e os olhos cintilantes de sua mãe quando ela pedia detalhes sobre seu namorado.

—Um milagre. — Corbin murmurou agora, os olhos fixos em um ponto acima da cabeça de Alex.

—Bem. Se você acredita nesse tipo de coisa. Chame isso de metáfora da fé, se quiser. Ok, devemos fazer alguns donuts?

Alex estendeu a mão e quando Corbin a pegou automaticamente, ele puxou o homem menor de pé. Um olhar de confusão cruzou o rosto de Corbin, e ele tirou sua mão como se não pudesse entender como ela tinha entrado na de Alex.

Eles cortaram círculos de massa e os cobriram para descansar novamente.

—Você tem uma festa agora?

—Hmm? Oh, uma festa de Chanucá. Não, nunca fiz. Quando me mudei para Nova York, estava namorando um cara que amava o Natal. Ele amava a árvore, a música e as festas, e eu gostava de comemorar com ele. Era bom ser envolvido por tudo. Chanucá... a maioria das pessoas nem pensa nisso, a menos que sejam judias, por isso tende a desaparecer. Foi mais fácil por um tempo apenas seguir o fluxo do Natal.

Corbin empurrou o cabelo para trás, deixando uma mecha de farinha nas mechas pretas, e isso puxou algo no estômago de Alex.

—Além disso, eu acho... depois que meu pai morreu, Chanucá não parecia tão festivo. Eu não queria ter minhas próprias festas de Chanucá, quando sabia que ele não estaria lá para fritar os latkes ou para embrulhar

todos os presentes em jornal. Ele sempre escolhia histórias relevantes para cada presente.

Alex sorriu ao se lembrar do ano em que ele tinha quatorze anos e ele percebeu pela primeira vez que a consideração de seu pai na verdade significava que era muito fácil adivinhar o que estaria dentro da embalagem. Nunca havia contado ao pai que a grande 'surpresa' de uma caixa cheia de dezenas de quadrinhos e histórias em quadrinhos que ele havia pedido havia se revelado ao ser embrulhada na seção de quadrinhos do jornal.

—Mas depois de alguns anos - e depois que George e eu terminamos - fiquei meio triste porque Chanucá era uma coisa sobre a qual eu não fiz nada. Então comecei a me reunir com amigos intencionalmente. Não festas, apenas um jantar ou um brunch. Às vezes jogávamos dreidel como um jogo de bebida. — Na expressão em branco de Corbin, Alex explicou, —Dreidel. É um jogo com pião. Eu queria que Chanucá fosse aconchegante e se tratasse de união. Eu queria que tivesse aquela magia que o Natal tem automaticamente. É por isso que é importante para mim ter doces de Chanucá na padaria.

Alex derramou óleo em uma panela no fogão e prendeu um termômetro ao lado.

—Por que você se separou?

—George e eu? — George, com seu cabelo louro-claro e sua necessidade de que tudo fosse bonito, acabou parecendo mais uma obra de arte do que uma pessoa. —Não tínhamos muito em comum. Então, depois de um tempo, simplesmente desapareceu. Ele se importava tanto com a aparência das coisas que às vezes esquecia que também era sobre o que significavam. Ele era uma pessoa doce e gentil, mas não éramos adequados um para o outro.

—Como você sabe se alguém éo certo?

Havia uma linha tênue entre as sobrancelhas escuras de Corbin, e Alex arriscou um passo em direção a ele.

—Você apenas sabe, Corbin. — Então balançou a cabeça para si mesmo. —Pelo menos, eu suponho que sim. Acho que nunca estive com a pessoa certa.

Corbin parecia estar lutando com algo. —Mas, — ele disse bruscamente. —Mas *como*. Como você diria.

—Bem. Acho que por mim contaria porque me sentiria confortável com ele depois de um tempo, como se pudesse ser eu mesmo e ele gostasse de mim por isso. Eu pensaria nele primeiro quando quisesse contar a alguém coisas que aconteceram. Se eu estivesse fazendo algo ou vendo algo incrível e ele não estivesse, saberia que seria melhor com a presença dele. Eu gostaria de saber tudo sobre ele. Até as coisas ruins. E eu iria apoiá-lo, , sentir-me orgulhoso por ele ter me escolhido para passar o seu tempo, para confiar.

Alex parou, percebendo que ele se aproximou ainda mais de Corbin.

—E você nunca sentiu essas coisas. Com aqueles outros homens.

Alex balançou a cabeça. —Não. Estava tudo pálido, uma sombra de como eu acho que seria. Todos eles me queriam, e eu os queria. Mas... — Ele passou os dedos pelo cabelo de Corbin, espanando o chão com farinha. —Eles não *precisavam* de mim. Eu não precisava deles.

Corbin fez um som sufocado e fechou os olhos com força. O coração de Alex batia forte com o desejo de esmagá-los juntos, peito a peito, e segurá-los ferozmente.

Mas Corbin parecia triste. Ele juntou as mãos como se uma mão estivesse impedindo a outra de se esticar, e um músculo saltou em sua mandíbula.

Alex respirou fundo e limpou a garganta, seu sangue como fogo e sua cabeça leve de desejo.

Ele se afastou de Corbin e jogou três círculos de massa no óleo. —Você irá deixá-los chegar ao marrom dourado e depois virá-los.

Ele balançou a massa no óleo, em seguida, retirou os donuts quando eles estavam dourados e os deslizou para um prato forrado com papel-toalha.

—Aqui, você experimente. — Ele entregou a espátula a Corbin.

A mão de Corbin tremia quando ele pegou e se aproximou do fogão. Ele virou os donuts, deixou-os dourar e removeu-os. Então ele acrescentou mais e fez de novo. Em alguns minutos, era como se ele tivesse esquecido que Alex estava ali.

Então, no último lote, ele pareceu se perder em algum lugar entre sua mente e sua mão. A espátula pairava sobre o óleo quente, mas os olhos de Corbin se moveram para cima e para o lado, e Alex observou enquanto os donuts passavam de dourados para marrons e pretos.

Alex passou a mão na frente de Corbin e desligou o fogão.

—Corbin. — Ele disse suavemente, e viu quando sua atenção voltou.

—Eu queimei eles. Desculpa.

—Não se preocupe com isso; temos muito o que experimentar.

—Nem sempre... Não sou o melhor com o tempo. Às vezes tem velocidades tão diferentes.

Alex concordou. Ele via os momentos em que a atenção de Corbin prendia em algo e ele rolava para dentro de si, do jeito que Alex poderia se perder assistindo a um filme ou lendo um livro. Ele também via os momentos em que Corbin observava cada detalhe com cada um de seus sentidos, tão presente e atento que parecia que o tempo tinha diminuído.

Alex estava começando a amar a maneira como Corbin descrevia como as coisas eram, ao invés de como elas eram.

—O que você estava pensando?

—O óleo. O... milagre. Foi como uma bênção. Uma maneira de seu deus dizer que eles estavam acertando. Um sinal. O óleo foi um sinal.

Alex acenou com a cabeça, estudando a expressão de Corbin. Ele parecia esperançoso, decidido.

—Essa é a história, sim. Você acredita em Deus?

Corbin piscou lentamente. Seus olhos eram insondáveis, o marrom quase tão escuro quanto suas pupilas. —Eu acredito em tudo.

Capitulo 12

Pela quarta noite consecutiva, desde que voltou do acampamento, Gareth cozinhou como se estivesse de volta ao trabalho em um restaurante.

—O que diabos aconteceu naquele acampamento? — Alex disse, enquanto Gareth lhe servia tagine de frango marroquino com azeitonas verdes e limões em conserva, pilaf de arroz de coco, berinjela estufada com iogurte e óleo de gergelim e uma salada de agrião e frisée com ovos de codorna escaldados.

Gareth parecia diferente. A tensão em torno de seus olhos, como se estivesse sempre esperando que algo pulasse sobre ele, havia diminuído, mas em seu lugar havia uma desesperança assombrada que deixou Alex nervoso.

Gareth apoiou os cotovelos na mesa e apoiou o queixo nas mãos. —Você sabia que eu tinha uma queda por você? Depois de dormirmos juntos?

O frango ficou preso na garganta de Alex e ele tossiu espasmodicamente. —O que?

Gareth acenou para ele se afastar. —Não se machuque. Apenas por uma semana ou mais, logo depois. Eu sabia que isso nunca se transformaria em nada. Éramos ótimos como amigos e eu sabia que não haveria como sermos bons juntos, mas só por um tempo, não pude deixar de ver você de maneira diferente.

Alex ficou olhando. Eles dormiram juntos depois de uma noite turbulenta com amigos, bêbados com vodca barata e a alegria da companhia

na cidade. Foi divertido e um pouco quente, com muitas risadas e uma clara sensação de incompatibilidade. E Gareth foi o único, depois, que bateu de brincadeira no ombro de Alex e disse: —Não fique tendo nenhuma ideia, Barrow. Somos amigos, ok? — Antes de voltar para seu próprio quarto para dormir.

Alex nunca sentiu nada romântico por Gareth, mas sentia *muito* por ele. Ele era o melhor amigo que Alex já teve - quase o que ele imaginava que um irmão seria. Ele se sentia protetor com Gareth e investia em sua felicidade. A ideia de que ele poderia ter perdido algo tão importante o estava destruindo.

—Eu... o que... quando...

—Sério, desligue isso, Alex. É o que eu faço, ok, e então estava feito. Quatro dias, cinco no máximo. Tipo um zilhão de anos atrás. Coma sua comida.

Alex comeu porque não sabia o que dizer. Estava deliciosa, como a comida de Gareth sempre era. Ousada e delicada, equilibrada e interessante.

—Estou lhe contando porque pensei em você quando estava acampando. Você é como uma frigideira de ferro fundido. Incrivelmente forte e capaz de suportar altas temperaturas. Pesado, se alguém não estiver acostumado. E, se bem cuidadas, coisas que não deveriam grudar. Você nem precisa ser lavado, apenas enxugado um pouco. — O olhar de Gareth era firme, avaliando.

—Era você... jogando um jogo chamado Qual utensílio de cozinha são seus amigos ou algo assim?

—Não, eu estava jogando um jogo chamado Por que nenhum dos amantes de Alex Barrow nunca pega. Você é bonito, carismático,

confiante. Você trata as pessoas com respeito. Você está genuinamente interessado e atencioso. Você escuta. Às vezes você é até um pouco engraçado.

—Que jeito de enterrar a farpa, idiota.

—Olha, nem todo mundo é comediante, você vai viver. A questão é que eles não grudam porque você se mantém bem temperado e oleado e em banho-maria pronto para qualquer coisa. E totalmente autossuficiente. Você não precisa de ninguém nem de nada. Não de uma forma assustadora, egomaníaca e quebrada —, disse ele rapidamente. —Você é apenas... um sistema fechado.

—Deixando de lado por enquanto o desprezo implícito no que você acabou de dizer, eu na verdade disse a Corbin algo bem parecido outro dia.

—Diga.

—Estávamos fazendo sufganiyot e ele perguntou por que não funcionou com ninguém com quem eu namorei.

Os olhos de Gareth se arregalaram e ele se inclinou para frente. —Ele está tão interessado *em* você, Jesus. Ok, desculpe.

—Eu disse que com todos com quem estive, nós queríamos um ao outro, mas não precisávamos um do outro. Você está dizendo que eu não precisava deles porque sou uma panela e, sim, é verdade. Mas *eles* não precisavam de mim, cara. Estive com Timo durante quatro anos e ele não *precisava de* mim. Eu realmente não tinha pensado nisso até que estava lá, olhando para Corbin, e ele... —Alex balançou a cabeça.

—Ele precisa de você.

Alex deu de ombros miseravelmente e estudou a comida gourmet esfriando na porcelana de sua mãe. —Ele é tão completamente ele mesmo. Tudo o que ele diz ou faz, ele diz e faz com total integridade. Ele é completamente, puramente Corbin. Ele quase parece - isso é bobagem, eu sei. Ele parece que vive em um mundo diferente. Não me refiro apenas ao seu

próprio mundo de fantasia. Quero dizer, ele parece uma criatura de outro lugar.

Ele pensou que Gareth fosse rir, mas Gareth assentiu.

—Há algo sobre ele que apenas... ele *chama* por mim. Nunca senti isso por ninguém antes. É como se um lugar dentro dele gritasse meu nome, e eu só queria responder com tudo.

—Jesus.

Alex se encolheu e balançou a cabeça.

—Não, desculpe. Quer dizer, droga, isso é... isso é algo. Você tem que contar a ele, cara.

—E se eu estragar tudo? Fico muito feliz quando consigo estar perto dele. Tudo parece fresco, novo e mágico. E se eu estiver errado e ele nunca mais quiser me ver? As apostas parecem altas.

—Sim, eles devem parecer altos, porque você se importa muito.

—Não sei se ele está interessado em sexo.

—Você deve dizer a ele como se sente e pode perguntar a ele. É um problema se ele não for?

Alex considerou isso. Os relacionamentos poderiam ser de várias maneiras. Opções infinitas para cada elemento. —Não. Não é um problema.

—Alex. Se você contar a ele e ele fugir, será horrível. Mas... desculpe dizer a você: você é um horror absoluto de se estar por perto agora. Você está dando início a feromônios como a última ligação no único bar da cidade, e você não presta atenção em nada além da criança quando ela está na sala.

—Ele não é uma criança.

Gareth ergueu uma sobrancelha como se isso tivesse acabado de mostrar seu ponto de vista. —Fale com ele. Em breve. Você deve a ele a chance de dizer como ele se sente.

E embora Alex soubesse que Gareth estava brincando com seu senso de honra, ele não pôde deixar de responder a isso. Não foi até que ele estava deitado na cama mais tarde, sonhando como ele poderia confessar seus sentimentos a uma coisa selvagem, que Alex percebeu que Gareth nunca tinha respondido sua pergunta sobre o que tinha acontecido em seu acampamento.



O tempo havia virado a esquina no inverno durante a noite, e os dentes de Alex batiam quando ele entrou no E Filho na manhã seguinte. Embora ainda não fossem cinco horas, quando ele entrou na cozinha, Corbin já estava lá e o cheiro de óleo e massa frita pairava no ar.

Ele disse bom dia, e Corbin apenas sorriu para ele, um sorriso doce e preocupado que fez Alex esquecer qualquer coisa que ele pudesse ter preparado para dizer.

No dia seguinte, Corbin estava lá antes dele novamente, e no dia seguinte, e todas as vezes, ele olhava para Alex com uma felicidade incomum, uma esperança que tirou o fôlego de Alex.

Poucos dias depois, Corbin não estava programado para vir até o meio-dia. Enquanto mexia as massas, chantilly e amassava o pão, Alex sentiu uma sensação desconhecida. Trabalhar sozinho em cozinhas sempre o enchia de uma paz intensa - uma calma que só rivalizava com longas caminhadas na floresta antes que alguém acordasse. Era uma das razões pelas quais ele preferia cozinhar em primeiro lugar. Quando seu trabalho começou no escuro, trouxe consigo a quietude e a alegria do sol nascente, a cidade desperta. Pela

primeira vez, porém, Alex se sentiu sozinho. Ele desejou que Corbin estivesse lá.

Um pouco antes do meio-dia, Corbin entrou na cozinha com o cheiro selvagem do vento e das árvores sobre ele. Ele se movia como um sonâmbulo e seus olhos estavam turvos. Ele se aproximou cada vez mais de Alex, até não haver mais distância entre eles. Então ele se inclinou e beijou Alex na bochecha.

Eletricidade disparou pelo corpo de Alex com a pressão dos lábios de Corbin, mas foi silenciada pela confusão de conforto ao sentir os cílios de Corbin vibrando contra sua bochecha. Alex ficou perfeitamente imóvel, com medo de assustar Corbin. Mas Corbin recuou com uma mão no ombro de Alex e continuou seu caminho, tirando o casaco e deixando a mochila cair no canto, antes de amarrar o avental como se nada tivesse acontecido.



—Um jantar de Chanucá Pop Up! — Gareth disse animadamente para Corbin enquanto Alex misturava pão de nozes.

—Pop Up. — Corbin ecoou sem compreender.

—É quando você abre um restaurante temporário por apenas uma ou duas noites. — Explicou Alex.

Alex e Gareth haviam traçado o plano na noite anterior, depois que Alex voltou para casa e encontrou Gareth desossando um frango para fazer ballotine de frango com recheio de pancetta, sálvia e pão de milho. Gareth claramente tinha alguns demônios que ele estava sublimando em sua cozinha, e Alex queria fazer algo em E Filho para agradecer a todos que o receberam e conhecer os outros empresários locais fora dos auspícios dos melhores

fichários de negócios codificados por cores do Mac. Assim, ele faria um bom uso da energia alimentar maníaca de Gareth e teria um jantar de Chanucá.

—Gareth pode cozinhar e eu posso fazer sobremesa. Podemos retirar algumas das mesas e cadeiras antigas do armazenamento e colocá-las no café. Vamos convidar minha mãe e Lou, o filho de Lou, meus funcionários e alguns dos empresários locais.

—Sim, aqueles que não desprezamos. — Gareth murmurou.

—Você quer que eu ajude com a sobremesa? — Corbin perguntou.

—Claro, mas realmente, Gareth estava tentando dizer a você que queremos que você venha para o jantar.

Corbin congelou. —Eu realmente não faço isso.

—Eu sei que não. Mas você gostaria de vir mesmo assim?

—Ok. — Corbin disse para o chão, e Gareth lançou a ele um olhar penetrante.

—Ótimo, isso é ótimo. Faremos isso na primeira noite de Chanucá. É cedo o suficiente este ano para que não chegue ao Natal, então as pessoas devem estar livres.

Gareth saiu alguns minutos depois, e Corbin parecia indisposto o dia todo. Ele trombou com as coisas e quase derramou coisas, e continuou esfregando os olhos, deixando manchas de farinha e chocolate no rosto.

Finalmente, preocupado se ele iria se queimar ou se cortar, Alex pegou o pulso de Corbin. —O que há de errado hoje? — Ele forçou sua voz a ser gentil. De perto, ele podia ver os círculos escuros sob os olhos de Corbin.

—Eu acabei de pensar em algo. — Corbin murmurou.

—Você pode me dizer o quê?

Corbin tremeu e seus olhos se fecharam por um momento.

—Não. Não agora.

—Você vai? — Alex descobriu que queria saber o que Corbin estava pensando, com o que ele estava preocupado ou lutando, mais do que ele pensava ser possível. Ele queria abrir Corbin e arrancar os pensamentos de seu cérebro. Ele queria ajudar.

Um balançar da cabeça de Corbin, um gole. Então Corbin suspirou: — Espero que sim.

Durante a semana seguinte, enquanto Gareth despejava sua energia inquieta no planejamento do menu e no teste de receitas, Alex subia e descia a rua principal, convidando as pessoas para o jantar de Chanucá.

Sua mãe ficou emocionada com a ideia e, quando ele pediu que ela convidasse Lou, seus olhos suavizaram e ela apertou seu braço.

—Eu vou morar com ele, Alex. Não imediatamente, mas logo. Teremos que conversar sobre o que vamos fazer com a casa.

A garganta de Alex se apertou como se ele tivesse engolido muito de algo muito frio. Fragmentos de tristeza surgiam às vezes e ele limpava a garganta ao redor deles. Seu pai era um homem alegre, e felicidade era o que ele mais queria para aqueles com quem gostava. Alex sempre soube disso. Uma das razões pelas quais ele se sentiu envergonhado por ter demorado tanto para dizer a seus pais que era gay foi que ele sabia que seu pai veria, em retrospecto, evidências de que ele tinha sido menos do que feliz.

—Estou tão feliz por você, mãe —, disse Alex. —Estou feliz que você esteja feliz. Apenas me diga o que você quer fazer com a casa. É sua

decisão. Quando você estiver pronta. — Seus olhos se encheram de lágrimas com a ideia de sair de casa, mas ela assentiu e o abraçou com força.

No dia seguinte, Alex foi à Associação de Arte para convidar o filho de Lou para o jantar de Chanucá. Ele pretendia parar e visitar Orin antes disso, mas com Gareth vindo para a cidade e Corbin eclipsando quase todo o resto, ele nunca encontrava tempo.

No andar de baixo, na galeria à esquerda, artistas de todo o estado exibiam seus trabalhos. Pinturas, lenços de seda, tapeçarias feltradas, casas de pássaros de madeira recuperada e joias feitas de todos os materiais imagináveis. À direita havia um estúdio vazio, os panos espalhados e as lâmpadas de lata sugerindo que um show estava sendo montado.

A íngreme escada de madeira entre os dois espaços era o que Alex se lembrava de muito tempo atrás. Quando ele havia escalado antes, era a ardósia azul descascada da varanda de uma casa de praia. Agora estava pintada de verde-azulado brilhante.

No andar de cima, um sótão em forma de ferradura foi organizado em seções: cavaletes e tintas, rodas de cerâmica e forno, materiais mistos e ferramentas. Havia um grupo de cinco ou seis crianças que pareciam ter cerca de dez anos na seção de pintura, para o que deve ter sido uma aula pós-escola, e uma jovem de cabelos castanhos compridos caminhava entre os cavaletes, ajudando-os.

Havia dois homens com roupas surradas com mochilas aos pés, sentados em uma saliência coberta de carpete perto da janela em arco que dava para a Liberty Street. Um parecia quase adormecido sentado e o outro revirava um cigarro enrolado à mão entre os dedos, o joelho balançando.

Alex encontrou Orin no escritório bagunçado no canto dos fundos do espaço. Os papéis estavam em todas as superfícies disponíveis, e ele ergueu os olhos da luta com um cabo de impressora quando Alex bateu.

Alex esboçou um floreio. —Espero que esteja tudo bem, passar por aqui.

—Sim claro. — Orin se levantou e apertou a mão de Alex. Ele parecia incomodado e cansado, e houve uma batida estranha onde eles ficaram parados olhando um para o outro.

—Então, acho que minha mãe e seu pai vão se casar. — Disse Alex.

Orin ergueu uma sobrancelha para o *casar,* mas assentiu. Ele claramente não iria dizer mais nada sobre o assunto, então Alex foi direto ao assunto e estendeu o convite para o jantar de Chanucá.

—Meu amigo Gareth vai cozinhar e eu vou fazer a sobremesa. Corbin vai ajudar.

Alex sentiu suas bochechas esquentarem ao perceber que não havia necessidade de oferecer aquele detalhe sobre Corbin. Ele disse o nome de Corbin apenas para ouvi-lo, apenas para se sentir conectado a ele.

—Corbin Wale? — Alex concordou. —Estou feliz.

—Feliz?

Orin cruzou os braços e encostou o quadril na mesa desarrumada, pensando em Alex. Finalmente, ele disse: —Dois anos atrás ou mais, eu estava indo para a liquidação da Potters Guild no fim de semana. Havia uma pequena loja do outro lado da rua, então. Está fechada agora, mas costumava vender geleia, mel e pequenos potes de outras porcarias caras.

Alex sorriu.

—Eu vi um garoto - eu pensei que ele era muito jovem, de qualquer maneira - parado perto da porta que estava aberta. A dona da loja estava gritando com ele, e havia vidros quebrados e gotas de geléia ao redor de seus

pés. E a criança - Corbin - estava olhando para o nada como se ele nem a tivesse ouvido.

O estômago de Alex embrulhou com o pensamento de alguém gritando com Corbin, daquela agressão perturbando seus delicados sentidos.

—Eu parei porque eu juro que pensei que aquela senhora poderia fazer mal a ele com a vassoura ou algo assim, mas Corbin se virou na porta e saiu, como se tivesse ouvido sua mãe chamando-o para jantar em casa. E ela continuou gritando com ele enquanto ele se afastava, chamando-o de inútil e louco.

Alex cerrou os dentes. A palavra *louco* estava começando a fazê-lo estremecer.

—No final do quarteirão, ele parou e ficou lá como se não tivesse certeza de que caminho seguir. Fui até ele e perguntei se ele estava bem, se precisava de ajuda. — Orin encolheu os ombros. —Eu costumava trabalhar com pessoas que tinham alguma coisa de saúde mental acontecendo, e pensei que talvez... De qualquer forma, ele olhou para mim como se não conseguisse entender o que eu estava dizendo. Então ele voltou ao foco tão rapidamente. Ele parecia envergonhado e disse: 'Provavelmente estou demitido, certo?' — Orin deu uma risadinha. —Eu ri e disse: 'Sim, acho que acabou', e ele abriu um sorriso e disse: 'Ótimo. A geléia dela tinha gosto de Fruit Loops. '

Alex foi inundado com carinho por essa versão de Corbin anos atrás que ele nunca conheceu.

—Eu caminhei com ele e trocamos nomes e eu disse a ele que estava indo para a venda da Potters Guild e ele disse... —Orin olhou para baixo, constrangido. —Ele apontou para minhas mãos e disse: 'Você parece um oleiro. Suas mãos mudam tudo o que tocam. ' E então ele foi embora.

Orin estava olhando para suas próprias mãos, como se estivesse vendo o que quer que Corbin tivesse visto. Elas eram grandes e elegantes, com a sugestão de uma força fácil.

—As pessoas não são gentis com ele —, disse Alex, mas descobriu que mal conseguia pronunciar as palavras com um nó na garganta. Era uma verdade tão simples e atingiu Alex com uma surra. —Eles nunca foram gentis com ele.

—Não —, Orin concordou. —Isso deixa uma marca, toda aquela grosseria. Acho que isso é parte do que vi nele.

Alex pensou que talvez o próprio Orin conhecesse muita grosseria e soubesse igualmente que não gostaria que isso fosse mencionado.

—Você trabalhou com pessoas que... — Alex parou. Ele não tinha certeza de que pergunta ele estava tentando formar. —Corbin não... Ele vê o mundo de forma diferente, mas...

Orin estendeu a mão sufocante. —Eu sei. É bom que ele tenha pessoas para ser gentis com ele agora. Estou feliz com isso. — Ele fez uma pausa, a mandíbula trabalhando por um momento. —Se alguém está vivendo da maneira que deseja, e da maneira que deseja não prejudica ninguém, não há nada a dizer. É mais fácil ver se alguém *está* causando dano ou não pode funcionar. As situações complicadas ocorrem quando as próprias pessoas não sabem que suas vidas podem ser diferentes. Quando elas não têm as informações para fazer a escolha. Eu não sei de Corbin. Parece que talvez você saiba, um pouco. Ele é o único que pode responder a essa pergunta. Fico feliz que você saiba perguntar, em vez de dizer a ele as respostas.

O momento foi semeado entre eles, a semente do acordo que poderia florescer em amizade.

—Obrigado —, disse Alex. —Por seus pensamentos, e por ajudar Corbin naquela época. Eu... — Ele balançou a cabeça, surpreso por poder dizer a um quase estranho o que Gareth praticamente teve que arrancar dele. —Eu me importo muito com Corbin. Não quero fazer nada para machucá-lo e não quero aproveitar porque não entendo. Isso ajudou.

Orin apertou sua mão, desta vez levando-o para uma rápida pressão nos ombros e um golpe nas costas. —Estou feliz. Estou feliz por sua mãe também. Meu pai, ele é... muito fácil de gostar. Às vezes, faz as pessoas pensarem que ele é só isso. Mas sua mãe, ela o vê claramente, mesmo as partes que não são tão fáceis.

Eles sorriram um para o outro e Alex reconheceu um aliado.

Capitulo 13

Corbin parecia estar de bom humor. "Bom humor" não era algo que Alex jamais pensara em atribuir a ele, já que o espectro bom/mau não era aquele em que o humor de Corbin parecia cair. Mas esta manhã, ele parecia incomumente leve, quase flutuante.

Quando ele olhou para Alex e sorriu facilmente, Alex ficou sem fôlego.

—Eu encontrei alguém para você, — Corbin disse. —Talvez.

—Alguém?

Corbin acenou com a cabeça. —Posso mostrar depois, se quiser.

—Sim, tudo bem.

Em outro momento, com outra pessoa, Alex teria dito *Quem é?* E *apenas me diga o que é agora.* Alex gostava de poder planejar com antecedência. Mas ele descobriu que com Corbin, ele amava a maneira como as coisas comuns se desenrolavam como pequenos mistérios. Por mais que ele reconhecesse seu desejo de saber tudo sobre Corbin, ele também gostava de não saber até que Corbin decidisse que era hora de contar a ele. Ele gostava que algo tivesse feito Corbin sorrir, e Corbin seguraria perto dele enquanto eles assavam, até mais tarde.

Depois do trabalho, Alex os levou para a casa de Corbin. A boca de Corbin ficou inclinada nos cantos, como se ele estivesse apenas esperando por algo para empurrá-lo em um sorriso completo.

A neve cobriu o quintal e jardim de Corbin, e ele caminhou por ela em direção aos fundos da casa. Assim que Corbin estava lá, Lobo trotou para fora das árvores.

—Onde ela está? — Corbin perguntou a Lobo. Lobo virou a cabeça na direção das árvores e latiu duas vezes. Alguns momentos depois, ouviu-se o som de galhos quebrando e folhas farfalhando, e um cachorro saiu disparado das árvores e disparou em direção a eles. Era de tamanho médio, com pelos desgrenhados em preto e branco e um rosto bobo e esperançoso. Quando chegou a Corbin, ele parou e vibrou de excitação.

Corbin levantou a mão, e o cão começou a pular em círculos, girando e girando antes de cair no chão vertiginosamente.

Alex riu e Corbin sorriu. Ele apontou para o cachorro e disse: —Achei que ela poderia ser a certa para você.

O calor inundou o peito de Alex. Corbin encontrou um cachorro para ele. Corbin se lembrou que ele poderia querer um, conheceu um, e pensou em Alex.

—Como você sabia que ela era a certa? — Ele perguntou.

—Eu simplesmente sabia, — Corbin disse, e estava claro que ele se lembrava da conversa de Alex tão bem quanto Alex. —Eu acidentalmente dei um nome a ela. — Corbin disse, arrastando-se no chão. Ele disse isso como se um nome fosse imutável, e Alex percebeu que para ele era.

—Tudo bem. Qual é o nome dela, então?

—Dreidel. — Corbin disse, e estendeu a mão para o cachorro. Mais uma vez, ela deu um pulo e girou em círculos como um pião antes de desmaiar. Desta vez, ela olhou para Alex e torceu uma pata. Ele estendeu a mão lentamente e apertou a pata fria como a neve, em seguida, passou a palma da mão sobre o pelo. Ela estremeceu de prazer e caiu de costas.

—Ela é perfeita —, disse Alex. —É o nome perfeito.

Corbin saltou ligeiramente na ponta dos pés, e seu sorriso brilhante era tão singularmente doce que Alex se levantou e o abraçou. —Obrigado. — Ele disse, e Corbin, que se enrijeceu no início, amoleceu, se deixando ser abraçado. Em seguida, seus braços envolveram os ombros de Alex, hesitante no início, depois segurando firme.

Por mútuo acordo silencioso, eles entraram. Lobo se acomodou perto da porta da cozinha e Corbin segurou a porta aberta para Dreidel. Ela disparou para dentro, rastreando neve suja pelo piso de madeira, e girou em círculos animados algumas vezes. Corbin falou com ela suavemente e enxugou suas patas com uma toalha pendurada dentro da porta. Em seguida, pegou uma tigela da cozinha e a encheu com comida de Galho, que Dreidel inalou.

Na sala de estar, Corbin acendeu um fogo e gesticulou para Alex se sentar. Depois de alguns minutos, Dreidel galopou para a sala de estar. Ela se virou de novo, desabou diante do fogo e adormeceu quase instantaneamente.

Corbin trouxe chá quente para eles e se acomodou do outro lado de Alex no sofá. Ele dobrou os joelhos e embalou a xícara quente, deixando o vapor aquecer seu rosto.

—Tudo para o jantar de Chanucá está chegando junto —, disse Alex. — Eu convidei pessoas, e Gareth passou por quatro conceitos de menu diferentes, mas o que quer que ele faça será delicioso.

Corbin acenou com a cabeça, relaxando no sofá como se estivesse contente em ouvir Alex repassar todos os detalhes. Como se ele se contentasse em ouvir o que quer que Alex tivesse a dizer.

—Eu convidei Orin. — Corbin inclinou a cabeça e franziu a testa. —Ele dirige a Associação de Arte. O oleiro?

—Oh. Sim, eu o conheci.

—Sim, ele me disse. — Alex falou casualmente, escolhendo suas palavras com cuidado. —Ele disse que você não ficou muito impressionado com a geleia de uma certa lojista.

Corbin assentiu imediatamente. —Aquela geleia era horrível. Minhas tias faziam geleia. Eu sei o gosto da geleia. Isso tinha um gosto terrível.

Alex sorriu com sua opinião firme sobre o assunto. —Qual é o seu tipo de geleia favorito? — Ele percebeu que não sabia quase nada sobre os pequenos detalhes particulares da vida de Corbin.

—Favorito. Eu realmente não tenho um favorito. Existem infinitas combinações.

—Isso é verdade. Você pode nem ter provado o seu favorito ainda.

—Sim, exatamente. — Corbin disse, e seu rosto assumiu uma expressão que Alex passou a considerar como uma satisfação que Alex tinha entendido.

—Se você tivesse todos os ingredientes do mundo em sua cozinha e fosse lá agora e fizesse geleia, sabe que tipo faria?

—Mmm. — Corbin fechou os olhos como se estivesse imaginando todos os ingredientes do mundo. —Pêssego e gengibre.

—Isso soa bem. Orin disse que aquela mulher estava dizendo coisas bem rudes para você quando você saiu. — Disse Alex suavemente.

Os olhos de Corbin se estreitaram, e seu olhar nivelou Alex. Sua voz estava mais cortante do que Alex jamais tinha ouvido. —Sim. As pessoas pensam que sou louco. Você não sabia. — A palavra *louco* estalou em torno deles. Alex não gostou, mas Corbin estava claramente repetindo o que as pessoas disseram a ele.

—Outras também? — Alex perguntou gentilmente.

Corbin colocou seu chá no chão e inclinou a cabeça para trás sobre o braço do sofá para olhar para o teto. —Sim.

Ele ficou quieto por tempo suficiente para que Alex pensasse que ele diria mais. Então ele disse: —Os professores da escola. Eles pensaram que algo estava errado comigo. Porque nem sempre prestava atenção. Mas eu estava prestando atenção. Para outras coisas. Eu estava desenhando ou lendo. Havia todas essas regras e todos as conheciam, mas elas não faziam nenhum sentido para mim.

Alex não ficou surpreso ao ouvir isso, visto que Corbin havia crescido fora do contexto da escola. Ele nunca teria aprendido o que era esperado dos alunos, ou que as regras eram apenas decretos que as crianças deveriam seguir e muitas vezes não tinham lógica discernível.

—Eles diriam para ler algo ou preencher palavras em branco, mas... porque? Todos nós nos levantamos e sentamos e levantamos nossas mãos e caminhamos para o próximo lugar, mas nada disso significava nada.

Corbin parecia tão confuso.

—Tia Hilda disse que nós apenas tínhamos que jogar junto. As pessoas eram estúpidas e precisavam de regras para sentir que suas vidas faziam sentido, então eu deveria apenas seguir em frente até que eu pudesse sair de lá e então eu poderia fazer o que eu quisesse.

O suéter que Corbin estava vestindo era o mesmo que ele havia usado na casa de Alex, e Corbin cutucava as fibras soltas da manga enquanto falava.

—Eu tentei ir junto com eles. Mas eles não me deixaram em paz. Os outros alunos não me deixariam em paz. E os professores ficavam me perguntando coisas que não perguntavam a ninguém. O Sr. Bashir me mandou para a orientadora e ela... ela me assustou.

Corbin voltou seus olhos assombrados para Alex.

—Ela disse que eu era louco.

—Ela *disse* isso para você?

—Não essa palavra. Mas foi isso que ela quis dizer. É o que sempre quiseram dizer. Eles pensaram que eu não sabia, mas eu sabia. Ela ligou para minhas tias e disse que eu precisava de exames. Que algo estava errado comigo. Elas ficaram furiosas. Elas disseram que ela não poderia me obrigar. Mas então... Fiquei com medo de que, se não o fizesse, alguém poderia me tirar de casa.

Sua voz era baixa, e ele passou os braços em volta das pernas, abraçando a si mesmo.

—Eu disse à senhora que faria o teste. Isso foi... A coisa era isso... essas perguntas. Isso - elas me assustaram.

—Quais foram as perguntas?

Corbin balançou a cabeça. —Apenas perguntas. Elas não significaram para mim a mesma coisa que significaram para ela. Mas eu sabia que, se contasse a verdade, ela pensaria que estava certa. Que havia algo errado comigo.

O coração de Alex começou a bater mais rápido. —Do *que você* acha que há algo de errado com você?

Corbin mordeu as unhas.

—Não está errado *comigo* — ele disse finalmente. —É apenas... errado.

—Eu não tenho certeza do que isso significa, Corbin.

—Eu não posso te dizer porque você vai pensar que eu sou louco também. — Corbin disse. Ele se levantou do sofá e se sentou em frente ao fogo, ambas as mãos em Dreidel, tirando o emaranhado de seu pelo.

Alex não tinha certeza do que pensar sobre isso. Corbin parecia intensamente *certo* para ele. Havia claramente algo que ele sentia que não poderia compartilhar, mas tudo em Alex lhe dizia que não era nada ruim ou errado. Ele pensou no que Orin havia dito. A parte complicada é quando

alguém não sabe que pode ser diferente do que é. Mas Corbin *fez* parecer saber que havia outras maneiras de viver-que a maioria das pessoas viviam de forma diferente, na verdade.

—Talvez você me diga outra hora —, disse Alex lentamente. —Eu gostaria de ouvir qualquer coisa que você queira me dizer.

Corbin olhou para ele por um longo tempo, a luz do fogo cintilando em seu cabelo como um reflexo em obsidiana. —Você gostaria. — Disse ele finalmente, e Alex não sabia dizer se era uma declaração ou uma pergunta.

—Eu iria. — Ele disse, apenas para estar seguro.

—Talvez em breve, — Corbin murmurou. —Se eu descobrir.



Mãos suaves correram para cima e para baixo nas coxas de Alex, espalhando suas pernas, e o cabelo caindo contra sua ereção. Alex gemeu e olhou para baixo para ver o rosto de Corbin entre suas pernas, a língua rosa em uma ponta perversa saindo para lamber a ponta do pênis de Alex. Alex estendeu a mão trêmula para empurrar o cabelo de Corbin para trás, mas no segundo que ele o tocou, a cama desapareceu e eles estavam flutuando. As asas de Corbin, as penas tão pretas quanto seu cabelo, se espalharam ao redor dele, e Alex sentiu o ar estremecer com energia.

As pontas das penas de Corbin acariciaram as costelas e flancos de Alex, deixando rastros de fogo em seu rastro. Os olhos de Alex estavam colados no rosto de Corbin. Seus olhos estavam escuros de luxúria, suas bochechas coradas e sua boca uma fantasia escorregadia. Os cílios de Corbin vibraram e ele engoliu o pau de Alex até a raiz. O prazer era oceânico, e ele gozou na boca

de Corbin em segundos, todos os músculos tensos enquanto pulso após pulso de prazer saía dele como lava.

Alex acordou com um suspiro de lençóis encharcados de suor e roupas íntimas pegajosas, seu peito arfando com a liberação e a imagem de Corbin levando-o para seu corpo o fazendo gemer de novo.

—Jesus.

Ele jogou sua cueca na lavanderia e ficou nu perto da janela, olhando para a escuridão. Ramos negros de abetos balançavam com o vento e uma neve fina caía, apenas visível no círculo de um poste de luz.

Na noite anterior, na casa de Corbin, depois da conversa perturbadora sobre a orientadora da escola, eles passaram a falar de outras coisas. Eles concordaram que Dreidel ficaria na casa de Corbin por um momento, até que Alex soubesse o que sua mãe queria fazer com a casa. Eles conversaram sobre o que deveriam servir de sobremesa no jantar de Chanucá.

As sobremesas tradicionais, fritas em óleo, eram um pouco pesadas para o final de uma refeição e seriam coisas que Alex venderia na E Filho durante todo o feriado. Eles debateram os méritos de algo leve e refrescante - frutas, creme e sorvetes. Mas, embora fossem um bom contrapeso para o rico menu do jantar, eles realmente não tinham o espírito de celebração de Chanucá que Alex queria. Além disso, embora o cardápio de Gareth fosse rico, ele - como tudo que ele cozinhava - seria equilibrado, então não pareceria pesado.

Foi Corbin quem teve a ideia de que Alex gostava mais. Era um sufganiyot desconstruído e Corbin tinha pensado nisso por causa de sua conversa sobre geleia. Eles cobriam os donuts de canela e açúcar com creme de baunilha e geleia fresca. Alex já podia ver como o colocaria em pratos, a geleia regada sobre o creme para que os donuts ficassem crocantes.

Ele balançou sua cabeça. Tudo nele levava de volta a Corbin. Até mesmo o cozimento estava agora embrulhado com Corbin.

Gareth estava certo. Alex precisava contar a ele. Se não por ele mesmo, então porque ele estava começando a se sentir desconfortável estando perto de Corbin pessoalmente, quando à noite, o Corbin privado de seus sonhos o acariciava e o sugava até o êxtase, e o fazia gozar em seu sono como se ele tivesse dezessete novamente.

Ele apenas esperaria até a próxima semana, celebraria o jantar de Chanucá, e então ele falaria com Corbin. Seu estômago apertou com a facilidade com que o outro homem poderia escorregar de sua vida se ele não sentisse o mesmo. Com que facilidade Alex poderia ser abandonado.

O vazio que sentiu ao pensar em perder Corbin - de não ver seu lindo sorriso, ou a maneira como ele puxava seu cabelo quando o atingia em seu rosto, de como ele mudava entre uma distração sonhadora e uma presença tão nítida que atraia cada grama de atenção de Alex, de seu cheiro como a selvageria das árvores e o vento - era mais forte do que qualquer coisa que ele já sentiu.



Gareth estava conversando animadamente sobre o menu enquanto dirigiam para a padaria na manhã anterior ao jantar de Chanucá. Tudo foi planejado e ele faria as compras hoje. Ambos ficaram maravilhados com a torta que ele havia sonhado. Teria uma crosta de batata frita ralada cheia de maçãs e regada com creme de leite - sua brincadeira com latkes com molho de maçã

e creme de leite e uma solução elegante para o problema de como fritar cem latkes enquanto as pessoas esperavam para serem servidas.

Gareth estava descrevendo como ele absorveria o óleo da batata quando eles entrassem no E Filho e encontrassem a luz da cozinha acesa.

Gareth lançou um olhar para Alex. Quando Alex disse a ele quantas vezes ele encontrou Corbin na cozinha antes dele, Gareth disse com certeza que era mais uma indicação de que ele gostava de Alex e queria estar perto dele. Alex achou que havia algo mais, mas não sabia o quê.

Alex abriu a porta silenciosamente, e a visão diante dele roubou seu fôlego. Corbin estava dormindo na mesa de preparação do bloco de açougueiro no canto, as mãos enroladas sob o queixo, a cabeça apoiada em sua jaqueta. No sono, ele parecia como nos sonhos de Alex. Lindo, angelical, em paz.

Gareth ficou para trás e Alex foi até ele. —Corbin. — Ele disse suavemente, colocando a mão no ombro do homem no caso de ele se assustar e cair da mesa.

Corbin piscou acordado e o coração de Alex acelerou sabendo que agora ele podia imaginar como seria acordar ao lado dele. A boca de Corbin formou um *Alex* silencioso, e ele se sentou, tirando o sono dos olhos.

—Eu adormeci. — Ele murmurou.

—Você veio aqui ontem à noite?

Corbin balançou a cabeça. —Esta manhã cedo. — Então um sorriso apareceu em seu rosto. —Eu fiz algo.

Ele saiu do balcão e tirou um pano de prato de um prato. Eles eram sufganiyot, perfeitamente formados, fritos e recheados.

—Uau, eles são lindos. Você estava praticando?

Corbin inclinou a cabeça. —Não. Eles são para você. — Sua voz estava grave.

—Obrigado. — Alex disse sério, embora fosse um pouco mais cedo do que ele normalmente queria comer. Mas Corbin estava olhando para ele, olhos arregalados e cabelo despenteado, com a impressão de sua jaqueta vincando sua bochecha, e Alex não achava que ele poderia negar-lhe qualquer coisa. Então ele pegou o donut que Corbin estendeu para ele como uma comunhão.

Ele deu uma mordida e os sabores explodiram em seu paladar sonolento. O crocante da canela e do açúcar, a crocância da massa frita quando seus dentes se afundaram e a mordida da geleia dentro - mirtilo, perfeito com a canela.

—É perfeito. — Alex disse, e o sorriso de Corbin transformou tudo em alegria. Ele saltou na ponta dos pés, esperando Alex terminar o donut.

—Eu recebo um? — Gareth perguntou. —Ou são donuts mágicos especiais apenas para consumo de Alex? — Ele piscou para Corbin, mas o rosto de Corbin caiu e ele parecia destruído.

Ele colocou a toalha de volta sobre os donuts e balançou a cabeça. —Eu sinto muito. Mas você não pode ter um. — Suas mãos tremeram.

Alex olhou para Gareth, que revirou os olhos. —Está tudo bem, Corbin. Tudo bem se eles forem donuts mágicos especiais apenas para Alex.

Corbin se encolheu novamente, os olhos correndo ao redor.

—Ei, — Alex disse, apertando o ombro de Corbin. —Obrigado. Eles são deliciosos. Adoro a escolha da compota de mirtilo. Funciona perfeitamente com a canela e é menos esperado.

Corbin acenou com a cabeça.

—Eu vou fazer compras. — Gareth disse, e girou nos calcanhares.

Assim que ele se foi, Corbin pareceu relaxar. Ele olhou para os donuts e para Alex. —É apenas... ninguém mais pode ficar com eles, certo? É importante.

—Ok. — Alex deixou a palavra pairar entre eles, esperando que Corbin explicasse, mas sabendo que ele não poderia. Se Corbin dizia que algo era importante para ele, isso era tudo que Alex precisava.

—Eu estou... Estou tentando fazer coisas para que eu possa te contar. Para que eu possa dizer todas as coisas que você sempre pergunta.

—Está funcionando?

A expressão no rosto de Corbin era de desejo nu.

—Eu acho que talvez sim. — Ele sussurrou com admiração.

Capitulo 14

Enquanto ele virava a placa na porta da frente de Aberta para Fechada e colava o cartão que dizia *Evento Privado*, Alex ficou perfeitamente suspenso entre a alegria infantil da alegria de Chanucá e o desejo de perfeição de um padeiro profissional. Ele gostava da posição muito bem.

Gareth estava dando os toques finais em toda a comida e dando instruções precisas aos garçons que haviam contratado para a noite sobre como e quando cada prato deveria ser servido.

Alex estava bastante acostumado com os altos padrões de Gareth e sabia que ele daria uma gorjeta generosa, mas seus modos deixaram Corbin tão arisco quanto no primeiro dia que Alex o conheceu.

—Está tudo bem, — Alex o assegurou. —Ele vai se acalmar assim que as pessoas provarem o primeiro prato e ooh e ah sobre ele.

Mas Corbin não parecia calmo. Na verdade, Corbin tinha estado nervoso o dia todo. Sua cabeça levantava a cada barulho, e Alex sentiu seus olhos nele do outro lado da sala. Era quase como se Corbin estivesse esperando por algo.

Mira e Sean passaram cada minuto em que não estavam atendendo clientes durante o dia decorando a loja. Alex queria que parecesse festivo, mas não extravagante, e ele achou que eles acertaram o alvo perfeitamente. Guirlandas azuis e prateadas cobriam o balcão, e nas mesas havia peças centrais de sinos de vidro que seguravam estrelas azuis e prateadas cintilantes. Na porta, uma mesa forrada de azul estava posta com

dreidels e sacos de gelt de chocolate. Eles cobriram o balcão com veludo azul e o transformaram em um bar, com um dos garçons atendendo atrás dele.

Ao todo, parecia aconchegante e festivo, e Alex não poderia estar mais feliz.

Fiel à forma, sua mãe e Lou foram os primeiros a chegar, de braços dados.

—Eu não posso acreditar que é o mesmo lugar. — Ela exclamou pelo que deve ser a décima vez desde que ele abriu, e Lou apertou sua mão e ecoou o sentimento.

—Corbin! — Sua mãe disse animadamente, e Alex se virou para ver Corbin, que estava rastejando para fora da cozinha, de repente congelou sob sua atenção. Mas quando ela se aproximou dele, sorriu calorosamente e estendeu os braços para um abraço, Corbin caminhou até eles sem hesitar e se deixou ser abraçado.

Algo vibrou na garganta de Alex. Inveja. Que Corbin poderia tão facilmente tocar alguém que não era ele.

Mais convidados chegaram e Alex afastou a inveja, apresentando todos que ainda não eram conhecidos e distribuindo bebidas.

Quando Orin chegou, Alex ficou legitimamente feliz em vê-lo. —Você se lembra do Corbin? — Ele disse, e Orin apertou a mão de Corbin solenemente e sorriu.

—Estou feliz em vê-lo novamente. — Disse ele.

Alex puxou Gareth também. —Este é Orin Wright, filho de Lou. Ele dirige a Associação de Arte de que lhe falei. Orin, este é meu melhor amigo, Gareth Kelly. Ele é um chef. Ele preparou a comida para esta noite.

Os olhos de Orin estavam fixos em Gareth e ele estendeu a mão como se estivesse em câmera lenta. Gareth estremeceu ligeiramente ao pegá-la. —

Prazer em conhecê-lo —, disse Orin, a voz baixa e áspera, enquanto Gareth dizia: —Ei.

Alex pegou o olhar de Corbin sobre suas mãos entrelaçadas, e as sobrancelhas de Corbin subiram, seus olhos se arregalando. Alex piscou e inclinou a cabeça, e ele levou Corbin para o bar e pegou uma bebida, colocando-se entre Corbin e a multidão crescente.

—Você não precisa me proteger — Corbin disse, gesticulando para as pessoas ao redor. —Eles acham que sou uma aberração, mas estou acostumado. Essa tem sido minha vida inteira. — Ele arrastou o dedo do pé, os olhos grudados no chão.

—E se eu precisar? — Alex perguntou, algo sobre as festividades tornando-o mais ousado com Corbin do que nunca. Ele nunca sentiu que era seu direito exercer qualquer controle sobre seus parceiros. Ele sabia durante toda a sua vida que as pessoas tendiam a fazer o que ele dizia.

Você parecia saber do que estava falando, disse seu namorado da faculdade quando apresentou uma teoria maluca, *então acreditei em você* .

Você disse como se tivesse *certeza*, insistiu o amigo dele, perdido na Carolina do Norte depois que Alex disse que achava que *talvez, possivelmente*, aquela rodovia os levaria a Durham.

Gareth não foi o primeiro a notar, apenas o primeiro a apontar o padrão para Alex. Alex já sabia que se ele entrasse e simplesmente tomasse conta das coisas, as pessoas tendiam a deixá-lo. Mesmo se eles realmente não quisessem.

Mas embora normalmente mantivesse o impulso sob controle, às vezes ainda ardia de desejo de assumir o controle das coisas, consertá-las. Parecia que se ele pudesse apenas colocar as mãos no cerne do problema e juntar as peças - se seus amigos e amantes apenas relaxassem e se deixassem flutuar enquanto ele mexia - ele poderia consertar tudo.

Ego muito alto? Gareth disse quando Alex uma vez disse isso a ele. Alex sabia que era verdade. E, no entanto, ele ainda sentia isso. Ele via Corbin sofrendo com os olhares de esguelha e sussurros, e ele queria se colocar entre ele e essas coisas, aguentar o golpe. E ele queria que Corbin quisesse. Precisava dele.

—Por que você precisaria? — Corbin perguntou, mas suas pupilas dilataram, e Alex pensou ter visto ele engolir em seco.

—Eu me sinto muito protetor com você, Corbin. É assim que eu sou. Isso te incomoda?

Corbin piscou os olhos arregalados e olhou para Alex, um rubor subindo da gola de seu suéter.

—Não.

Um calor em resposta se acendeu em Alex, bem no fundo de seu estômago.

Corbin abriu a boca como se estivesse prestes a falar, quando Gareth deu um tapinha no ombro de Alex e disse: —Está na hora. — Gareth podia sentir a energia de uma multidão e saber quando comida, bebida ou nenhuma era necessária.

—Tudo bem —, disse Alex, e sinalizou para o servidor parado perto da cozinha. Para Corbin, ele disse: —Você vai se sentar com a gente, certo? — Ele estendeu a mão, querendo tanto que Corbin aguentasse facilmente, do jeito que ele apertou a mão de Orin ou abraçou sua mãe. Corbin olhou para ele, olhos estreitos passando rapidamente para o rosto de Alex como se ele estivesse lendo algo que só ele pudesse ver. Então, lentamente, ele deslizou sua mão na de Alex, piscando rapidamente com o contato.

Alex sentiu o desarranjo dentro de seu peito aliviar.

Em sua mesa estavam Corbin, sua mãe, Lou, Gareth e Orin. Sua mãe e Lou estavam sorridentes e com os olhos brilhantes, virando-se em suas cadeiras para falar com todos, até mesmo os servidores.

Gareth e Orin falavam de forma intermitente, seus olhos se encontravam, mas seus olhares vagavam um sobre o outro quando o outro não estava olhando.

Corbin sentou-se ao lado dele, ocasionalmente conversando com Orin, respondendo às perguntas que sua mãe fazia, mas principalmente inclinando-se, conforme o jantar progredia, mais perto de Alex, centímetro a centímetro, como se não percebesse que estava fazendo isso.

Alex olhou em volta para o que ele havia construído e sentiu uma onda de orgulho. Ele não podia acreditar como sua vida era totalmente diferente do que tinha sido poucos meses antes. O impacto da mudança talvez não o tivesse afetado completamente até aquele momento, quando ele se sentou no meio de um grupo do qual agora fazia parte.

A comida era maravilhosa e, embora as narinas de Gareth ocasionalmente se dilatassem quando o forro não era exatamente o que ele havia pedido, as pessoas estavam claramente gostando. A torta de maçã com crosta de leite e creme azedo foi o sucesso da noite, e Gareth recebeu mais elogios por sua inteligência do que estava acostumado. Os consumidores de Ann Arbor não eram clientes da cidade de Nova York, e Alex podia ler seu prazer e, em seguida, sua irritação em seu rosto.

Depois da torta, havia delicados blintzes de queijo com cebolinha e mostarda de raiz-forte e uma salada de rúcula picante, beterraba dourada assada e figo lascado. O prato principal era kreplach de peito refogado com purê de ervilha e agrião, os bolinhos firmes e saborosos, ervilhas e agrião.

Os olhos de Gareth percorreram a sala para se certificar de que as pessoas estavam gostando, e Alex se obrigou a não sorrir quando Gareth corrigiu Orin sobre o que era um ingrediente e então explicou cada componente do prato em detalhes.

E por tudo isso, ele sentiu Corbin ao lado dele, uma presença bem-vinda. Ele sentiu os olhos curiosos de Corbin nele enquanto comiam.

Quando os pratos foram retirados e mais bebidas foram distribuídas, Gareth sinalizou para o serviço de sobremesa.

—Corbin teve a ideia para a sobremesa. — Alex disse para sua mãe, alto o suficiente para que todos pudessem ouvir, e Corbin baixou o queixo até o peito para que seu cabelo escondesse seu rosto.

Quando os pratos de sufganiyot, geleia de mirtilo e creme de baunilha saíram, Alex não pôde deixar de pensar no recipiente em seu quarto em casa que continha o resto dos donuts que Corbin havia feito para ele na manhã anterior.

Ele tinha comido outro à tarde, e ainda outro quando acordou esta manhã e estava, francamente, farto de donuts. Mas Corbin os tinha feito especialmente para ele, e claramente significava algo para Corbin vê-lo comer um. Sozinho em seu quarto, como se estivesse escondendo um segredo em sua própria casa, Alex fechou os olhos enquanto comia outro, mastigando lentamente e imaginando as mãos de Corbin sobre eles. As mãos de Corbin amassando a massaa. As mãos de Corbin sufocando-as com açúcar e canela. As mãos de Corbin correndo sobre mirtilos e escolhendo os mais suculentos para a geleia. Corbin cobrindo-os com uma toalha para mantê-los apenas para ele.

Ele se permitiu imaginar que eram algo mais do que sobremesa. Que Corbin ofereceu a Alex um procurador para si mesmo. Então ele imaginou aquelas mesmas mãos sobre *ele* e sentiu um puxão na barriga. Junto com isso

veio um anseio - o tipo de desejo que surge em busca de um desejo em resposta. Ele queria consumir a doçura de Corbin assim como ele consumiu cada mordida.

Quando os pratos de sobremesa foram raspados e os restos das bebidas engolidos, Alex estava pronto para que todos fossem embora. O ar de celebração manteve as pessoas por mais uma hora, jogando dreidel e falando sobre os feriados. Alex estava feliz por Chanucá ter caído no início deste ano para que ele pudesse ter isso sem ser engolido pelo Natal, pois foram os anos em que coincidiram.

Sua mãe segurou seu cotovelo. —Isso foi maravilhoso, Aly. — Ela não o chamava assim há anos, e Alex se abaixou para ver as lágrimas em seus olhos. —Seu pai teria adorado. Ele teria adorado ver você aqui, neste lugar, em tudo o que você fez.

Ele a abraçou, sentindo o cheiro familiar de seu shampoo e o perfume que ela usava desde que ele era criança.

—Não acredito que estou aqui. Eu gostaria que ele pudesse ver também.

Ela o puxou para baixo para beijar sua testa, então saiu, Lou em seu braço.

Logo, todos se foram e os servidores estavam limpando a sala, as evidências das festividades varridas como se nunca tivessem ocorrido.

Gareth passou o braço pela cintura. —Foi Chanucá o suficiente para você? Sentiu do jeito que você queria?

Era uma provocação, mas havia uma ternura na voz de Gareth que o tocou.

—Foi maravilhoso. A comida estava perfeita. Obrigado. — Ele apertou o ombro de Gareth. —Eu não sei se eu teria aberto este lugar se não fosse você me encorajando naquele dia.

—Você teria ,— Gareth disse com certeza. E ele provavelmente estava certo. —Hum, escute, eu vou decolar, ok? Encontro você em breve.

—Você não vai voltar para casa? — Alex perguntou, mas então ele seguiu a linha dos olhos de Gareth até onde Orin estava parado do lado de fora da padaria, as mãos enfiadas nos bolsos e os ombros erguidos por causa do frio. — Ah. Peguei vocês. Eu gosto dele.

—Tanto faz, eu não preciso de sua aprovação, — Gareth murmurou. Então... —Sim?

—Sim. Quer dizer, gosto dele como pessoa. Não sei como ele será para você. Somente... tenha cuidado, ok?

O suspiro de Gareth continha tudo não dito. —Vou tentar. Não sou muito bom nisso. Sendo cuidadoso.

—Bem, seja o mais cuidadoso possível, e vou foder com ele se ele te machucar, como é isso?

—Isso é perfeito. — Disse Gareth, e os dois sabiam que Alex não faria mal a Orin. Era apenas como ele expressava seu cuidado.

Alex encontrou Corbin pressionado contra o canto da cozinha, claramente tentando ficar longe do caminho dos garçons enquanto eles limpavam. A cabeça de Alex latejava e ele estava exausto. Tudo o que ele queria era silêncio. E Corbin.

—Ei, todos vocês fizeram um ótimo trabalho —, ele gritou para os servidores. —Vou terminar a limpeza amanhã. Vocês podem decolar, se Gareth os pagou? — Eles assentiram e se espalharam antes que ele pudesse mudar de ideia.

Então Alex e Corbin ficaram sozinhos, os destroços da cozinha desaparecendo ao redor deles quando seus olhos se encontraram. Alex foi até

Corbin como se ele não pudesse fazer mais nada, e Corbin respirou profundamente, como se estivesse sentindo o cheiro dele.

Alex estava cansado e um pouco tonto, e Corbin era a coisa mais linda e preciosa que ele já tinha visto. Ele colocou uma mão no ombro de Corbin e sentiu músculos e ossos sob sua pele. Ele colocou a outra no pescoço de Corbin, precisando sentir a textura de sua pele, a pulsação de seu pulso.

Os olhos de Corbin se fecharam e sua respiração estava superficial, mas ele não se afastou.

—Feliz Chanukah —, disse Alex. Com o sorriso pequeno e satisfeito de Corbin, Alex abriu a boca e deixou as palavras escaparem, sejam elas quais forem. Ele parou de se conter, de censurar. —Você é um milagre para mim, Corbin. — O coração de Alex bateu forte quando ouviu o que ele disse, mas ele não retirou as palavras. Ele os quis dizer completamente.

Os olhos de Corbin se abriram, procurando o rosto de Alex.

—Eu sei que é um pouco piegas —, Alex continuou, —mas eu sempre adorei os feriados porque há algo mágico neles para mim. — Os olhos de Corbin brilharam, mas ele ainda não falou. —É uma época em que o mundo inteiro parece diferente. As pessoas são mais gentis umas com as outras, mais felizes. Elas fazem coisas que normalmente não fazem, conectam-se com pessoas com as quais nunca poderiam falar. E o que é mágica senão a possibilidade de acontecerem coisas que de outra forma seriam impossíveis?

Corbin ficou boquiaberto, e suas mãos subiram para agarrar o tecido da camisa de Alex. A cor de suas bochechas estava forte, seus olhos mais brilhantes do que Alex jamais os tinha visto.

—Corbin, — Alex murmurou. E ele imaginou que Corbin estava certo quando disse que um nome dá poder sobre o nomeado. Ele imaginou que poderia falar o nome de Corbin repetidamente até que o homem fosse seu. —

Corbin. — Ele disse novamente, se inclinando mais perto. A respiração de Corbin prendeu.

Alex segurou o rosto de Corbin em suas mãos, procurando naqueles olhos escuros um sinal de que isso era bem-vindo, que ele era procurado. Ele viu tanto desejo ali, tal necessidade, que o abalou até o âmago.

—Você é tão lindo, — ele disse, correndo os dedos pela garganta de Corbin. —Corbin, deus.

Ele podia sentir a pulsação acelerada de Corbin, e as mãos de Corbin apertavam sua camisa como se ele pensasse que Alex poderia se afastar. Quanto mais perto Alex se inclinava, mais Corbin o segurava, até que eles estivessem pressionados juntos, os punhos de Corbin eram a única coisa entre eles. Alex podia sentir o cheiro de fumaça de madeira no cabelo de Corbin.

Então Corbin espalmou as palmas das mãos no peito de Alex e parecia que a última coisa entre eles se dissolvia. Alex embalou a nuca de Corbin e o lado de seu pescoço e se inclinou mais perto, mais perto, até que seus lábios se tocaram, e a sensação disso explodiu por ele como um raio. Corbin fez um som pequeno e desesperado no fundo de sua garganta e Alex avançou, beijando-o com tudo que tinha.

Suas bocas se esmagaram. O beijo foi frenético e desajeitado e tudo o que Alex sempre quis. Sob o toque de mirtilos, Alex podia sentir o sabor selvagem do inverno do próprio Corbin, e ele nunca provou algo tão inebriante.

As mãos de Corbin arranharam suas costas, puxando-o para mais perto, e ele pressionou seus quadris nos de Corbin, sentindo a dureza que respondia a sua. Ele gemeu na boca de Corbin e ouviu o gemido quebrado de Corbin.

Então o gemido mudou de excitação para outra coisa, e Corbin o empurrou. Os olhos de Alex se abriram para ver Corbin, com o peito arfando,

uma mão presa sobre a boca e a outra segurando a bancada na qual ele foi pressionado. Seus olhos estavam em pânico e sua garganta tremia convulsivamente.

—Corbin?

Corbin fechou os olhos com força e balançou a cabeça repetidamente.

Quando Alex tentou tocá-lo novamente, Corbin se enrolou em si mesmo. —Você não pode, — ele soluçou. Então —Alex, você não pode.

O pânico tomou conta de Alex enquanto ele olhava para o espaço vazio e suas próprias mãos estendidas. Ele não sabia o que tinha feito, mas arrancou Corbin dele, transformando intimidade em distância e prazer em medo. Ele agarrou algo fino e o rasgou com mãos ásperas. O beijo mais lindo que ele já compartilhou se transformou em pó em sua boca.

—Por quê? O que há de errado? Diga-me por favor.

—Você - você - você não pode entender, mas... — Ele balançou a cabeça novamente. —Eu estrago tudo que toco. Todo mundo eu... eu não posso te arruinar. Eu não posso... Eu não posso te machucar.

As palavras rasgaram Alex como uma bala. —Oh, baby, não. — Ele se moveu em direção a Corbin novamente, mas se conteve com o medo que viu lá.

—Não, eu vou, eu - eu tentei consertar, mas... Achei que talvez pudesse consertar as coisas, mas e se... Não posso arriscar.

Antes que Alex pudesse se reagrupar, Corbin voou para fora da porta.

Parte Quatro: Fogo



Corbin

Capitulo 15

Corbin se perguntou se um coração poderia quebrar e ainda bater longe, preso na gaiola de costelas, não importando sua extremidade.

Ele caminhava pelas ruas de inverno, deixando-se virar e torcer como uma folha seca na brisa, seu caminho em direção a casa era labiríntico e indetectável.

Na última semana, ele havia entendido a história de Chanucá que Alex lhe contara. Era um sinal de que o óleo era o que ele precisava para dissipar a maldição. O chalá tinha sido um bom começo, mas os donuts o fariam. Ele enviou a maldição para a massa, então chamuscou lote após lote em óleo fervente, esperando pelo milagre. Esperando por um sinal de que isso estava certo.

Finalmente, ele *sentiu* algo. Sentiu algum vestígio persistente de algo errado deixá-lo, e ele pensou que tinha sumido. Então, ele fez o último lote. Infundiu esperança e alegria na massa e fritou-as perfeitamente para Alex. *Você deve cozinhar com amor quando estiver cozinhando para alguém que ama*. Apenas para Alex.

E enquanto ele assistia Alex dar uma mordida, tomar parte da esperança e alegria de Corbin em si mesmo, ele sentiu o universo se encaixar no lugar como um elástico.

O dia todo hoje, ele observou Alex em busca de sinais de que tinha funcionado. Quando Alex o tocou, ele procurou por sinais de que não havia nenhum veneno para infiltrar no outro homem. Nenhuma ameaça.

Alex brilhava tão lindamente como sempre. Não havia nenhum tom doentio de preto no ar ao seu redor, nenhum indício de mancha ou dor. Havia um vermelho brilhante, logo ao lado de sua pele. *Desejo*. E quando eles se beijaram...

Todo o corpo de Corbin estremeceu com a memória. Esse beijo... aquele beijo o havia refeito. Arrastou-o para o céu mais escuro e as estrelas mais brilhantes e o explodiu em algo que ele nunca conheceu. A boca de Alex e as mãos de Alex e o corpo de Alex, sim, mas principalmente *Alex*. Alex o querendo, Alex precisando dele, Alex *com* ele.

Era o que ele sempre desejou, e o que ele pensou que nunca poderia ter. Que ele teve, por apenas alguns minutos, e então perdeu, arrancou um soluço de sua garganta que o vento arrebatou.

Porque Corbin não tinha *certeza* se seu milagre funcionou. Afinal, o que era ele, com sua improvisação, sua arte de feitiço com óleo, em face da maldição que perseguiu o País de Gales por gerações? E se ele não tivesse quebrado a maldição e se deixado ficar com Alex, Alex estava condenado. Mas só havia uma maneira de saber com certeza e, se ele estivesse errado, já seria tarde demais.

Então ele foi embora.

Ele se afastou, deixando as partes mais nuas, necessitadas e mais agarradoras de si mesmo na mão estendida de Alex.

Agora tudo era escuridão, frio e vento, o único calor era a promessa de um lar, que era escuro, frio e vazio.

—Finnian, — ele sussurrou, a voz áspera. Mas Finnian não veio porque ele não era quem Corbin realmente queria. —Carbon? — Não.

Ele não queria nenhum deles. Ele não queria peças, sombras ou linhas na página. Ele queria carne, sangue, ossos e suor. Coração, pau e boca. Ele queria Alex. Ele sempre iria querer Alex.

A floresta estava escura na lua nova, sombras finas aparecendo. Os pássaros noturnos crocitaram, seus chamados se espalharam finamente e guincharam pelo vento. Não havia paz aqui esta noite, nenhum conforto das plantas e árvores, suas raízes cantando umas para as outras, nas profundezas do solo, um mundo de compreensão sem palavras. Suas orelhas formigavam e seus pés pareciam dormentes. Ele considerou, por um momento, nunca mais voltar para casa.

Ninguém saberia. Ninguém sentiria falta dele. Se ele cortasse até o fundo das coisas, a casa seria apenas uma casa, o jardim apenas um jardim, nada disso o prendia aqui como havia segurado as tias, embalado-as. Elas encontraram sua paz aqui, seus momentos de felicidade, tal como elas eram. Foi seu socorro contra o mundo. Seu santuário.

Ele tinha imaginado que poderia ser o mesmo para ele.

Mas não havia mais santuário. Ele carregava a tempestade dentro de si.

Quando as árvores desapareceram em seu quintal, ele encontrou Alex parado perto da porta da cozinha, a cabeça baixa, Lobo alerta ao seu lado.

Ele congelou na linha das árvores, preso entre o desejo e o medo. Parte dele queria voltar para a floresta e se perder na escuridão. Mas quando Lobo o sentiu, a cabeça de Alex se ergueu e em seu rosto estava sofrendo de modo que Corbin não suportou.

Ele caminhou lentamente em direção a eles e Lobo relaxou. —Corbin. — Alex disse. Alex não parava de dizer seu nome, e cada vez que ele dizia isso, os cordões que os uniam se apertavam.

—Precisamos conversar —, disse Alex. —Me deixa entrar? Por favor.

Pedidos, comandos, desejos e palavras mágicas.

—Ok, — Corbin disse, finalmente. —Mas... mas você não pode me tocar. Ainda não. — *Não é seguro; Não vou arriscar você; por favor, não me deixe machucar você.*

Alex se encolheu e baixou a cabeça, mas então ele acenou com a cabeça, dando a Corbin um amplo espaço enquanto eles entravam. Corbin acendeu uma fogueira, empilhando a lenha deliberadamente para não ter que falar. Ele estava avaliando o risco.

Finalmente, —Corbin. — Alex disse. Ele deu uma última cutucada no fogo e se virou. Ele nunca tinha visto Alex parecer perdido antes. Ele odiava.

Alex sentou no sofá e esperou Corbin se sentar também, antes de falar. — Agora, estou sentindo que tirei vantagem de você. Sou seu empregador e sinto que o pressionei a fazer algo que você não quer, e me sinto uma merda absoluta sobre isso. Se isso não é verdade sobre o que está acontecendo aqui, eu realmente quero que você me diga. Por favor? — Ele adicionou.

A dor de Corbin se transformou em horror. Que Alex pudesse pensar que ele era o culpado, quando era Corbin. Quando era a maldição. Ele balançou sua cabeça. —Não é. Isso não é verdade.

—Então, por favor, Corbin. Eu sei que é muito difícil para você explicar as coisas às vezes. Eu sei que há coisas sobre as quais você não quer falar. Mas, *por favor,* você vai tentar?

Corbin tentou. Ele abriu a boca e classificou as palavras como pedras, procurando a certa para começar. E ele não encontrou. Ele empilhou as

palavras e fez um um marco e olhou para ele e sabia que era o que vivia dentro dele: um túmulo marcando o lugar onde algo poderia ter estado. Ele sentiu uma lágrima cortar seu rosto.

—Corbin. Baby. Por favor. Deixa-me ajudar. Isso está me matando. — O rosto de Alex estava quebrado.

—É disso que tenho medo! — Corbin gritou. —Que isso vai te matar. Que *eu vou te* matar. — Ele colocou as duas mãos sobre a boca para evitar que mais pedras rolassem.

—O que?

Ele balançou sua cabeça. Apertou e sacudiu até ficar tonto e seu cabelo obscurecer sua visão, como tinta espirrada em uma página.

Então o rosto de Alex estava lá, bem na frente dele. Alex não o tocou, apenas olhou para ele.

—Ouça. O que quer que você esteja pensando ou sentindo. Tudo o que você tem medo. Eu quero que você me diga. Eu quero que você me conte tudo isso. E eu prometo - Corbin, eu *prometo* - não vou embora. Eu não vou parar de me preocupar com você. Não vou achar que você está louco. Seja o que for, eu sei que é real para você. Eu quero ouvi-lo.

Corbin gemeu no limite de comando em sua voz. Ele queria contar tudo a Alex. Queria despejar uma vida inteira de segredos em suas mãos gentis e ansiosas.

Os olhos de Alex pareciam um lar. Sua voz parecia conforto e facilidade. Seus braços ofereceram um refúgio.

—Eu quero, — Corbin sussurrou. —Eu estou assustado.

—Eu sei. — Alex disse, e a certeza disso se estabeleceu no peito de Corbin. Ele respirou profundamente para dar mais espaço.

E então, com aquela certeza envolta em seu coração, segurando-o junto, ele falou.

—Eu estou amaldiçoado. Minha família está amaldiçoada. Qualquer pessoa por quem realmente nos apaixonamos - se essa pessoa também se apaixonar por nós... eles morrem dentro de um ano.

A força do coração de Corbin batendo contra seu peito o deixou tonto, e a escuridão invadiu sua periferia.

—Eu não posso te tocar porque eu não posso deixar a maldição - o veneno - passar por cima de você. E eu não posso... Eu não posso nos deixar ficar juntos porque então e se nós... e se você...

—E se nós nos apaixonássemos.

Corbin mordeu o lábio e acenou com a cabeça. Parecia ridículo, colocado de forma tão direta. Que Alex pudesse amá-lo. Que Alex poderia escolher alguém errado, como ele.

—Suas tias lhe contaram sobre a maldição?

—Sim. Eu sei desde que era pequeno. O homem de tia Hilda, Davey, morreu na Marinha, dez meses depois de se apaixonarem. A esposa de tia Jade, Maria, era saudável até morrer de ataque cardíaco durante o sono, exatamente seis meses depois de se casarem. Meu pai morreu de aneurisma alguns meses depois de eu ter sido concebido. E muitos antes deles. Muitos e muitos. Todos eles morreram. Todo mundo morre.

As sobrancelhas de Alex estavam franzidas, mas não era julgamento ou desprezo, nem medo.

—Eu tentei quebrá-la, — Corbin disse, —Eu juro que realmente tentei. O que você disse naquele dia sobre o pão com gosto amargo... Eu ia cedo todos os dias e colocava toda a amargura, toda a mácula da maldição na massa e depois queimei. Eu pensei que talvez se eu pudesse tirar isso de mim, então eu

poderia finalmente... tocar-te. E então o óleo. O milagre. Eu repeti com o suf... Hum. Os donuts, e então eu os queimei no óleo em chamas. E então fiz boas - melhores - para você. Para, para reverter isso. Doçura por doçura.

Alex o estava observando atentamente e ele começou a falar, mas Corbin avançou. —Eu observei muito de perto para tentar ver os sinais - quaisquer sinais de que havia sumido. Ou que estava machucando você. E tentei ficar longe. Alex. Eu tentei tanto, eu prometo. Tentei ficar longe, mas não *consegui*. Nada jamais foi sentido como você se sentiu, e o cozimento, e eu simplesmente... — Ele abaixou a cabeça. —Eu queria tanto, — ele sussurrou. — Mesmo sabendo que estava colocando você em perigo. Eu tenho que ficar sozinho. Eu sei disso. Eu *sempre* soube disso. Foi tão bom por apenas um tempo, no entanto. Não ficar sozinho.

Silêncio pelo que pareceu uma eternidade, e Corbin não poderia olhar para Alex porque o mundo desabaria. Finalmente, ele sentiu Alex inspirar e expirar.

—A ideia de que se você amar alguém, se alguém te amar, então eles morrerão, — Alex disse finalmente. —Esse é um pensamento realmente assustador.

Corbin acenou com a cabeça, aliviado por ter entendido o risco, a ameaça, mesmo quando seu coração quebrou novamente. Ele se aninhou no sofá, os joelhos contra o peito, como um inseto, e tentou ficar menor. Tentou envolver-se em torno da coisa quebrando dentro dele e segurar as peças juntas.

—Corbin. — A voz de Alex era dolorosamente suave e Corbin fechou os olhos com força contra a resignação que ouviu ali. —Há um problema, no entanto.

O medo passou por ele e ele se sentou ereto. Alex já podia sentir um pouco do veneno abrindo caminho desde o momento em que se beijaram? — O que? O que é isso? O que há de errado?

—O problema é que mesmo que você não toque, mesmo que esconda as coisas, mesmo que não saia para jantar ou ao cinema, os sentimentos continuam lá. Porque o amor não vive em beijos e flores e primeiros encontros. Vive em sua mente, em seu coração. O problema é que eu já te amo.

Uma vez, quando criança, Corbin estava correndo escada acima e tropeçou no tapete. Sua cabeça bateu no corrimão e ele caiu no chão, atordoado, incapaz de entender as palavras de suas tias pairando sobre ele.

Ele se sentia assim agora. Alex estava olhando para ele, a boca de Alex estava se movendo. Mas tudo depois do *amor* era uma mancha.

Em seguida, Alex estava tocando-o, as mãos apertadas em seus antebraços, sacudindo-o suavemente. O mundo voltou ao foco e Corbin percebeu que a mancha eram lágrimas e era seu coração batendo tão forte em seus ouvidos que ele não conseguia ouvir mais nada.

Eles ficaram assim por um longo tempo, as mãos de Alex em seus braços, os olhos de Alex procurando seu rosto. Tempo suficiente para Corbin processar o que Alex disse antes de *amar você*.

Ele percebeu que Alex estava absolutamente certo. O amor não vivia em beijos e primeiros encontros, mas em sua mente e coração. Do jeito que uma pessoa pode vir morar ali, sem ser convidada, sem nunca te tocar. Da maneira como você pensava, sonhava e desejava a respeito deles, maldição se dane - porque, embora você pudesse escolher não *agir de acordo* com os sentimentos, o coração não conhece outra lógica senão a sua.

Ele agarrou Alex, e em seu movimento, Alex veio até ele, pressionado contra ele, os dedos movendo-se suavemente, mas as mãos firmes o suficiente para segurá-lo.

—Diga-me —, disse Alex. —Conte-me tudo.

—Eu não queria que isso acontecesse, — ele sussurrou. —Eu ia ficar sozinho. Esse era o plano. Eu... eu sempre soube disso. A maldição é forte, mais forte do que qualquer coisa. Mas então eu vi você e você me tocou, e me senti como as tias sempre descreviam.

—Como se sentiu? — A voz de Alex era uma carícia, seu rosto era tudo que Corbin podia ver. Alex apagou tudo.

—Como a coisa certa. Só que eu não sabia o que era certo. Como mágica. Só eu sabia que não era. Gostar. Como se tudo estivesse me apontando para você. Exceto por que seria, por causa da maldição. — Ele balançou sua cabeça.

Isso era o que ele vinha lutando para entender desde o início. Se eles fossem amaldiçoados, por que os sinais o levariam à pessoa que poderia ativá-la? A única explicação era que o universo, em vez de ser indiferente, ou gentil, desejava que ele sofresse. E Corbin não conseguia acreditar nisso. Não foi o que ele já conheceu. O céu e as árvores e a grama e as estações - não, o universo não era vingativo. E Corbin era tão pequeno.

Mas se não, então... o que?

—Por que você foi amaldiçoado? — Alex perguntou. —Alguém fez isso? Receio não saber muito sobre isso.

—Não. A maldição foi um desejo de amor que ricocheteou, formou-se em torno do desejo e o torceu do avesso. Você não pode desejar coisas assim. Você não deve desejar nada, a menos que saiba o que está fazendo.

—Suas tias te disseram isso.

—Sim. Mas todo mundo sabe disso. Você não pode mexer nas entranhas do universo sem soltar coisas que você não pode controlar.

—Então, com o cozimento, você estava tentando sugar a energia da maldição aos poucos, em vez de mexer? — Corbin acenou com a cabeça. —Isso é inteligente. E você achou que funcionava, mas então entrou em pânico. Caso não tivesse?

Corbin acenou com a cabeça novamente. —Você acredita em mim.

—Eu acredito em você absolutamente —, disse ele. —Eu acredito que suas tias te disseram isso, eu acredito que seus amantes morreram. Acredito que você passou todos esses anos sozinho. Pensando que você sempre estaria sozinho. Que... —Alex respirou fundo e deixou cair sua testa nos joelhos dobrados de Corbin por um momento. —Isso parte meu coração, Corbin. Mas a própria maldição? Não tenho certeza.

Corbin inclinou a cabeça em questão.

—Eu nunca pensei sobre isso antes —, disse Alex. —Não tenho certeza se o mundo que experimentei é um mundo onde as maldições são tão iguais... baseado em regras como o que você está descrevendo. — Ele parecia pensativo. —Mas certamente conheci pessoas que tiveram uma sorte terrível. Eles poderiam fazer as mesmas coisas que eu e acabar com resultados muito piores. Eles foram terrivelmente azarados no amor. As coisas em suas vidas desmoronaram sem motivo aparente. E eu conheci pessoas que eram o oposto. As coisas simplesmente aconteciam para eles, sem que sequer tentassem.

Ele pegou as mãos de Corbin e correu seus polegares sobre os nós dos dedos de Corbin.

—Quem pode dizer qual é a diferença entre má sorte e uma maldição, ou boa sorte e uma bênção? Eu realmente não sei.

De algum lugar lá fora, um pica-pau bateu três vezes, depois mais três. Uma tora se partiu ao meio no fogo, enviando faíscas para cima. E Corbin começou a chorar.

Ele nunca teve vergonha de chorar, mas também não era algo que fazia na frente de outras pessoas. Agora, porém, ele olhou nos olhos de Alex e chorou.

Corbin se viu erguido em braços fortes e se acomodou no colo de Alex enquanto Alex se sentava novamente. Os braços de Alex estavam apertados ao redor dele, e ele chorou no peito de Alex. Ele chorou por muito tempo.

Ele chorou porque a realidade se abriu e por dentro havia outra realidade em vez de nada. Ele chorou porque ninguém nunca havia tentado entendê-lo antes, e Alex estava tentando. Ele chorou porque mesmo que Alex não acreditasse que a maldição era real, ele acreditava que era verdade para Corbin. Ele chorou porque talvez, depois de uma vida inteira vivendo dentro de si mesmo, ele não precisasse ficar tão sozinho.

Ele chorou até ficar exausto. Então Alex o pegou e o levou para cima, abrindo a porta de seu quarto e entrando como se tivesse todo o direito de estar lá. O ar estalou e acordou, e Corbin podia sentir, embora seus olhos estivessem quentes e inchados, quase fechados.

—Vá dormir, baby, — Alex murmurou. —Vamos resolver tudo amanhã.

Os dedos do sono agarraram-se a ele. Mas enquanto o calor de Alex diminuía, Corbin estava bem acordado. —Não! — Ele estendeu a mão para Alex, puxou sua manga até que ele se sentou na cama. —Não saia. Estou... estou com medo se você for embora...

—O que?

—Você nunca mais vai voltar.

Alex escovou o cabelo para trás. —Eu nunca faria isso. Mas é claro que vou ficar. Você quer que eu fique aqui com você, ou lá embaixo?

O fato de Alex nem mesmo sugerir que ele poderia dormir no quarto da tia Jade ou da tia Hilda fez o coração de Corbin zumbir.

—Aqui. — Ele sussurrou. Se a maldição atingisse os calcanhares de Alex e o arrastasse para baixo, certamente não seria dormir um ao lado do outro que acionaria a armadilha? E Corbin não tinha energia sobrando para tomar todas as precauções.

O sorriso de Alex era tão suave, tão íntimo, que Corbin corou e desviou o olhar.

Corbin começou a desfazer seu jeans, mas então congelou, com a mão no zíper.

—Você não dorme de pijama, hein? — Alex disse com um sorriso agradecido. —Bem, eu certamente não me importo. Mas talvez queiramos usar roupas íntimas e camisetas, apenas na primeira vez.

Corbin acenou com a cabeça, aliviado. Ele queria tocar Alex, mas a ideia de toda aquela pele... Ele estremeceu. Era muito perigoso. Por causa da maldição, e por razões que ele não estava pronto para processar.

Alex abriu sua cômoda e remexeu, tirando uma camiseta branca limpa. —Aqui, — ele disse. —Você quer que eu me vire?

Corbin corou, mas ele balançou a cabeça. Em sua mente, Alex o tinha visto fazer isso centenas de vezes. A ideia dos olhos de Alex sobre ele fez seu sangue ferver. Ele tirou o suéter de lã e a camisa térmica por baixo lentamente, expondo a pele do estômago e do peito para o olhar de Alex. Ele a puxou pela cabeça e a deixou cair ao lado da cama. Ele viu Alex engolir em seco.

Em seguida, abriu o zíper de sua calça jeans e deslizou para fora de seus quadris, sobre as coxas, desceu pelas pernas e caiu no chão. Em seguida, suas meias.

Corbin se sentou na cama, nu, exceto por sua cueca, e observou Alex observá-lo, procurando no rosto do outro homem por algum sinal de que ele estava satisfeito com o que viu.

Alex limpou a garganta e ajustou seu jeans, e quando Corbin olhou para baixo, ele tinha todo o sinal de que precisava. Ele sentiu uma onda de poder na excitação de Alex. Ele puxou a camiseta branca limpa pela cabeça e colocou as pernas nuas sob as cobertas. Alex nunca tirou os olhos dele.

—Eu não acho que minhas camisas vão caber em você, mas você pode tentar.

Alex balançou a cabeça como se estivesse atordoado e voltou para a gaveta. A visão de suas mãos tocando todas as coisas de Corbin acomodou-se confortavelmente no estômago de Corbin. Finalmente, ele encontrou uma camiseta regata branca. Olhando de volta para Corbin, ele desabotoou sua própria camisa e a deixou cair no chão. Então ele desabotoou seu jeans e o tirou. Ele parou diante de Corbin, deixando-o olhar. Era justo.

Corbin observou seu peito e ombros largos, suas grandes costelas e os músculos arredondados de seus braços e peito. A extensão de pele lisa e pelo castanho claro em um rastro em seu estômago. Ele tinha coxas grossas e poderosas e uma leve suavidade em seu estômago que fez Corbin querer descansar sua bochecha ali. Ele parecia maior sem roupas, mais imediato.

Uma vez que Alex puxou a blusa, que se esticou em todo seu corpo maior, Corbin estendeu a mão para ele e o ar zumbiu enquanto eles se aproximavam. A repentina *presença* de Alex em sua cama fez Corbin se encolher para trás.

—Eu nunca dormi na mesma cama que ninguém. — Ele disse suavemente.

Alex parecia estar tentando dizer coisas e rejeitando cada uma delas. Finalmente, ele apenas se inclinou e beijou Corbin na bochecha, lábios como a pressão de um polegar nos biscoitos recheados que eles fizeram na semana anterior. Isso fez seu coração disparar e seu peito se apertar, e tudo o que ele conseguia pensar era *tanto, isso é demais, é demais.*

—Você está bem? — Alex perguntou.

—Acho que sim. Estou impressionado. Isso é muito.

Então, com a súplica que pôde ler nos olhos de Alex, ele tentou encontrar as palavras. Ele nunca precisou delas antes. Nunca teve que se explicar, porque as tias já sabiam e outras não ligavam. Nunca teve que se fazer entender porque Carbon, Jasmine, Lex e Finnian já entendiam. Claro que sim; eles eram ele. E Lobo era Lobo, mas Lobo não usava palavras de qualquer maneira.

—Eu sempre soube que estaria sozinho, — Corbin disse, tentando desvendar os fios de pensamento que estavam emaranhados, pairando fora de alcance. —Eu sempre soube disso, então apenas criei maneiras de me fazer companhia. E isso tornou tudo melhor. Mas agora você está aqui e você é... real, de uma forma que não é exatamente.

—As pessoas em seu caderno. Os que você desenha.

—Sim. Eu... Você acha isso estranho.

—Não, eu acho você um artista incrível e faz sentido que a arte seja o meio que você usaria para se conectar com as pessoas. Os padeiros cozinham, os escritores escrevem e você desenha. Cada um de nós coloca algo de si mesmo em nosso trabalho.

Corbin piscou lentamente. *Está certo.*

—Eu não entendo porque você é tão diferente de todo mundo, — Corbin disse. —Eu não entendo por que você não acha que eu sou uma aberração. Ora, mesmo que você não acredite que tudo seja real, você pode me ver tão claramente.

—Não sei se sou tão diferente. Talvez muitas pessoas por aí tenham seus próprios Corbins. Eles simplesmente não são você. — Corbin ficou quieto, digerindo isso. —Quando me mudei para Nova York, eu ficava na janela do meu apartamento e olhava para as dezenas de arranha-céus que eu podia ver. Cada um deles tinha centenas de janelas, e atrás delas havia centenas de pessoas vivendo vidas completamente singulares, assim como eu. E esses eram apenas os edifícios que eu podia ver da minha janela. Em toda a cidade havia milhares de edifícios iguais a ele. Mais, talvez. São tantas pessoas. Muitas possibilidades. Tantas maneiras de experimentar o mundo.

Alex encolheu os ombros e colocou o cabelo de Corbin atrás da orelha.

—Eu realmente não acredito que haja uma alma gêmea destinada para cada pessoa, — ele continuou. —Mas eu acho que com números como esses, é provável que não importa em que você acredite ou quem você seja, haja alguém lá fora - provavelmente muitos alguéns - que poderiam ver você claramente. Quem poderiam entender você e se preocupar com você. Quem poderia amar você.

Se Corbin já não tivesse chorado até os ossos lá embaixo, ele pensou que poderia chorar com isso. Sua garganta se apertou ao invés. —Você realmente pensa assim.

—Sim. Você não tem que ficar sozinho, Corbin. Não só porque estou aqui. Eu *estou* aqui, — ele enfatizou severamente, dedos possessivos no ombro de Corbin. —Mas você vai ter uma vida inteira, e muitas pessoas vão cuidar de você. Eu sei isso.

—Como? — Corbin sussurrou.

Alex se inclinou e beijou sua boca, suave e persistente.

—Eu simplesmente sei, baby.

Capitulo 16

Os sonhos de Corbin foram para cima entre as estrelas - pontinhos de luz e galáxias voando - e então eles estavam na terra - mudas brotando em flor, emaranhados delicados de raízes rastejando para baixo na terra. Os sonhos de Corbin eram ar e terra, um equilíbrio que ele raramente sonhava.

Quando criança, Corbin frequentemente assistia Bethesda, uma gata fofa, adormecer em um círculo perfeito de sol, sua cauda enrolada em volta dela, e pensava que ela devia ser a coisa mais confortável viva.

Esta manhã, com o sol pálido de inverno entrando pela janela aberta, Corbin meio acordou pensando em Bethesda, porque ele estava abraçado por braços musculosos, sua cabeça enfiada sob um queixo barbudo e seus membros espalhados na cama, fazendo ele se sentir como se tivesse derretido. Sua cabeça estava confusa e sua respiração regular e ele fez um som em sua garganta como se estivesse tentando ronronar.

Os braços ao redor dele se apertaram e ele acordou.

Alex Alex Alex.

Alex acariciou seu cabelo e resmungou baixinho antes de dizer: —Mmm, bom dia.

Corbin fechou os olhos com força e os abriu novamente para verificar.

—Você é real.

Ele sentiu Alex pressionar cada parte dele, virando-o para que se encarassem.

—Sim, eu sou real.

O rosto de Alex estava relaxado de sono, os olhos semicerrados, o cabelo despenteado, os lábios ligeiramente rachados. Ele colocou um braço sobre a cintura de Corbin e o arrastou tão perto quanto eles haviam sido tocados antes.

—Você está em toda parte. — Corbin murmurou, surpreso, e ele sentiu o gemido de Alex estrondear em seu peito.

—Sim, bem. Estou bem onde quero estar.

Ele traçou a boca de Corbin com a ponta do dedo, e Corbin deixou seus olhos se fecharem.

Ele deve ter voltado a dormir, porque a próxima coisa que soube foi que acordou com a cabeça no peito de Alex e o braço sobre o estômago de Alex.

—Você acordou?

Corbin abafou um barulho no ombro de Alex, então lentamente abriu os olhos. Estava ensolarado lá fora e ele estava perfeitamente aquecido com o calor de Alex ao seu redor.

Ele se sentou ereto. —Estamos atrasados! Que horas são?

—Está tudo bem, Hector vai trabalhar hoje.

—Eu devo trabalhar hoje. — Sombras de todos os empregos dos quais ele foi demitido brincavam em sua mente. Eles sempre foram piores do que aqueles que ele simplesmente parou de ir porque os sinais diziam que deveria.

Alex agarrou seus ombros enquanto tentava rolar para fora da cama.

—Ei. Ainda temos muito que descobrir. Por favor, tire hoje de folga.

—Eu- você não quer que eu vá? — Ele perguntou. Ele queria que Alex dissesse sim, queria ficar aqui, quente e seguro.

—Eu quero que você faça isso. — Disse Alex, e isso fez tudo certo.

Corbin acenou com a cabeça e se deixou ser puxado de volta para a cama.

—Tenho muitas perguntas —, disse Alex. —Eu não quero sobrecarregar você, ou ser intrusivo. Sei que às vezes posso parecer que estou dando uma ordem ou algo assim quando estou realmente pedindo. Algo na minha voz, eu acho. As pessoas sempre disseram isso.

Corbin engoliu em seco com um nó na garganta e olhou para o edredom, de repente intensamente ciente dos olhos de Alex nele.

—A menos que... — A voz de Alex ficou mais aguda. Ele se apoiou em um cotovelo, então ele estava olhando para Corbin, mas manteve sua expressão neutra. —Você gosta quando estou dando ordens. Você gosta quando eu te oprimo.

Corbin piscou rapidamente, todo o sangue correndo de sua cabeça.

—Você gosta. — Disse Alex.

Corbin fechou os olhos com força. Era demais. Era muito de tudo que ele sempre quis de uma vez, e ele sentiu que poderia voar em pedaços.

—Corbin, abra seus olhos. — Alex infundiu comando em sua voz e Corbin abriu os olhos. —Está bem. É muito bom saber disso. Voltaremos a isso em breve.

Alex desceu as escadas em sua cueca para fazer café, e Corbin vagou. Ele fechou os olhos e procurou outros sinais. Cheiros e sons eram mais confiáveis do que visões em momentos como aquele.

Mas fora de sua janela as coisas estavam paradas, sons abafados, cheiros em branco. Ele caminhou até a janela, tremendo, e olhou para um mundo branco. O sol brilhava, mas o solo, as árvores e o carro de Alex estavam cobertos por trinta centímetros de neve.

Uma nova nevasca é uma tábula rasa, perfeita para trocar verdades.

Um braço envolveu seu estômago e ele se assustou, mas Alex o segurou e o firmou.

—Bem, olá, Michigan. — Alex disse, a respiração bagunçando o cabelo de Corbin.

—É tão bonito.

Eles voltaram para a cama e Alex colocou uma caneca de café em sua mão. Corbin deu um gole, a amargura terrena do café um bem-vindo sacudir de volta à realidade.

—Você tem perguntas. — Disse ele.

Alex o estudou, então passou a mão pelo cabelo. —Você sabe o que? Não se preocupe. Eu me precipitei. Não temos que descobrir tudo hoje. Temos muito tempo. Vamos apenas conversar, ok?

Corbin acenou com a cabeça. Ele não tinha certeza se se sentia aliviado por estar fora do gancho ou desapontado por não ter tudo arrancado dele de uma vez por todas.

—Você disse que começou a desenhar seus amigos no caderno porque eles faziam você se sentir menos sozinho. — Corbin acenou com a cabeça. — Você já teve outros amigos? Amigos da vida real. Ou amantes?

—Isso é só conversa. Parecem perguntas.

—Bem, falar pode incluir perguntas. — Disse Alex timidamente. Corbin revirou os olhos.

—Na verdade não. Tive alguns amigos quando era pequeno. Eu os veria no parque ou correndo na floresta. Mas quando ficamos um pouco mais velhos e eles sabiam onde eu morava... As pessoas achavam que as tias eram... — *Loucas, bruxas, feiticeiras, demônios, criminosas.* —Assustadoras.

—Por quê? — Alex perguntou gentilmente.

—Porque elas pareciam um pouco assustadores para as crianças, eu acho. Elas eram gêmeas e iriam se vestir da mesma forma. Mas a boca de tia Jade estava toda torcida por causa de uma cicatriz, e quando ela sorria, parecia

errado. Tia Hilda não gostava de fazer contato visual. Ela via o futuro deles quando olhava em seus olhos, e ela não queria ver.

—E você já teve amantes?

Corbin sentiu o sangue correr para seus ouvidos novamente, oceânico e ensurdecedor.

—N-Não, N-Não exatamente.

—Você pode me dizer mais? — Alex deslizou a mão em seu ombro e apertou, e Corbin tomou um gole de seu café muito rápido e tossiu.

—Algumas vezes as pessoas me perguntaram. Homens. Me perguntaram. Mas eu não os queria. Eu não queria que eles me tocassem.

O homem magro de cabelos escuros sentado com sua esposa fora do cinema, segurando sua filha pequena. Os olhos do homem vasculhando o rosto e corpo de Corbin. A luxúria ali. Lá dentro, no banheiro, Corbin lavando as mãos e o homem entrando, fechando a porta atrás dele. Chegando tão perto, Corbin podia sentir o cheiro dele - amaciante de roupas, leite e vergonha. *Quer?* E Corbin dizendo *não*. Abrindo a porta e saindo para a luz do sol, porque o escuro do cinema deixava muito espaço para se perguntar.

—Você disse 'não exatamente'. — Alex pegou sua mão. —O que isso significa?

—Não sei se devo dizer a você. Não sei se é o tipo de coisa que as pessoas falam.

—Eu quero saber tudo.

Corbin engoliu em seco. —Eu faço sexo... comigo mesmo. Mas eu, hum. Uma das pessoas que desenho no meu caderno. Finnian. Ele... Nós fazemos sexo. Eu imagino que ele me diga o que fazer, e então eu faço.

A mão de Alex apertou seu ombro.

—Você faz assim porque gosta que ele lhe diga o que fazer?

—Sim. É exatamente o que sempre imaginei. Eu-Ele se senta lá. — Ele apontou para a cama onde Alex estava sentado. —E ele me diz como, hum. Como me tocar. O que fazer. Quando...

—Quando vir? — A voz de Alex estava baixa, e Corbin lançou um olhar para o colo de Alex. Sua cueca estava estourada.

Corbin acenou com a cabeça. —É... Você acha isso estranho.

—Eu acho isso absurdamente quente. — Alex se aproximou. —Como ele joga com você, Corbin? O que ele obriga você a fazer? —=

Corbin não conseguia respirar fundo. —Depende. Às vezes ele faz demorar muito, me faz me tocar suavemente até eu estar...

—Implorando. — Alex rosnou.

—Sim. Às vezes ele me tem, hum...

—Ele faz você se foder, baby? Com os dedos ou com um brinquedo?

Um gemido quebrado escapou da garganta de Corbin. —Sim. — Ele sussurrou.

—Você gosta quando ele te faz foder? — A voz de Alex era baixa e hipnótica e arranhou a pele de Corbin.

—Sim. — Ele engasgou.

—O que você pensa enquanto ele está fazendo você se foder? Você imagina que ele está te fodendo?

O coração de Corbin estava batendo tão rápido que ele estava com a cabeça leve, e por baixo das cobertas, ele estava duro como uma rocha.

—Não, eu... Oh Deus. Eu... Eu não quero te dizer.

—Por quê?

—Porque temo que seja estranho. Tudo sobre mim é estranho. E se eu fizer isso estranho também e não souber disso.

Alex colocou a mão no peito de Corbin, os dedos abertos e a palma pressionada contra seu coração. Ele empurrou um pouco, e Corbin caiu de costas na cama.

—Quero que você imagine que não existe estranho. Você sabe o que eu mais quero? — Corbin ouvia com mais atenção do que nunca. —Eu quero saber *tudo*. Você entende? Quero saber tudo que você fantasia, tudo que te faz bem, tudo que você deseja. Não há nada que você possa dizer que me faça pensar que você está fazendo isso errado. Você acredita em mim?

Ele acreditava que Alex falava sério, mas não acreditava muito que pudesse ser verdade. *Foi isso que Alex disse ontem à noite*.

—Vou tentar.

Por isso, ele recebeu um beijo na bochecha, e Alex se aproximou, apoiando-se ao lado de Corbin. —Diga-me o que você imagina quando ele está fazendo você se foder. Diga-me o que você pensa.

Corbin fechou os olhos. —Eu... Às vezes imagino que minha mão pode alcançar todo o meu interior. Que meus dedos cresçam como raízes de árvores por todo o meu corpo, se enrosquem em meu coração e alcancem minha garganta e... tome-me por dentro.

Alex sussurrou, —Jesus, — e Corbin fechou os olhos com mais força. — O quê mais?

—A mesma coisa quando imagino que seja uma pessoa. Ele me fez usar um brinquedo... um vibrador ou... E imagino...

—Você imagina que é um pau dentro de você? Bem dentro de você, enchendo você?

Corbin choramingou e acenou com a cabeça. —Sim, e - e ele se expande até estar em toda parte e eu não consigo respirar e não consigo pensar e é apenas *isso* dentro de mim e nunca para.

—Corbin, porra, o que mais?

—Eu, ultimamente, bem. Transformou-se em você. — Ele disse a última frase em um sussurro, mas ele sabia que Alex ouviu porque ele gemeu e encostou a testa no ombro de Corbin.

—Abra seus olhos.

Corbin piscou seus olhos abertos.

—É a coisa mais quente que já ouvi na minha vida. Eu não posso nem te dizer o quão excitado estou agora.

—Eu também.

—É apenas uma fantasia? Ou você quer que eu te foda? Eu farei o que você quiser. Ou não podemos fazer nada.

A cabeça de Corbin estava girando. Ele queria que Alex o fodesse? O pensamento sozinho praticamente o fez girar de desejo. Mas quando ele pensava em Alex tão perto dele - *dentro dele - e* se a maldição... e se isso *fizesse* algo para eles. Matá-los ou ricochetear, como fazem as maldições, e transformar o amor em ódio, o desejo em repulsa? Essas coisas costumavam acontecer com maldições.

Os pensamentos ricochetearam na mente de Corbin até que ele percebeu que alguns minutos se passaram e ele não respondeu a Alex.

De repente, ele viu uma solução alternativa.

—Eu quero isso. Muito. Mas talvez ainda não. E se... você gostaria de... fazer o que Finnian faz?

Ele arriscou um olhar para Alex. Os olhos de Alex se fecharam por um momento e, quando se abriram, Alex parecia que estava prestes a consumi-lo.

—Eu gostaria de lhe dar ordens e dizer como se tocar enquanto eu assisto? *Foda-se, sim.*

Corbin relaxou. —Eu imaginei isso.

—Você me imaginou dizendo como se foder? — Alex passou a mão pelo queixo. —Isso é... surpreendente. Isso é incrível. Você vai ter que me avisar se eu puder entender alguma sugestão de sua versão fantasiosa de mim.

—Não. Eu quero você de verdade.

—Ok baby. — Alex se inclinou e beijou sua boca. —Acho que não posso tocar em você neste cenário, hein.

—Não, você não pode.

—De modo nenhum? — Alex beijou a pulsação no pescoço de Corbin, e Corbin se sentiu engolfado por uma nuvem de luxúria. Alex sugou no local e Corbin engasgou, então o empurrou.

—Você - você não pode. É assim que funciona.

O sorriso de Alex era perverso quando ele se inclinou para trás, mas seus olhos permaneceram no pescoço de Corbin, claramente fazendo planos para quando ele pudesse tocá-lo.

—No que estou trabalhando aqui?

Corbin abriu a gaveta da mesa de cabeceira e Alex olhou através dos dildos, vibradores, plugues e contas.

—Oh, Corbin. — Ele murmurou, meio ameaça e meio adoração, e de repente Corbin estava tremendo de necessidade. Alex nem o estava tocando, mas ele podia sentir a sensação zunindo por seu corpo, como se a eletricidade pulasse de uma terminação nervosa para outra.

—Diga-me o que você não quer que eu faça.

Ele não conseguia imaginar uma única coisa que não faria se Alex pedisse.

—Nada. Eu não sei. Nada.

Alex concordou. —Falaremos sobre isso mais tarde, ok? Apenas me diga se há algo de que você não gosta. Você poderia?

—Sim.

—Bom. Puxe as cobertas para baixo. Eu quero te ver.

Corbin puxou o cobertor para baixo, sua pele aquecendo sob o olhar de Alex. Alex o observou por um longo tempo. Não era o jeito que Finnian olhava para ele. Finnian o olhava como se estivesse se olhando no espelho. Alex olhava como se quisesse entrar.

—Deus, você é lindo. Feche os olhos se quiser. Deixe sua mente ir aonde ela quiser.

Com isso, Corbin sabia que estaria tudo bem, e ele deixou seus olhos se fecharem.

—Levante sua camisa e toque seu estômago. — Por um momento, Corbin parou, porque era assim que Finnian frequentemente começava. Então ele sorriu. Finnian o havia preparado para isso, mesmo que ele não soubesse disso. Outra placa apontando diretamente para Alex.

Corbin deslizou a palma da mão para a pele sensível de sua barriga e estremeceu com seu próprio toque. Era mais intenso com Alex assistindo, como um ciclo de prazer. Ele se tocando, Alex olhando para ele se tocando, sentindo Alex olhando para ele.

—Toque seus mamilos. Aperte-os se quiser. Deixe-me ver.

Corbin beliscou seus mamilos, recuando para longe de seus dedos e então pressionando neles enquanto a dor e o prazer aumentavam e diminuíam. Quando as sensações inundaram sua pele, sua mente disparou.

Ele se viu perto do oceano, com a areia áspera sob suas omoplatas. Abrasivo. Ele podia ouvir o barulho das ondas e o sol brilhava intensamente no alto. Alex era o sol, ele percebeu, seu olhar afetuoso caindo sobre cada centímetro de sua pele.

—Alex —, ele sussurrou. —Eu entendo você.

—Bom. Eu estou bem aqui. Tudo o que você sente, isso vem de mim. Eu quero fazer você se sentir bem. Você quer isso?

—Sim. Por favor.

Sob o comando de Alex, Corbin se tocou. As pontas dos dedos correndo por sua garganta e descendo por seu estômago, quadris e coxas estavam soprando areia ao redor dele. Atrás de seus joelhos e nas dobras de seus cotovelos estava o oceano batendo nele. Uma mão enroscada em seu cabelo, puxando suavemente, era uma alga marinha envolvendo-o para mantê-lo no lugar.

Corbin ofegou, cada centímetro de sua pele sensibilizado pela areia, mar e sol.

—Você sabe o quão duro você já está? Você está vazando para mim, Corbin. Passe um dedo sobre a ponta do seu pau e sinta como você está molhado.

—Ohh. — Corbin gemeu, e estremeceu com o contato. Ele esfregou pequenos círculos sobre a ponta de sua ereção vazando, estremecendo de prazer.

—Se masturbe você mesmo. Muito devagar.

A mão de Corbin sobre si mesmo era o oceano, recolhendo-se no instrumento de seu prazer. O arrasto das marés e a força das ondas controlavam seus golpes, seu corpo afundando na areia úmida como se pudesse cobri-lo, envolvê-lo.

Os gemidos de Corbin eram os chamados de pássaros marinhos e o gemido de navios rangendo. A água que o acariciava era quente como sangue e cheia de sal, e quando Alex lhe disse para parar, ele pôde sentir o sol queimando seu rosto, o rubor vermelho brilhante se espalhando por seu peito, estômago e coxas como uma queimadura de sol.

—Aqui, pegue isso. — Algo foi pressionado em sua mão, duro e liso. O vibrador. Seu favorito. De alguma forma, Alex sabia.

—Eu quero que você ligue isso e provoque seu buraco com isso. — O sol sussurrou baixo em seu ouvido. Sol falando com areia e água. Corbin ligou e foram as vibrações da areia quando o chão tremeu com o trovão. Isso despertou cada nervo, provocou seus músculos até que ele sentiu as ondas suaves ecoando por dentro.

—Você quer dentro? — O sol perguntou.

—Oh Deus, por favor, por favor, por favor. — Corbin cantou. Cada pulso de vibração era uma onda atingindo a costa.

—Abra suas pernas para mim. — Quando Corbin fez isso, ele sentiu mais lubrificante escorrendo para o vibrador. —Agora, devagar. Pressione-o para dentro.

À medida que o comprimento o violava, as vibrações se intensificaram. Era uma tempestade no mar, o estrondo e o estilhaçar da água se tornaram sólidos o suficiente para machucar. Ele o pressionou dentro, cada vez mais fundo, até sentir as vibrações por toda parte.

—Mova-se para que seja bom —, disse Alex. —Eu quero ver você desmoronar.

Corbin se contorceu na areia, as solas de seus pés pressionando para baixo, seus quadris pressionando para cima, depois para trás, as coxas tencionando e relaxando. As vibrações pulsavam sobre sua próstata e um abismo se abriu dentro dele. Foi assim que o oceano entrou. Aqui, onde ele se sacudiu. Uma onda se enrolou em um ponto perverso e explodiu através dele, acariciando cada centímetro.

Ao longe, Corbin ouviu sons desesperados, sons quebrados, e percebeu que eles não eram o guincho de uma gaivota voando baixo, mas seus próprios gemidos necessitados enquanto o prazer o dominava.

Ele os formou em sentido e o que eles formaram foi —Alex, Alex, Alex.

—Você está seguro. Me diga onde você está. Diga-me o que você sente.

—Eu estou... Oh Deus... O oceano está dentro de mim. Você é o sol. Não, agora a lua, porque a lua controla as marés, e você faz as ondas. E as ondas me fazem sentir tudo. — Corbin engasgou quando o mar se moveu mais fundo dentro dele, pressionando ainda mais contra a costa.

—O que mais, baby?

—É - é tão profundo. Eu posso sentir a maneira como ele se separa e rola de volta e - oh Deus, oh Deus, eu - Cada vez que ele volta junto está mais fundo dentro de mim.

—Onde está agora ?— Alex ronronou.

—Isto... Eu não - está totalmente dentro da minha - minha bunda e pressionando meu estômago. O oceano pode ir a qualquer lugar, nunca para. Isso... *foda-se* mmmm... não posso, não sei o que vai fazer.

—Aumente. — Sussurrou Alex.

E então o mar o separou. Isso o atingiu e o fez em pedaços como uma concha.

—Está no meu peito, — Corbin engasgou. —Quer passar *por* mim. — Corbin sentiu seu pau queimar, inchado e quente, uma marca contra seu estômago à beira de entrar em erupção. —Oh Deus, Alex, por favor, eu posso...

Ele sentiu a respiração de Alex em seu pescoço. —Ainda não. Ainda não. Só mais um pouco.

Corbin choramingou enquanto as ondas se torciam dentro dele e seus quadris balançavam enquanto ele era fodido direto. Seu corpo inteiro tremia

com a necessidade de liberação, embalado na areia, inundado pelo oceano, raspado em espinhos pelo vento.

—Eu preciso... Por favor, por favor, por favor. — Corbin implorou, não tendo certeza se ele estava implorando por libertação ou aniquilação, ou se eles eram a mesma coisa.

A areia se moveu ao lado dele e ele sentiu Alex perto.

—Alex... Oh Alex, está na minha garganta. —Ele sussurrou, então sua voz foi abafada por respingos salgados.

—Deixe o mar levá-lo onde ele quiser. — Alex sussurrou. Então Corbin sentiu uma mão em sua garganta, do lado de fora, onde o mar pulsava abaixo. Alex apertou suavemente e Corbin estremeceu e engasgou. Pressão externa e interna, até que ele foi pego entre as ondas como madeira flutuante. Sons quebrados sufocaram dele e ele se contorceu na areia.

—Venha para mim agora.

Um dedo de alga marinha bateu na ponta de seu pênis dolorido, deslizou para dentro, em seguida, envolveu-se ao redor da cabeça, apertando, e Corbin se foi.

A onda o atingiu, abrindo-o para uma força de prazer tão antiga e inexorável quanto as marés. Ele se agarrou com isso, pulso após pulso irrompendo dele, onda após onda dentro dele, aperto após aperto ao redor dele. Ele foi deixado na praia, torcido e seco, seus membros tremendo e sacudindo com solavancos prolongados. Ele via apenas escuridão e ouvia apenas o bater das ondas, e em sua boca havia sangue quente e salgado.

Então o sol o eclipsou, o sufocou e tomou sua boca em um beijo ardente. Uma mão pressionou o oceano de volta para dentro dele para um respingo final de vibração, e ele foi virado do avesso, arfando com outra grande onda de prazer que o rasgou quando o sol se deu a conhecer.

Lentamente, o mar recuou. A praia estava tranquila, o sol um brilho quente. Cada membro estava relaxado, seus músculos derretidos. Beijos suaves, como borboletas, pousaram em suas bochechas e ele piscou e abriu os olhos.

Ele estava em sua cama, pele corada, cabeça girando, Alex olhando para ele como se estivesse assistindo algo incrível.

Eles piscaram um para o outro por alguns segundos.

—Você me tocou. — Corbin disse, mas saiu raspando.

—Eu trapaceei —, disse Alex, sua própria voz áspera também. —Na verdade, não consegui me conter. Eu tentei.

Corbin sorriu fracamente. —O sol me tocou.

—O que?

—Foi... Você gostou... Tudo bem? — Corbin perguntou.

Os olhos de Alex queimaram. —Essa foi a coisa mais sexy que eu já experimentei. — Ele gesticulou para sua virilha, e os olhos de Corbin se arregalaram ao ver a frente encharcada de sua cueca. Isso o fez queimar com um tipo diferente de calor.

Ele estendeu a mão hesitante, e Alex deslizou rente contra ele.

—Você estava tão lindo, — ele murmurou. —E sua mente. É linda. — Alex escovou o cabelo para trás. —Você refaz o mundo cem vezes por dia.

Capitulo 17

Corbin correu um dedo pelo braço de Alex, que foi jogado sobre suas pernas. Eles estavam sentados no tapete da sala, encostados no sofá, em frente ao fogo. Eles estiveram lá quase o dia todo, e Corbin não achava que ele já tinha falado tanto em um momento de sua vida. Sua voz estava ficando rouca de tanto uso, mas as palavras vinham cada vez mais facilmente.

Eles falaram sobre o pai de Alex, e o que Corbin lembrava de sua mãe. Sobre que outros tipos de sinais Corbin viu e que outras histórias suas tias lhe contaram. Sobre como Alex conheceu Gareth e os lugares que ele viajou. Sobre os sonhos de Corbin e seus cadernos.

Corbin se sentiu como uma fechadura enferrujada que finalmente encontrou sua chave.

—Quando você saiu da escola e não voltou, foi só porque suas tias morreram? Ou por causa daquela orientadora?

—Depois que minhas tias morreram, perdi tempo. Mas também não havia razão para voltar. Eram elas que teriam problemas por não me mandar para a escola.

—A escola não tentou entrar em contato com você?

—Eu disse a eles que me mudei para morar com a família. —Corbin encolheu os ombros. —Não foi muito difícil. Era uma grande escola.

—Lembro-me de quando você foi embora porque as pessoas contaram histórias malucas sobre isso.

Corbin se recostou no ombro de Alex. Ele podia imaginar os tipos de histórias que as pessoas fariam.

A neve não derreteu e mais caiu ao longo do dia. Agora, quando o sol começou a se pôr, o chão branco começou a brilhar em um azul assustador. Houve um gemido de fora e Corbin se levantou.

—Lobo. — Ele sussurrou no frio. Lobo, Galho e Dreidel estavam correndo em sua direção, correndo em volta um do outro com a alegria da companhia e da neve.

—Finalmente frio o suficiente para entrar? — perguntou ele a Lobo, mas Lobo apenas deu uma patada na neve e latiu uma vez. Galho e Dreidel entraram, deixando marcas de patas molhadas na madeira. —Tem certeza?

Lobo latiu mais uma vez, e se acomodou ao lado da porta, postura expectante, olhos azuis observando Corbin.

—Eu acho que posso ter quebrado a maldição, — Corbin sussurrou no ouvido adornado de Lobo. —Eu posso conseguir manter Alex. Talvez.

Lobo encostou a cabeça em Corbin, aninhando-se nele. Corbin podia sentir a satisfação quente e silenciosa do animal em seu nome.



Pelos próximos dias, Corbin não conseguia se concentrar no trabalho. Cada vez que Alex se aproximava dele, o açúcar se transformava em sal, a farinha em amido de milho. Quando Alex deu um beijo furtivo em seu cabelo, as claras coalharam. Quando Alex colocou um braço em volta de seus ombros e o puxou para perto, o chocolate pegou. Tudo o que ele conseguia

pensar era em Alex em sua cama na manhã seguinte ao jantar de Chanucá, e como seria quando ele colocasse Alex em sua cama novamente.

Gareth entrou na cozinha na hora do almoço para deixar as chaves do carro de Alex e ficou na porta olhando para elas.

—Uau. A vibração aqui é tão intensa que sinto que vou engravidar se ficar. Hum, Alex, é legal se talvez eu tenha a casa para mim esta noite?

Alex ergueu uma sobrancelha.

—Corbin, isso significa que ele teria que ficar com você. — Gareth disse quando Alex permaneceu em silêncio.

—Você pode ficar comigo. — Corbin disse. Seu coração começou a bater forte ao pensar no que poderia acontecer e a manteiga que ele estava criando derretesse.

Assim que Gareth saiu, Alex colocou a mão em seu ombro. —Eu não tenho que ficar se você não quiser. Essa foi uma tentativa imprudente da parte de Gareth de interpretar o ala.

Corbin não sabia o que isso significava, mas ele já estava corando com o quanto ele desejava que Alex fechasse o espaço entre eles e o beijasse.

—Você sabe como está olhando para mim agora? — Alex rosnou. —Isso está me dando certeza de que você está bem comigo ficando aqui.

—Eu quero que você me beije. — Corbin disse, e observou os olhos de Alex escurecerem.

—Você pode me beijar, você sabe.

—Eu sei. Mas eu quero que você me beije.

—Seu desejo é uma ordem. — Alex murmurou.

O beijo começou docemente, Alex se inclinando e segurando a bochecha de Corbin. Mas quando Corbin tocou sua língua na de Alex, eles se encontraram esmagados, bocas se movendo desesperadamente.

Corbin se afastou primeiro. Ele podia sentir o cheiro do pão no forno começando a queimar com o calor adicionado.

—Estamos quase terminando? — Corbin perguntou. Eles precisavam queimar parte da tensão entre eles ou eles estragariam tudo na cozinha.

—Eu nunca vou terminar com você. — Disse Alex, parecendo quase chocado com suas próprias palavras.

—Com trabalho, quero dizer. Estamos bagunçando as coisas. Tudo está ficando estranho.

—O que isso significa?

—Estamos derretendo a manteiga e queimando o pão.

Alex sorriu para ele e passou o polegar pelos lábios. —Eu te entendo. Deixe-me pegar o último lote de biscoitos e pão e vamos embora.

No carro, Corbin estava quieto. Desde que eles passaram a noite juntos, ele observava Alex atentamente para se certificar de que ele não visse nenhuma evidência da maldição causando estragos. Mas Alex parecia tão confiante e calmo como sempre. Ele deu um beijo de olá e adeus em Corbin, e sorriu para ele. Ele o agarrou pelo cotovelo quando ele tropeçou e disse que seus scones de bordo eram perfeitos.

Mas ele não tinha voltado para a casa de Corbin. E Corbin não sabia por quê. Além disso, Corbin não sabia se o comportamento de Alex era como essas coisas normalmente aconteciam ou não.

—Alex, — ele disse enquanto os deixava entrar. —O que acontece depois? — Ele estava procurando por sinais, mas nenhum apareceu. Sem a orientação deles, ele se sentia perdido, como se um de seus sentidos estivesse faltando.

—Está com fome? Eu poderia fazer o jantar. Ou podemos pedir algo.

—Não. *Seguinte*. Como sabemos o que acontece.

—O que acontece a seguir em nosso relacionamento?

Alex passou os dedos pelo cabelo de Corbin e sentiu um arrepio na espinha. Corbin acenou com a cabeça e Alex o puxou para o sofá.

—Tudo o que quisermos.

Corbin inclinou a cabeça. —Algo ainda parece incerto. Parece estranho o dia todo. Nos últimos dias. Desde... Você sabe.

—Já que passamos a noite juntos, declaramos nosso amor um pelo outro, confessamos nossos segredos, fizemos o melhor sexo de todos os tempos e passamos o dia todo conversando?

Corbin engasgou com uma risada. —Sim.

—Sim, baby. A terra mudou naquele dia. Vai demorar um pouco para ficar estável novamente.

—O que você quer dizer?

—Quero dizer, foi muito intenso, muito íntimo. Tenho me sentido um pouco machucado.

—Você tem. — Alex assentiu e Corbin se sentiu melhor. —É assim que me sinto às vezes. Como se minha pele tivesse sido arrancada e eu estivesse apenas com os nervos em frangalhos.

Alex acariciou sua nuca suavemente. —Alguma coisa ajuda?

—Eu vou embora com Carbon, Lex, Jasmine e Finnian. Ou vou para a floresta com Lobo. No verão, às vezes trabalho no jardim. Minhas tias sempre cultivaram todos os nossos vegetais, mas muitos deles morreram.

—Talvez neste verão Gareth possa ajudá-lo a colocá-lo de volta em funcionamento. Sua família tinha um enorme jardim crescendo e ele realmente sentia falta dele em Nova York. Aposto que ele adoraria ajudar.

Corbin acenou com a cabeça, sua mente vagando para Gareth e o que ele sabia sobre ele. —Ele está bem. Ele parecia... machucado quando ele chegou aqui.

—Não tenho certeza. Ele deixou Nova York para fugir de seu marido, Paul. E fico perguntando se Paul ligou para ele, mas ele não me conta. É bom que ele esteja aqui agora, mas temo que ele possa se sentir atraído de volta para lá.

Corbin hesitou antes de falar. —Você vai estar aqui agora. Ficando.

O ar ao redor deles estremeceu, cheio de tensão.

—Eu não acho que eu pretendia no início. Quando minha mãe me deu a cafeteria, imaginei que ficaria um ou dois anos, relaxaria, recomporia, venderia com lucro e daria o dinheiro para minha mãe e depois iria embora. Mas depois que te conheci, não me senti mais assim. — Ele agarrou as mãos de Corbin.

Corbin não achava que ele já tinha dado as mãos a ninguém antes. Seus dedos estavam entrelaçados como os chalás que haviam feito, a palma da mão de Alex uma raspagem quente contra a sua.

—Agora, não consigo pensar em nenhum outro lugar que eu prefira estar do que aqui, com você. Eu não sei quais são seus planos, mas...

Corbin se lançou em Alex e o beijou com tudo o que tinha.

Enquanto se beijavam, o ar ao redor deles se acalmou, a tempestade acalmou. Até agora, Corbin não tinha percebido o que seria a coisa para acertar seus nervos trêmulos, para fazer o sentimento estridente e *errado* que ele tinha estado atolado nos últimos dias retroceder. Não sabia que a incerteza nervosa era a ideia de que talvez eles tivessem quebrado a maldição... e Alex poderia ir embora de qualquer maneira.

Corbin beijou a mandíbula de Alex até o pescoço e subiu em seu colo, segurando-se nele.

Alex murmurou algo ininteligível, então se recostou. —Isso é sim, você quer que eu fique?

—*Sim.*

Alex enroscou os dedos no cabelo de Corbin e estudou seu rosto. —Quais *são* seus planos? O que você quer fazer daqui para frente?

Corbin mordeu o lábio. Ele nunca tinha feito planos. Nunca pensava em seu trabalho como nada mais do que dinheiro para comprar mantimentos ou pagar a conta da água. Ele nunca ousou sonhar com nada porque não sabia como. Agora, de repente, ele sentia como se o futuro se abrisse diante dele como um campo gramado. Estava tudo *lá*, grandes faixas, tudo de uma vez, em vez de se revelar passo a passo enquanto ele avançava.

Ninguém nunca perguntou o que ele queria. Ele nunca se perguntou.

—Eu quero... ter algo que é meu.

As palavras saíram de sua boca e brilharam na frente de seus lábios como bolhas de sabão, tão brilhantes com a promessa e tão delicadas.

—Eu nunca tive isso. Esta casa era das minhas tias, e tudo nela. Meus amigos em meus cadernos... eles são uma parte de mim - partes de mim. Os cães pertencem a si mesmos. Não sei o quê, mas alguma coisa.

—Você vai descobrir. — Alex disse, e Corbin acreditou nele.

—Alex. — Corbin mordeu as unhas. —Eu ainda quero passar um tempo com eles. Com Carbon e... todos.

—Claro —, disse Alex. —Eles são seus amigos.

Alex não mencionou Finnian e o que eles fizeram juntos. Corbin corou e sorriu quando os pensamentos de Finnian se transformaram em pensamentos de Alex, e tudo que eles ainda não tinham feito.

—Alex.

—Deus, adoro a maneira como você diz meu nome.

Corbin olhou para o rosto de Alex, todas as linhas limpas e boca generosa e aqueles olhos que o viam como ninguém jamais o viu. —Eu quero que você me foda.

O calor inundou os olhos de Alex e seus dedos se apertaram quase dolorosamente ao redor dos de Corbin.

Então Corbin se viu esmagado contra o peito de Alex, sua boca tomada em um beijo violento. A língua de Alex acariciou seus lábios e ele abriu a boca para deixá-lo entrar. Eles se beijaram e se beijaram até que ambos estavam ofegantes e se esfregando juntos.

Finalmente, Alex quebrou o beijo e ficou olhando, a boca inchada e vermelha como uma cereja.

—Vamos lá para cima.

Corbin acenou com a cabeça e tropeçou em seus pés, o coração disparado. Assim que chegaram ao quarto, Alex estava em cima dele, as mãos subindo pelas costas e a boca no pescoço. Eles caíram na cama e Corbin puxou Alex para cima dele, querendo sentir seu peso sólido em todos os lugares.

Ele ergueu o queixo e Alex o beijou lenta e profundamente, apoiado em seus antebraços na cama. Corbin afundou no beijo e puxou os ombros de Alex para pressioná-los com ainda mais força.

—Eu quero que você me esmague.

Alex parou de se segurar, deitou-se sobre Corbin e passou os braços ao redor dele.

—Sim por favor. Em toda parte.

Alex o apertou com tanta força que ele não conseguia se mover e quase não conseguia respirar, então ele começou a lamber seu pescoço. Alex lambeu e chupou o ponto de pulso de Corbin, e ondas de calor rolaram por ele. Alex mordeu de leve a curva onde o pescoço encontrava o ombro e a raspagem de

seus dentes era eletrizante. Ele beijou a garganta de Corbin, acima de sua mandíbula e atrás de sua orelha, e os quadris de Corbin empurraram para cima em excitação, mas ele não conseguia se mover.

Corbin respirou fundo. —Beije-me, por favor, me beije. — Alex o beijou, devorando sua boca, chupando sua língua e mordendo seus lábios até que Corbin estava tão quente que ele parecia ter febre. Ele tirou as pernas sob o peso de Alex e as envolveu em torno de Alex, esfregando-as.

Alex relaxou o suficiente para alinhá-los perfeitamente, então empurrou seus quadris juntos. Raios de prazer dispararam pela espinha de Corbin e ele se sentiu empurrando e empurrando, buscando aquela sensação novamente.

Quando Alex se afastou, Corbin choramingou e o agarrou, não querendo perder o contato por um momento. Alex despiu os dois rapidamente, nunca quebrando o contato visual enquanto Corbin ofegava. Alex abriu a gaveta de cabeceira e colocou o lubrificante na mesa, então ele fez uma pausa.

—Você não tem preservativos, tem? — Corbin balançou a cabeça. —Fiz o teste logo depois de me mudar para cá e não estive com mais ninguém desde então. Podemos esperar, se você quiser.

—Não, eu não quero esperar. Eu quero... — Corbin nunca tinha pensado sobre essa parte, precisamente, mas o que ele queria ficou tão claro, de repente. —Eu preciso sentir você, por favor. Eu quero você assim.

—Porra, eu também. — Alex grunhiu.

Alex abriu as pernas de Corbin com os polegares nos quadris e beijou e chupou a junção de sua coxa. Ele sugou flores de sangue sob a pele pálida e intocada e Corbin sentiu o estouro de cada vaso sanguíneo, ele estava tão sintonizado com a boca de Alex em sua carne. Alex raspou a barba por fazer contra o interior das coxas de Corbin, onde ele se coçou no passado, mas este era um prazer áspero que ele nunca sentiu.

—Sim, por favor. — Corbin engasgou, e Alex esfregou sua bochecha sobre a pele delicada até ficar rosada. Quando a boca de Alex fechou sobre seu pênis, Corbin quase voou para fora da cama. Ele sentiu como se sua própria excitação estivesse sendo engolida por um vórtice, sugando-o inexoravelmente para um buraco negro. Sugada após sugada de prazer o deixava destruído na cama enquanto ele estremecia em direção a uma explosão.

Então tudo parou e Corbin ficou tremendo, seu corpo em chamas.

— *Alex*, — ele insistiu, e Alex gemeu: —Porra, por favor, eu preciso estar dentro de você, — e Corbin disse: — *Sim, sim, sim*.

Dedos lisos deslizaram dentro dele, e Corbin pensou distraidamente que eles não pareciam nem um pouco seus. A maneira como se moviam, o tamanho e a pressão, a imprevisibilidade, era tudo tão diferente que parecia uma sensação totalmente diferente.

Então ele perdeu a capacidade de catalogar a diferença porque Alex o estava beijando e fodendo com os dedos e ele estava tão oprimido pelo ataque de sensações que não parava de pensar que estava tendo um orgasmo, mas quando olhou para baixo, seu pau estava duro e inchado e vazando contra seu estômago.

—Você, você, você. — Corbin implorou, puxando o pulso de Alex. Os dedos de Alex deslizaram para fora dele e ele se ajeitou, respirando superficialmente.

Ele beijou os lábios de Corbin e bateu suas testas juntas. —Eu te amo, — ele murmurou maravilhado. —Eu realmente amo.

Corbin tentou dizer isso de volta, porque os encantamentos eram sobre repetição, mas ele descobriu que seu coração havia se fixado em sua garganta e tudo o que ele podia fazer era acenar e esperar que seus olhos falassem por ele. Ele pensou que Alex entendia.

—Eu espero que se o seu cérebro quente pra caralho for a algum lugar incrível, você me fale sobre isso. — Alex disse com um sorriso, e Corbin fechou os olhos, a paz tomando conta dele.

As fantasias de Corbin de um homem transando com ele muitas vezes eram oceanos, planetas e estrelas. Quando Alex pressionou dentro dele, era terra. A ardente honestidade de solo, carne e rocha. Os quadris de Alex se pressionaram contra os de Corbin e ele parou, completamente por dentro. Ele se inclinou lentamente e deu um beijo na boca de Corbin. Eles ficaram assim por um momento, lábios se tocando, peitos se tocando, corpos entrelaçados. Para Corbin, parecia que o tempo parou.

Alex deslizou para frente de joelhos e pendurou as pernas de Corbin sobre seus ombros, e Corbin fechou os olhos e se permitiu sentir tudo. A carne dentro dele inchou impossivelmente mais grande, pressionando contra os músculos. Quando Alex começou a se mover em estocadas profundas e pesadas, Corbin começou a tremer. Cada golpe do pênis de Alex o provocava, e ele se apertou com força em torno dele até que Alex gemia e praguejava.

Conforme as estocadas ficavam mais fortes e mais poderosas, Corbin se perdeu. Ele agarrou os ombros de Alex porque pensava que, do contrário, ele poderia ser feito em pedaços que se espatifariam em todas as direções. Sua bunda, seu pau, seu estômago, suas coxas, tudo isso era uma reverberação de prazer enquanto Alex se movia, acariciando sua próstata até que ele se sentia liquefeito e louco de prazer.

Então aconteceu. Ele podia sentir isso. O pênis de Alex inchou e cresceu e quebrou algo dentro dele, pressionando profundamente, profundamente, como as raízes da árvore, profundamente, como as ondas do oceano, profundamente, até seu estômago. Ainda assim, Alex se movia, quente e liso como se tivesse sido feito de argila para caber perfeitamente dentro. Corbin

gritou, e aquela grande pressão se aprofundou ainda mais. Em seu peito, onde ele sentia em seu coração e em todos os seus pulmões, como se cada respiração fosse Alex.

Ele puxou Alex para baixo para que pudesse sentir ainda mais seu peso, então era Alex ao redor dele e Alex tudo dentro dele, tomando conta de cada espaço vazio e transformando tudo em pulsações de prazer.

—Alex, Alex, Alex, — ele gritou. —você está tão profundamente dentro de mim, você está em toda parte, você é a terra. — E o gemido de Alex foi uma coisa desesperada puxada dele como sugar veneno.

Em sua garganta agora, e se engolisse, sabia que engoliria em torno de Alex, e suas orelhas estavam cheias, seu nariz, sua boca, e então Corbin sorriu com o brilho de dez mil sóis porque ele estava livre. Ele não podia contar a Alex porque ele não conseguia falar, ele estava perfeitamente cheio dele.

Porra, baby, e *Oh Deus*, e seus gemidos aumentaram juntos, e a mão de Alex se fechou em torno da ereção inchada de Corbin e ele gozou em grandes gritos ofegantes de alegria, cada pedaço distante dele explodindo.

Quando Alex gritou de prazer, Corbin sentiu uma explosão de calor dentro dele que o queimou por toda parte. Queimando em sua bunda, em suas entranhas, seu coração e pulmões, e persistente em sua garganta. Ele podia sentir o gosto da argila de Alex, mineral e elementar.

Segundos, minutos, horas, milênios, e Corbin voltou a si. Alex tentou se retirar, e Corbin envolveu braços e pernas ao redor dele para que ele não pudesse se mover. Ele precisava sentir isso só mais um pouco.

Alex estava acariciando seu rosto e a curva de sua coxa e beijando-o suavemente, sussurrando coisas que Corbin não conseguia entender, mas ele as sentia de qualquer maneira.

Finalmente, eles se separaram e ficaram de frente um para o outro, os narizes quase se tocando.

—Você é incrível. — Alex disse, mas Corbin sabia que ele não tinha feito nada.

Ele balançou a cabeça e beijou Alex. —Você estava em toda parte. — Ele sussurrou.

Um arrepio percorreu Alex. —Você não sabe o que me faz ouvir você dizer isso. — Mas Corbin achava que sabia.

—Alex.

—Sim, baby?

—Eu quero te dar algo para o Chanucá. Não acabou, acabou? — Corbin não era muito bom com o tempo.

—Não, mais duas noites. — Ele passou a palma da mão para cima e para baixo do lado de Corbin sob as cobertas. —Você quer saber o que eu realmente quero?

—Sim.

—Eu realmente quero ficar aqui com você pelos próximos dois dias, caminhar pela floresta com você e comer com você. Quero tomar banho com você e cozinhar ovos com você. E quero fazer isso mais umas dez vezes. — Ele sorriu, um sorriso suave e sincero.

—Eu quero isso, — Corbin disse, se aproximando. —Isso é um presente de Chanucá.

—É o melhor presente que posso imaginar. E você nunca sabe. Talvez alguma magia de Chanucá brilhe sobre nós, e você saberá com certeza que a maldição foi quebrada.

—Eu sei que você está me provocando, mas... você disse que mágica era a possibilidade de algo que parecia impossível. Bem... Tudo isso parece quase impossível para mim. Você. Nós. Isto.

Corbin pressionou seu rosto no pescoço de Alex e respirou seu cheiro. Terra recém-revolvida, argila pesada, sal e o toque doce de amêndoas.

Quando a mão de Alex veio ao redor dele, apertando sua nuca, Corbin suspirou de prazer.

Algo dentro dele se estabeleceu em um padrão desconhecido de conhecimento.

O amor era uma maldição. Nenhum amor era uma maldição.

A solidão era uma cura. A solidão era um tormento.

Distância era segurança. A distância era esmagadora.

Havia mais coisas no mundo do que ele jamais ouviu. E havia menos.

E aqui estava ele, enredado com a pessoa por quem estava apaixonado, para o bem ou para o mal. Se a maldição não foi quebrada, era tarde demais. A armadilha já havia sido acionada.

Mas se *estava* quebrada. Se ele pudesse ter um futuro. Com Alex e com esta versão de si mesmo que podia ver mais do que sinais. Então ele *queria*. Ele queria dormir com Alex todas as noites, sabendo que haveria uma manhã para acordar com ele. E uma manhã depois disso. E manhãs suficientes para que eles ficassem juntos em algo que ele poderia chamar de vida.

Ele estava quase sem fôlego com o quanto ele queria.

—Talvez seja mágica, — Alex murmurou sonolento em seu cabelo. — Parece perfeito para mim.

Corbin respirou profundamente enquanto adormecia nos braços de Alex. Terra de Alex e mar de si mesmo. Fogo entre eles. Lá fora, o ar do inverno

soprando neve fresca para enterrar tudo, e com a brisa, a mais nua ponta de maçã verde e musgo sussurravam sobre a possibilidade.

Epílogo

Alex afastou os longos cabelos de Corbin e beijou sua nuca. Ele voltou para casa e encontrou Corbin dormindo na mesa da cozinha com a cabeça sobre os braços cruzados, e com a pressão dos lábios de Alex ele acordou lentamente.

Quando ele se endireitou, Alex beijou sua boca, sentindo o gosto de sono, gengibre e o calor da língua de Corbin. Era o que Alex sempre fazia quando chegava em casa: beijava Corbin até que o corpo de Corbin se lembrasse que isso era real. Porque às vezes, quando eles estavam separados, ele se fechava por hábito.

Mas depois de um ano, o hábito foi mudando lentamente. Agora, algumas manhãs, Corbin acordava para descobrir que seus braços já haviam procurado Alex no sono, segurando-o perto. Algumas noites depois do jantar, quando eles saíam de casa para sua caminhada noturna pela floresta, a mão de Corbin se estendia automaticamente, procurando pela de Alex.

Esses foram os momentos que Alex manteve dentro de si com uma satisfação silenciosa. A reconstrução de Corbin Wale era uma reviravolta constante, como as marés do oceano.

A reconstrução de Alex Barrow foi muito menos tempestuosa. Foi um aprofundamento, um sublinhado. Ele afundou em seu amor por Corbin com a inevitabilidade da gravidade. Em momentos inesperados, ele veria Corbin e seria pego sem fôlego com a insistência de sua necessidade. Quando Corbin o

alcançava, ele sentia aquela necessidade como ímãs encontrando seu caminho perto o suficiente para se encaixar.

Era o que ele nunca teve. E agora que o tornava ele, ele podia reconhecer a tolice de pensar que ele não queria isso.

Eles construíram uma vida que lhes cabia. Eles faziam suas próprias regras e seguiam seus próprios caprichos. E nenhum deles jamais foi mais feliz. Para Alex, era uma ampliação, para Corbin uma revelação. Mas os dois cuidavam dele como uma fogueira, alimentando-o com cuidado, para que aquecesse e sustentasse, mas não consumisse.

Agora, quando Corbin voltou para ele no beijo, Alex passou os braços ao redor dele e o segurou perto.

—Fiz duas novas receitas de muffins. E eu terminei o capítulo. —Corbin disse em seu pescoço. Corbin ainda não era muito para olá ou gentilezas.

—Sim? Conte-me.

Conte-me. Elas eram as palavras mágicas. As que faziam Corbin acreditar que seus pensamentos eram bem-vindos, acreditar que seus desejos e fantasias eram apreciados, acreditar que suas sugestões eram valorizadas. *Diga-me* tinha o poder de virá-lo do avesso. E Alex guardava cada segredo, cada palavra, a salvo.

Corbin se espreguiçou, os ombros saltando por se curvar sobre um balcão e uma mesa o dia todo. Ele tinha estado com Alex antes do sol. Corbin passou a apreciar essas horas antes do amanhecer, quando as pessoas ainda estavam dormindo, mas a natureza estava se mexendo. Eles pareciam preciosos e delicados. E o beijo de Alex antes de ir para a padaria era igualmente precioso, lábios persistentes como se ele mal pudesse se afastar.

Ele ainda cozinhava na cozinha do E Filho duas vezes por semana, mas agora preferia trabalhar nas receitas de casa. Ele acabou se revelando bom

nisso assim que permitia que sua mente vagasse naquela direção. E ele adorava a sensação dos ingredientes em suas mãos. Amava ver Alex comer o que havia preparado. Alguns de seus experimentos mais selvagens produziram resultados não comestíveis, e Alex os provou com o mesmo entusiasmo, depois o provocou com afeto e sem o menor sinal de repreensão.

—Um para o verão. Eu me senti tão verão esta manhã, —ele murmurou distraidamente. Alex beijou sua mandíbula. —Muffin de pão de milho doce feito com manteiga dourada, algumas cerejas e um pouquinho de extrato de amêndoa. — Ele tinha sonhado acordado com o milho doce de verão no jardim e a maneira como os lábios de Alex pareciam cerejas quando inchados com seus beijos.

—Mmm, essa é uma ideia muito boa.

O elogio de Alex, a *estima* de Alex, desfez Corbin como nada antes. Bem, nada exceto o comando de Alex.

—E, hum, — Corbin continuou, distraído pela boca de Alex em sua garganta, a barba por fazer eletrizando sua pele. —Muffin de farelo de gengibre. Com melaço e gengibre cristalizado. — Ele sonhava acordado com a nutrição constante de Alex, repleta de momentos de especiarias e estalos de doçura aniquiladora.

Alex o puxou para mais perto e cantarolou. —Eu podia sentir o gosto em você. O gengibre. — Ele ergueu o queixo de Corbin e o beijou novamente, as línguas se enredando, até que Corbin ficou sem ossos em seus braços.

—Você pode prová-los de verdade. — Corbin sussurrou, acenando para o balcão.

—Muffins para o jantar? — Alex disse com um último beijo no canto da boca de Corbin.

O sorriso repentino de Corbin foi surpreendentemente doce. Às vezes, as coisas o encantavam que Alex nunca poderia prever. E ver a alegria de Corbin enchia Alex de uma satisfação muito profunda para medir.

—Podemos comer panquecas também.

—Panquecas também. — Alex deu um beijo na boca de Corbin e o apertou contra ele, antes de virar para a geladeira.

Enquanto Alex fazia as panquecas - Corbin ficava muito distraído e sempre as queimava na frigideira - Corbin empoleirou-se no balcão e contou a ele sobre o capítulo que ele havia terminado.

Corbin estava desenhando uma história em quadrinhos. Uma manhã, alguns dias depois que Alex se mudou, Corbin folheou seus cadernos e sentiu uma pontada de perda. Ele não desenhava seus amigos há semanas. Ele se acomodou para se reconectar com eles e ficou surpreso ao perceber que não era *deles* que ele sentia falta. Ele estava se desenhando.

Ele ainda pensava neles com frequência, mas inventava cada vez menos histórias sobre eles.

Corbin virou páginas em branco em seu caderno - *três, para sorte e distância* - e começou a desenhar. Começou a desenhar outra coisa.

Nos primeiros dias, ele não tinha certeza do que era. Havia telhados pontiagudos e pontas de pinheiros balançando com a brisa verde. Havia duas luas sobre um jardim irregular e duas mulheres iguais cuidando de abóboras gigantes, repolhos e ervas que cheiravam o ar.

E havia um garotinho entre eles, olhando para a floresta, para os animais que ouvia ali.

Corbin desenhou e desenhou e, aos poucos, as peças foram se juntando.

Este menino não estava sozinho porque era amado por todos os animais. Este menino não estava com medo porque ele poderia voar em

direção às luas e olhar para o seu mundo inteiro e ver que estava completo, estava seguro. Este menino cresceria um dia e seria feliz, mas devagar, devagar.

Agora haviam se passado meses e a história havia crescido enquanto sua imaginação se desenrolava. Eles haviam esvaziado o sótão, com sua luz suave, para ele desenhar, e as tábuas de madeira estavam repletas de desenhos, as paredes cobertas por eles.

Corbin não tinha certeza do que faria quando terminasse. Ele não tinha certeza se ele nunca iria *ser* feito. Mas isso o deixava feliz, e isso era algo que ele acreditava ser valioso.

Depois do jantar, com gengibre, cerejas e xarope de bordo ainda pendurados em suas línguas, eles deixaram a casa de mãos dadas, botas, suéteres e casacos calçados contra a neve. Quando chegaram à linha das árvores, um latido familiar ecoou no ar e Lobo veio para o lado deles. Outros cães latiram alegremente em resposta. Eles emergiriam com o tempo.

O silêncio do ar era hipnotizante, e eles caminhavam lentamente pela neve.

—Alex.

Alex ainda sentia uma emoção cada vez que Corbin dizia seu nome. —Sim, baby?

—Já faz quase um ano.

Corbin sentiu a aproximação da temporada como um motor caindo em seu estômago.

—Sim. Diga-me o que você está pensando.

—Não sei o que vai acontecer. Eu... Se eu fiz errado, se a maldição não quebrou... — Ele balançou sua cabeça. Ambos sabiam o que Corbin pensava que isso significava. —Estou com medo de perder você.

Alex o deteve com um puxão em sua mão. —Você não vai me perder.

—Eu devo.

—Não. Não vai acontecer.

—Alex. — Corbin sabia que Alex não acreditava na maldição, não exatamente. Mas ele acreditava no poder das pessoas de fazer as coisas acontecerem ou de sucumbir a elas. Ele podia não se preocupar com a maldição em si, mas ele se preocupava com a escravidão de Corbin a ela.

Alex puxou Corbin e o abraçou, seu abraço era uma coisa volumosa de casacos, chapéus e lenços. —Quando você vai saber? É *dentro de um ano*, certo, então quando medimos? É de quando eu me apaixonei ou de quando você se apaixonou? Ou no primeiro dia em que ambos fizemos? Deus, isso é pior do que descobrir um aniversário.

Corbin o empurrou, sorrindo. —Você é ridículo. Você sabe que não funciona assim.

Alex sorriu. Ele não tinha ideia de como funcionava, mas tinha algumas ideias sobre como a mente de Corbin funcionava. Ele era inteligente e criativo e, se tivesse a oportunidade de fazer conexões, ele o faria.

—Diga-me como funciona, amor.

Corbin encolheu os ombros.

—Como você saberá quando estaremos seguros?

Corbin encolheu os ombros novamente. —Eu simplesmente saberei.

Dois dias depois, Corbin acordou ofegante no escuro.

Sua cabeça estava girando e havia lantejoulas em seu peito. As pontas dos dedos dele estavam dormentes.

—Alex. — Ele resmungou.

—Mmm, você está bem, baby? — Alex murmurou, ainda meio adormecido.

—Alex, é hoje.

Alex mudou ao lado dele, acordando com o pânico em sua voz. —Conte-me.

—Alex. — Corbin empurrou as cobertas e foi para a janela. Ele procurou nos céus e nas copas das árvores e na neve abaixo por sinais. Ele fechou os olhos e sentiu o próprio batimento cardíaco e o sangue correndo por seu corpo. Ele sentiu os batimentos cardíacos de Alex através do quarto, tão fortes e vitais como sempre.

Ele colocou a cabeça para fora da janela, respirando profundamente, filtrando os cheiros terrosos do inverno em busca daqueles que poderiam lhe dizer algo.

—Alex.

Os braços de Alex o envolveram e o queixo de Alex desceu para o topo de sua cabeça. Os dois estavam nus, e Corbin podia sentir seus arrepios em todos os lugares.

—Então, só temos que passar por hoje, certo? E se o fizermos, você vai acreditar que estamos bem?

Corbin assentiu e se deixou ser levado de volta para a cama. Seu coração batia tão forte que ele se sentia tonto. O intervalo de um dia se interpôs entre ele e tudo o que ele sempre quis, ou algo que iria destruí-lo.

—É meia-noite, esta noite, ou temos que passar até amanhã de manhã? Tipo, da manhã à noite, ou vinte e quatro horas, ou...

Corbin deu um soco no ombro dele.

—Devemos ficar na cama o dia todo? Estaremos mais seguros?

—A esposa da tia Jade morreu durante o sono.

—Ok, devemos continuar com nossos negócios como de costume?

—Não importa. Se isso vai acontecer, vai acontecer.

Corbin estremeceu e Alex o puxou para perto, deitando-se com Corbin em seu peito.

—Eu sei, Baby. Eu quis dizer o que faria *você* se sentir melhor.

Mas Corbin não sabia.

Alex foi trabalhar como de costume, prometendo a Corbin que ele mandaria mensagens a cada hora e estaria em casa às quatro. Quando ele deu um beijo de despedida em Corbin na porta, Corbin estava tremendo tanto que seus dentes batiam. Quando seus lábios se separaram, Corbin choramingou como um animal angustiado e Alex mal podia suportar deixá-lo. Mas Corbin disse a ele para ir, finalmente, dizendo que seria mais difícil vigiá-lo o dia todo, esperando.

Alex mandava mensagens a cada hora, como prometido - mais do que a cada hora. Ele enviou a Corbin fotos de tortas e croissants, scones e biscoitos. Mandou uma foto sua segurando um pão e disse que o traria para jantar. Corbin olhou para todas elas, passando os dedos pela tela do telefone que Alex insistiu que ele comprasse.

Tinha dois contatos: Alex e Gareth. Gareth gostava de enviar mensagens de texto consistindo inteiramente de emojis, que Corbin lia da mesma forma que ele lia os sinais, e respondia apropriadamente.

Ao pensar em Gareth, uma mensagem dele chegou. Este não estava em emojis.

Se Alex morrer, ainda gostarei de você. E não vou ficar com raiva de você por matar meu melhor amigo com o seu amor.

Corbin bufou. A combinação de Gareth de lealdade feroz e honestidade abrasiva tornou-se uma parte bem-vinda de sua vida no ano passado.

Se Alex morrer, provavelmente morrerei também e salvarei você do problema, Corbin escreveu de volta. Ele meio que acreditava que era verdade. Que a remoção de Alex do mundo o apagaria.

Você é um idiota, Gareth mandou uma mensagem. *Diga-me se você quer que eu vá*.

Muito inquieto para desenhar mais, Corbin se encontrou vagando pela casa em meias grossas de lã, uma camisola e calças de moletom que Alex tinha comprado, insistindo que, enquanto ele ainda deveria *dormir* nu, que poderia ser bom para ele ter algo confortável para andar ao redor. Como a maioria das coisas que Corbin nunca considerou para si mesmo, Alex estava certo.

Ele caminhou pelo corredor, observando partículas de poeira dançarem e brilharem à luz do sol leitosa, até que finalmente abriu a porta do quarto de tia Hilda.

Corbin não tinha aberto esta porta desde o dia em que os corpos de suas tias foram levados. O quarto estava sufocado com poeira e ausência, e quando Corbin entrou, parecia que ele estava caindo em outro tempo.

A cama onde os corpos das tias estavam estava nua, e chamou a atenção de Corbin como um ímã. Ele caminhou ao redor do perímetro do quarto, passando a palma da mão ao longo da parede como se estivesse desenhando um círculo. Quando chegou à cama, ele estendeu a mão como uma vara de adivinhação, mas não sentiu nada escuro à espreita lá.

Lentamente, como se fosse uma criança, subiu no colchão nu e se aninhou aos pés da cama, como naquele dia e nos dias seguintes.

As tias o amavam à sua maneira. Ele sabia disso agora, embora nunca tivesse considerado isso quando elas estavam vivas. Elas não tinham dado a ele o que ele precisava - ele sabia disso agora, também - mas elas não haviam negado nada por malícia ou mesquinhez. Elas simplesmente não sabiam. E a ignorância era dolorosa, mas não era o mesmo que falta de amor.

Elas haviam contado a ele as histórias que conheciam, transmitido as crenças que amavam. Elas lhe deram o mundo como o entendiam e tentaram o melhor para armá-lo para isso.

Ele ficou enrolado lá pelo que pareceu um longo tempo, lembrando. Lembrando a ternura da tia Hilda por seus muitos gatos e a risada trêmula de tia Jade. O chá de raiz de marshmallow da tia Hilda e a torrada de canela da tia Jade. Manhãs chuvosas sentadas em um silêncio fácil e madrugadas ouvindo as tias conversarem em voz baixa quando elas não sabiam que ele podia ouvir.

De repente, ele as errou bruscamente, como um anzol em seu estômago. Ele deixou isso passar por cima dele, e então ele deixou vazar. Quando ele deixou o quarto com um toque prolongado nas esculturas das fases da lua ao redor da cama de dossel, Corbin pensou ter sentido o ar soltar um suspiro rangente e deixar algo ir.

Naquela noite, Alex e Corbin estavam muito ansiosos para falar muito, então eles leram no sofá em frente à lareira, Corbin apoiado em Alex, Dreidel apoiada em Corbin. Corbin não conseguia se concentrar e se perdeu em assistir o fogo, imaginando-o como uma força de limpeza, protegendo-os, queimando toda a energia ruim e deixando-os com apenas paz. Alex não conseguia se concentrar muito melhor e logo abandonou seu livro para passar as mãos pelo cabelo de Corbin, torcendo-o em seus dedos e trançando seus pedaços em tranças complexas como se fosse uma massa chalá.

Foram dormir logo depois, bem cedo, ansiosos pelo fim do dia.

Corbin estava tão exausto de ficar ansioso o dia todo que não tinha energia para colocar seu medo em palavras. Ele não teve energia para olhar nos olhos de Alex e dizer *eu te amo. Eu nem sabia o que era amor até que amei você. Tenho tanto medo de perder você. Por favor, não deixe este ser o último beijo, o último toque. Me abrace a noite toda, por favor, não me solte.*

Mas não importava, porque Alex já sabia dessas coisas. Ele conhecia o amor de Corbin como conhecia o seu próprio, e puxou Corbin para ele no escuro, pele contra pele, e segurou firme, caindo no sono nos mares tempestuosos de Corbin.

Eles acordaram em um casulo de hálito quente e membros emaranhados. Lá fora, a neve estava caindo pesadamente por horas, a poucos metros dela, fazendo o mundo parar.

Era de manhã cedo, a luz do sol brilhando através da neve que caía.

Corbin acordou lentamente, então se levantou de repente. Ele empurrou Alex e apertou a mão trêmula em seu peito.

—Você está vivo.

Os olhos de Alex permaneceram fechados, e ele resmungou enquanto afastava as mãos questionadoras de Corbin.

—Alex. Alex!

Alex piscou sonolento. Então ele viu o sorriso de Corbin, puro e brilhante como um raio de sol.

—Eu estou vivo.

—Você está vivo. Alex.

O sorriso de Corbin tremeu, e então ele começou a chorar, grandes soluços devastadores que sacudiram seus ombros.

Alex sorriu. As emoções de Corbin estavam tão próximas da superfície que às vezes transbordavam. Alex ficava honrado por poder testemunhar.

Ele envolveu Corbin em seus braços e o empurrou para a cama, então ele se deitou em cima dele. Era a maneira que Corbin se sentia mais seguro - pressionado, envolvido, oprimido. Ele sorriu enquanto Corbin arranhava suas costas e finalmente colocava seus braços ao redor dele onde ele queria. Ele sorria enquanto os soluços de Corbin se transformavam em fungadas suaves e, em seguida, uma respiração estremecida ocasional. Ele sorria enquanto Corbin ficava sem ossos embaixo dele.

Ele sorria porque, embora ele não soubesse quando chegaria o dia em que Corbin confiaria nisso completamente, ele estava esperando por isso. Agora que estava aqui, ele se sentia tão leve quanto a neve caindo.

Corbin estava sussurrando coisas sem sentido em seu pescoço, e Alex pressionou sua bochecha mal barbeada contra a lisa de Corbin.

—Eu te amo, — ele disse no ouvido de Corbin. —Eu vou sempre amar você. — E Corbin estremeceu embaixo dele. —Eu te amo. — Ele disse novamente, e sentiu o alívio de Corbin se transformar em excitação. Às vezes acontecia com ele - a força de um sentimento transmutando-se quase instantaneamente em outro.

Alex correu as mãos quentes sobre o corpo de Corbin sob as cobertas, acariciando seu peito e estômago, seus braços e dedos, seus quadris e coxas. Corbin nunca abriu os olhos, apenas continuou sussurrando coisas sem sentido e choramingando enquanto a faísca entre eles queimava cada vez mais.

"AlexAlexAlexAlexAlex" derramava de seus lábios, e eles vieram juntos sem esforço, Alex deslizando para dentro de Corbin e sentindo como se finalmente tivesse voltado para casa. A imaginação potente de Corbin

frequentemente transformava o sexo em algo transcendente e mágico, e Alex valorizava esses tempos.

Agora, porém, parecia que Corbin estava *lá* com ele, tão presente que ele era como um caco de vidro. Eles se olharam, e Alex os moveu com suas estocadas, poderosas e insistentes. Ele balançou dentro de Corbin e o prazer tomou conta dele. Corbin jogou a cabeça para trás e gritou. Eles se agarraram, dedos cavando, quadris empurrando, bocas se encontrando e línguas se enredando, até que eles fossem um só corpo - sangue e osso e suor e gozo, surgindo juntos como uma onda.

Corbin choramingou enquanto gozava, seus membros paralisando, seu corpo tremendo, e então ficando sem ossos, e o orgasmo de Alex queimou a base de sua espinha e então explodiu enquanto ele se dirigia bem fundo.

Era o que Corbin sempre quis - o que Alex sempre quis dar a ele. Para ser assumido inteiramente por Alex, cada espaço vazio preenchido. Para sentir Alex dentro dele em todos os lugares e para sempre.

Depois, eles se beijaram preguiçosamente, as mãos se encontrando. Então eles foram à deriva, enquanto a neve caía lá fora, os corações batendo no ritmo, os braços e as pernas se entrelaçando enquanto a manhã se transformava em dia, o dia se transformava em noite e a noite se transformava em outra manhã. Outra, e outra, e outra.

FIM